

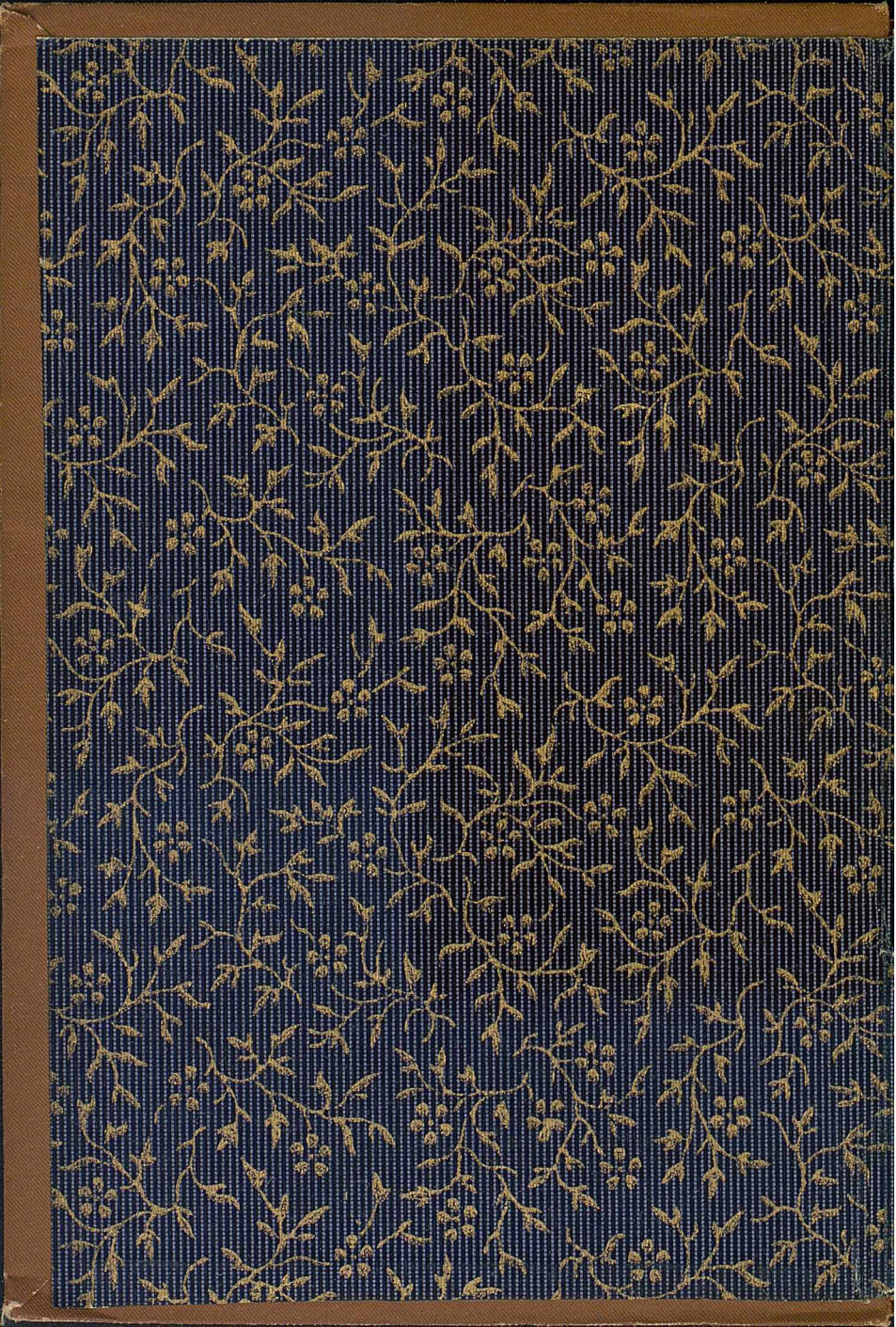
*A. Francisco Barata*

---

# A Monja de Cistér



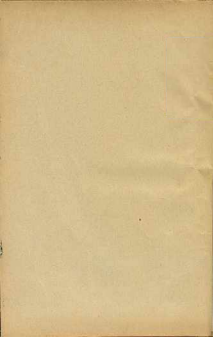








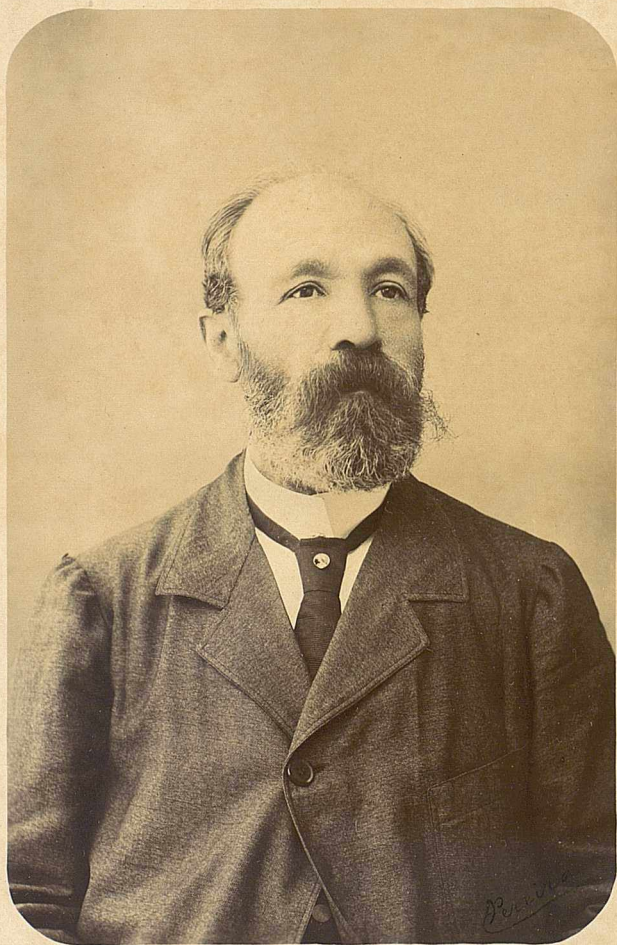














A  
7104

# A Monja de Cister

GIRO DO MONASTÉRIO

Los libros de este Monasterio son

de propiedad de la

LA BIBLIOTECA

de

ANTONIO FRANCISCO MARATA



1890

El libro de este Monasterio es de propiedad de la

Biblioteca Pública de la Universidad de Chile

(18)





~~20. 21. 2. 48 16. 3 2. 22~~

A  
1.704

# A Monja de Cistér

CHRONICA EBORENSE

Les livres immortalisent les  
hommes.

Montesquieu: — *Lettres  
Persanes*. 66.

*De 1369 a 1385*

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

(Socio de algumas corporações litterarias)



*6. 6. 04/2*



LISBOA

Barata & Sanches (Antiga casa Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup>)  
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43

1895

*[Handwritten signature]*

«La vida desesperada,  
trabajosa,  
con el trabajo reposa.»

*Question de amor,*

MEDINA DEL CAMPO,  
1545, pag. 8 v.



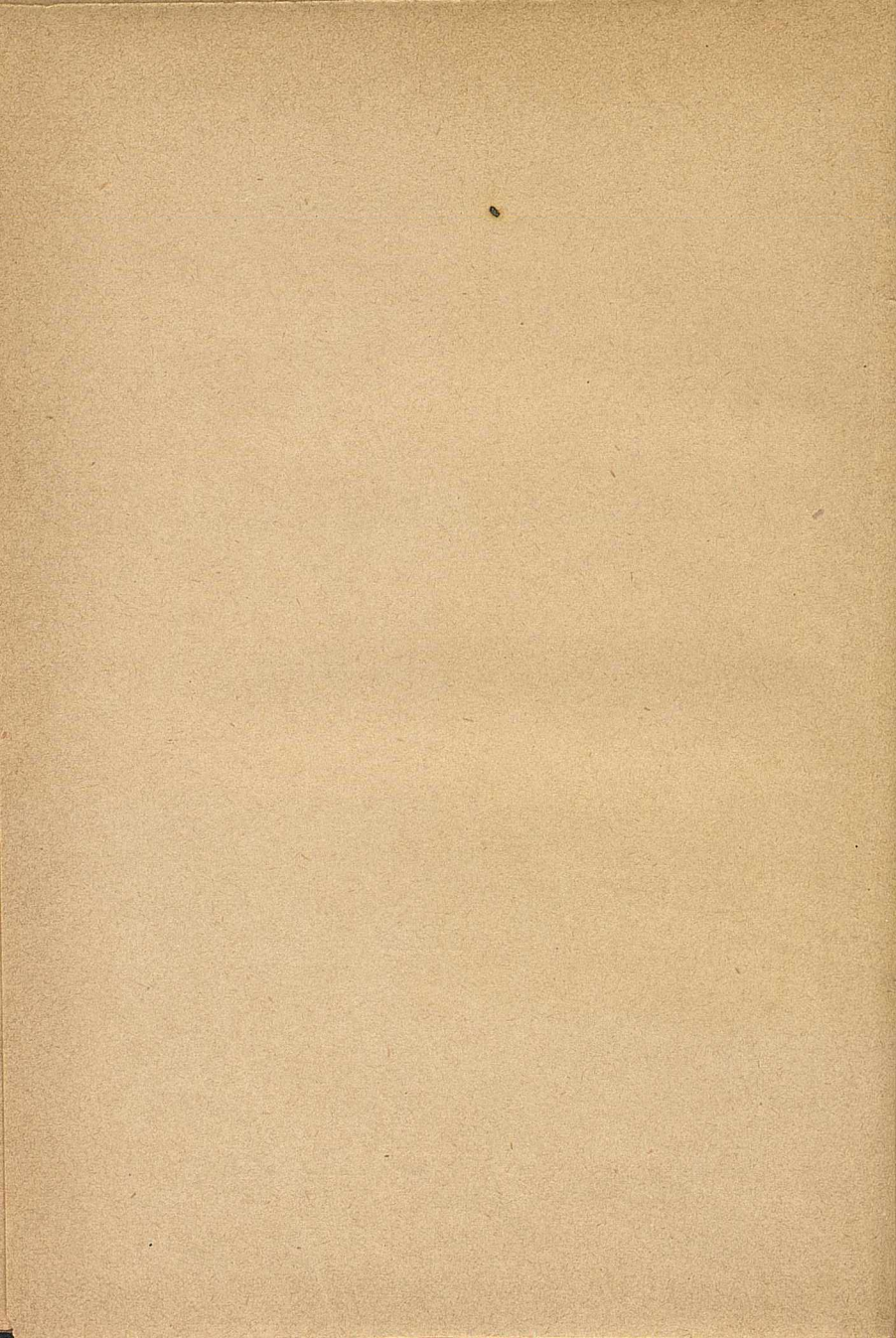
À Excellentiſſima Senhora

D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona

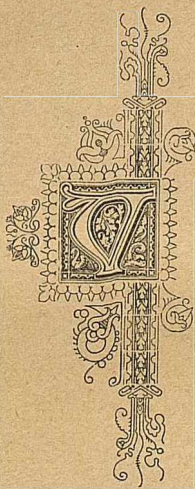
*Dedica respeitoso*

© *Auctor.*





## Nobillissima Senhora



*VENDO* eu agora 'num predio novo, para tal fim mandado construir por vossa excellencia, dever moral espontaneamente me impoz o gostoso encargo de 'nelle escrever um livro, para dedicar a vossa excellencia.

*Fructo* de alguns mezes de trabalho, este livro não vae bem sasonado, nem já agora o sol poente de minha imaginação o poderia amadurecer mais, communicando-lhe agradaveis sabor e aromas. Outomniço, um só merecimento leva: o de ser fructo de



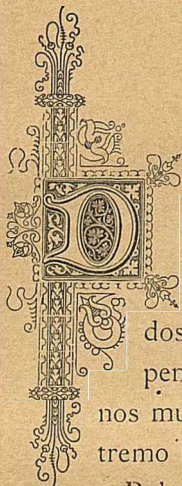
*gratidão, apreciado sempre de almas sensíveis, como a de vossa excellencia, que ordenou se me levantasse esta casa, em que darei a Deos a vida, que delle é. Que tarde seja, para eu ter muito tempo de louvar e de bem dizer a vossa excellencia e a seu excellentissimo esposo, como hoje faço 'nesta sua casa do*

*Rocio de apar S. Braz d'Evora, 27 de julho de 1895.*

*Antonio Francisco Barata.*



## ANTELOQUIO



EVIDA é a formação da nacionalidade portugueza ao valor notabilissimo do primeiro Affonso, e aos reis seus successores, até que o pendão das meias luas foi abatido nos muros da mahometana Faro, no extremo sul do reino do Algarve, reinando o Bolonhez Affonso III.

Expulsa a gente mauritana, ficára delimitado o breve reino por dois rios, nos extremos oppositos, Minho e Guadiana, e por uma linha mais ou menos quebrada que lhe marcava as lindes a levante.

As armas portuguezas, que até então combateram e venceram castelhanos para consolidação de uma autonomia, e foram levando de vencida os Islamitas ante seu caminhar triumphante, para libertar o reino de estranhos dominado-

res, entraram 'num periodo de outra sorte de guerra mais cruel do que as havidas, ferindo a irmãos no reinado de D. Diniz e Affonso IV, com excepção unica na lide de Tarifa, em que, auxiliadoras de Affonso XI de Castella, contribuíram poderosamente para a derrota de Abul-Hassant.

A forte dynastia de guerreiros enfraquecia a olhos vistos, *degenerava* na ferocidade de D. Pedro I e na volubildade e fraqueza do filho, D. Fernando, o ultimo d'ella.

De intelligencia acanhada, cynico no lar domestico, desleal e fementido fóra d'elle, D. Fernando é, talvez, o peor monarcha que tem tido Portugal.

Guerras inuteis com a Hespanha, despesas fabulosas para as sustentar, o reino tallado por castelhanos e roubado por inglezes, eis o reina-



do do *Formoso*, em que apenas se vislumbra um pouco de administração e um certo alento á marinha.

E' neste reinado, ultimo lampejo dos successores de Affonso Henriques. que se vae travar a historia, a acção d'este livro romantico.

Como se a corrupção, que lavrava nos paços de apar S. Martinho, da Moeda ou dos Infantes fosse uma epidemia de vasto alastrar, gáfara damas e fidalgos.

Dava o exemplo a umas Leonor Telles, a famosa corrupta, e a outros o irmão d'ella, que fora conde de Barcellos, não menos impuro de sentimentos.

O modo como D. Maria Telles, irmã da rainha, colhera na teia de uma entrevista amorosa para esposo ao tristemente lembrado Infante D. João, filho de Ignez de Castro, que nos conta

Fernão Lopes, deixa ver bem claramente a perfidia da honesta dama, irmã da Messalina. como o tredo proceder de D. João Affonso, outro irmão d'ellas, patenteia depravação de instinctos na connivencia do assassinato do conde Andeiro e na passagem immediata para junto da irmã, já viuva do amante e do esposo, e logo para o rei de Hespanha.

Mais chronica do que novella este livro é uma imitação do *Monge de Cistér*, do austero Alexandre Herculano, não só no titulo, como nò entreccho simples, sem emmaranhados lances de phantasia. 'Nelle se estuda o passado de Portugal nos costumes sociaes, na indumaria, na linguagem, conforme o tempo disponivel de officiaes obrigações.

Arrojo parecerá a certos homens o atrevimento; porém, tenho para mim que quem o ler



com olhos cultos não só concluirá que me não envergonha o trabalho, como não offende o nome glorioso do mestre.

Não nascem 'nesta boa terra portugueza Her-  
culanos em cada dia, em cada lugar; mas, por-  
que isto é uma verdade, deverão os demais ho-  
mens desanimar por não poderem attingir o acu-  
men de perfeição e de mestria que tocára o glo-  
rioso fallecido? De modo nenhum.

• Nasceu este livro da leitura de um pergami-  
nho do mosteiro de S. Bento de Castris da Or-  
dem cistérciense, da era de 1422 (1384).

A barbara morte, em Evora, de uma abbades-  
sa d'aquella casa religiosa chamára-me a atten-  
ção, e o dever moral de escrever a vida d'essa  
mulher em harmonia com o fim que tivera, para  
a dedicar a uma nobre dama eborense, para logo  
me deliberaram a estudar e a tomar a penna.

Preciso era fitar um fim moral, que justificasse um tanto o da abbadessa perante a religião christã, construindo sobre esta base o acanhado edificio, de modo a poder achar entrada no palacio da singular senhora, que me permite o ingresso 'nelle da *Monja de Cistér*.

Na leviandade, na ambição de grandezas, na fraqueza natural da mulher e no meio em que ella vivera, achei eu elementos para reconstruir o viver da heroína do livro simples. A historia patria me offereceu o heroe, as tintas e quadros que 'nelle se vêem.

Pouco fez a phantasia alem do concatenar factos, e esta, aos sessenta annos de vida já não tem, já não pôde ter a luxuriante ramagem que alguma hora teria.

Circumscreve a natureza ao homem o campo de suas cogitações, de seus desejos, de seu as-



pirar: é proximo o horisonte de suas vistas; descobre a porta por onde hade sair do palco d'este theatro da vida, em que, bem ou mal, desempenhou o papel que lhe fôra distribuido na comedia ou farça ridicula, se não mesmo no drama, ou na tragedia algumas vezes.

Isto observado e dito, leia o livro quem tiver vontade de ler, e de aprender, que não pouco tem elle de ensinamento para os menos instruidos, e lembre que o auctor o escreveu nas horas do descanso, do repouso do espirito, como não esqueça aquella verdade de Bernardim Ribeiro: «*o escrever alguma cousa pede muito repouso*», repouso que eu não tenho.

Por ultimo, escrevo que ficam 'neste livro bastantes vocabulos antiquados, obsoletos, que foi preciso empregar no dialogo, e, por vezes, na descripção, para o leitor apreciar os usos e

costumes do seculo XIV. Sei que são elles do desagrado de uma grande parte, que antes os quizera trocados pelos correspondentes de hoje. Isso fazem muitos escriptores, não lhes importando o anachronismo que commettem, por se não darem ao trabalho do estudo especial, que não é comesinho.

Como elles não penso: entendo que um homem do seculo XIII ou XIV não póde vestir casaca e pôr chapéu alto, nem fallar com a linguagem de hoje.

Um livro da natureza d'este é livro de estudo para quem queira saber. Assim, no fim d'elle ficará um vocabulario de termos empregados, menos conhecidos da maioria que lê, para que, sem recorrer a Dictionarios, entenda o que escreveu.





## CAPITULO I

### *In Principio*

Porque os homens e a remem-  
brança dos feitos, que fazem,  
no podem sempre durar nos co-  
raçoens dos homens, que depois  
nacem, porem foi achada a es-  
crittura, que as cousas tras-  
passadas por firmidoem da es-  
criptura sejam sempre presen-  
tes.

*Doação d'Affonso III ao  
filho D. Affonso.*

**M**ão longe de Tarouca, em terras de La-  
meço, um valle existe formoso de ver-  
duras de castanheiros, de cerejeiras e de  
outras arvores fructiferas, no qual se fundou o  
convento de Santo Antonio de Ferreirim, da  
Ordem Franciscana, a expensas do quarto conde  
de Marjalva e de Loulé, D. Francisco Coutinho,  
que 'nelle jaz em rico moimento.

Uma quinta havia ali a familia nobre do conde, appellidada de Ferreirim, solar acastellado de seus maiores, que, em volvidos tempos, d'aquellas terras expulsaram aos mouros. Permanece ainda uma torre 'desse solar acastellado, como testemunha de passada grandesa.

Enlaçam-se Coutinhos e Menezes desde tempos antigos por forma, que de uns e de outros difficilimo é o querer alguém deslindar genealogias e formar arvores de gerações, tanto de uma como de outra familia.

Antes da epoca que se vae estudar, 'naquelle tempo, e hoje mesmo, a familia Telles de Menezes tanto se ramificára nos enlaces com outras que, a bem dizer, não só difficilimo se não impossivel se torna o determinar á luz da historia as inumeras arvores saídas do tronco common, D. Pedro Bernaldo de S. Fagundo, castelhano, casado com D. Maria Soares da Maia, ou, se quizerem, de D. Affonso Tello e de D. Theresa Sanches, filha de D. Sancho 1 e de D. Maria Paes Ribeiro. Rara será a familia nobre em Portugal em cujas veias não corram globulos do sangue da familia da mulher de D. Fernando, rei de Portugal.

Para o meu fim de historiador, de reconstruitor do viver e querer de nossos antepassados baste por agora saber-se que 'naquelle solar de Ferreirim vivia, com certa grandesa, uma fami-



lia nobre correndo o seculo xiv, quando o sceptro destes reinos de Portugal e dos Algarves era sustido de D. Pedro 1 e, seguidamente, do filho, D. Fernando.

Sabido é de todos quantos leem o como D. Fernando se enamorou da mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Póimbeiro, quando ella fôra á côrte de Lisboa para visitar sua irmã, D. Maria Telles, dama dos paços da infanta D. Beatriz, irmã natural do rei.

Aquelle D. Fernando *formoso e inconstante*, que a historia nos representa cupidissimo frascario, e pouco zelador do decoro e honra dos paços d'apar S. Martinho, hoje desfigurados na prisão do Limoeiro, depois de haver intimidades escandalosas com a irmã, D. Beatriz, a filha de Ignez de Castro e de seu pae; depois de conspurcar reputações de donas e donzellas de sua casa, ao ver 'nella a formosa Leonor Telles de Menezes, já casada e mãe, fixou 'naquelle corpo gracioso della suas vistas apaixonadas de todas as mulheres lindas e bem formadas, e para logo se sentiu acorrentado aos olhares provocadores da fidalga provinciana.

Formosa, na verdade, bem talhada de formas esculpturaes, conscia de sua belleza de mulher feita, Leonor Telles, ao perceber no moço rei inclinação decidida por sua posse corporal, começou instantanea a esquecer marido e filho



e a bem lhe saber o galanteio do monarcha.

Era a mulher vaidosa de grandesas, embora a custo de deshonras que, ao apparecer-lhe a occasião, a toma resoluta pela trança dos cabellos e a prende fortemente ao jogo bem combinado dos seus desejos, com difficuldades aos do moço D. Fernando, para quem seria fructo prohibido antes do Matrimonio.

Vencidas difficuldades, desfeitos obices, annullado o Matrimonio de João Lourenço da Cunha com a esposa que fôra delle, D. Leonor Telles de Menezes, com esta casára alfim o rei de Portugal. Havia uma rainha o povo portuguez, imposta contra sua vontade, pela do monarcha estonteado.

E a côrte, que já se não podéra considerar innocente em puresa de costumes, começára de gravitar em volta d'aquelle astro de nefasto recordar, de novo apparecido em Lisboa.

Rainha, senhora absolutissima do fraco rei, astuta, por intelligente, embora mulher, maldosa por indole e corrompida nos sentimentos com que tão prompta refugára marido e prole, Leonor Telles começou a demonstrar ao paiz, aos reis, ao mundo o poder de uma mulher elevada ao throno de Isabel de Aragão.

Acercando-se de affeições da nobresa com dadivas extorquidas ao imperante, já de titulos, já de commendas valiosas, já de pingues loga-



res, Leonor Telles não esquecera a parentella numerosa, que elevára quanto podéra.

E sem que por agora se escreva mais desta Leonor Telles, sou forçado a retroceder na chronologia, conforme as memorias do tempo, que vou soletrando no manuscripto antigo de pequenina letra franceza, que me serve de guia no labyrintho historico em que entrámos, eu e o leitor. Tenho de o levar, ao ledor desta quasi chronica, ao solar dos Coutinhos em terras de Arouca, onde nascera Joanna Peres Ferreirim, a que vae ter proeminente logar 'neste livro, e onde vivera até d'ali sair para Lisboa.

Retrocedamos, pois, que precipitada vae a narrativa.

Historiarei descrevendo, entrando para isso affoutado pela historia do reinado de D. Fernando, e, seguidamente, pela de D. João I, em cujos reinados se trava a acção deste livro.

Foi o reinado de D. Fernando um reinado singular de contratos fementidos, de casamentos feitos e desfeitos e de guerras com os reis de Castella, a que se julgára com direito, como veremos 'neste estudo.

Ateiada andava uma das primeiras, nas reciprocas correrias que ora uns ora outros faziam em terras inimigas. Era isto por 1369.

D. Fernando estava em Coimbra quando houve nova de que D. Henrique de Castella



lhe assediava Guimarães, e sem demora correria em auxilio da pristina côrte portugueza.

Recrutando soldados por Viseu e Lamego, D. Fernando foi, em certo dia, pernoitar a Ferreirim, por não haver tempo de chegar a Arouca, onde posera fito itinerario.

Como já vimos, ali haviam os Coutinhos o solar de familia, um castello roqueiro medieval, em que vivia o castellão Vasco Fernandes Coutinho, a esposa e duas filhas, Guiomar e Joanna. Ali, áquelle solar de familia, foi D. Fernando buscar pousada com os fidalgos, cavalleiros e escudeiros que o acompanhavam, em quanto as levás recrutadas, a marchas forçadas, caminhavam sobre Guimarães.

Entre os fidalgos que acompanhavam ao rei ia um eborense, Vasco Martim de Mello, filho de outro, ambos pessoas da intimidade affectuosa do monarcha. Era Vasco moço de dezoito annos então, porém em perfeito desenvolvimento physico de formas varonis, esbelto, ardido, formoso mancebo, emfim.

A mais velha das filhas do senhor de Ferreirim, D. Joanna, um anno haveria de menos na idade do que o pagem estimado del-rei.

Grande vae o reboliço no castello ao saber-se 'nelle que para ali se encaminha D. Fernando, a demandar pousada. Conforme aos costumes do tempo, todas as pessoas da familia de casa



corriam pressurosas a receber seus hospedes, maiormente sendo elles do porte de D. Fernando.

Chegára, pois, a regia cavalgada á ponte levadiça do castello, era noite já. Descida a achára o rei, e della até á escadaria principal da feudal habitação postados os creados da casa e visinhos, com tochas accesas, por entre as quaes passou D. Fernando, montado em animoso murzello, e os fidalgos, que o acompanhavam, em luzida cavalgada.

Entrados no vasto pateo do castello, todos se apearam ao fundo do escadorio granitico, que lhe dava entrada, onde com sua mulher e filhas o esperava o fidalgo, á luz de mais tochas, sustidas de escudeiros da casa, com as librés dos Coutinhos.

Patriarchaes costumes da fidalguia provinciana eram aquelles, em que os de casa vinham buscar á rua ao seu hospede, e com festivas demonstrações de jubilo o conduziam ao interior della.

Beijada a mão a D. Fernando, deu este o braço á fidalga e foi subindo adiante, seguindo-se o castellão, e logo a demais commitiva do rei.

Dentro tudo eram luzes e flores por aquellas salas e andares das torres.

D. Fernando, ao chegar ao cimo da escada-

ria, parou um instante, volveu a cabeça para o pateo do solar acastellado, por se certificar do que ouvia dês que começára de subir : um ruido singular, espantoso, de centos de espadas tinindo, de milhares de grevas, ferindo os degrãos da escada, facto que o levava admirado, por ser pequena sua commitiva e não poder vir della tamanho estrondo. E, comtudo, vinha, na repercussão de um ecco poderoso que havia o pateo.

Sorrindo do magico effeito, que lhe mostrára vir seguido de muitos centos ou de milhares de homens de armas, D. Fernando, ledó, satisfeitissimo, entrou no solar de Ferreirim, crendo ver um agouro feliz de exito militar no magico effeito de vir cercado de numerosa hoste.

'Naquelles tempos cejavam os reis de Portugal; não era como hoje em dia em que tomam uma parva ao levantar da cama, que já é um almoço, almoçam ao meio dia e jantam á noute. E como os costumes palacianos são imitados dos grandes e achegadiços, o mesmo succede a estes.

Aposentado elrei, e com elle os fidalgos de sua commitiva, chegára a hora da ceia.

Vasta mesa de castanho, coberta de um bançal de finissimo linho, continha talheres para cincoenta pessoas: taças de prata, gomis de bastiães com agua e vinhos diversos, albarra-



das de prata para os beber, assados em profusão, pão alvo e de ló substanciaes, doces de Arouca, tudo, enfim, que 'naquellas epochas remotas constituia a rica mesa de um fidalgo provinciano.

Ficára D. Fernando no topo da mesa, dando a direita á senhora da casa, e a esquerda ao bispo de Lamego, D. Lourenço, que ali fôra *ad hoc* por beijar a mão ao monarcha. Ao centro o solarengo Coutinho entre as duas filhas, e defronte delle, D. Henrique Manoel, que foi conde de Sea, D. Gonçalo Tello e Vasco Martin de Mello. Os demais fidalgos e convidados de Coutinho occupavam os logares restantes.

Servida foi abundante ceia á claridade de muitos lumes, aos sons de charamelas, rebecas e cytholas, que se tangiam em sala contigua.

Guiomar e Joanna, as filhas do senhor de Ferreirim, se não eram formosas eram lindas ambas: davam nas vistas a todos, maiormente a D. Fernando, muito entendido em assumptos de bellesa feminil.

Notava-se que diversos eram e mui diversos os genios das duas irmãs: Guiomar sisuda, grave, modesta; Joanna viva, bullicosa, desembaraçada.

Deslumbrada estava Joanna com o que via: elrei em sua casa! um rei novo e formoso, um mancebo qual ella outro não vira por aquelles

sítios em que se creára! E defronte della, que gentil pagem delrei! que gracioso moço de fina barba loura, que della não despregava os olhos! De todos os convivâs D. Joanna era a mais feliz.

Emquanto D. Fernando muito agradado era de Joanna Peres, no coração de Vasco Martim de Mello despontava outro sentimento com mais pujança de vitalidade. Vasco não amára ainda: tomára-lhe a carreira militar, a vida dos combates os poucos annos do seu viver de homem: 'nesta vida só ha o amor da gloria das armas e o da conservação pessoal no meio de renhidas pugnas, em que a victoria sae de montes de cadaveres, brota de mares de sangue humano.

Não tivera Vasco ainda um tal inimigo em sua frente: as ascumas dos castelhanos não se podiam comparar aos virotões despedidos dos olhos lindos da solarenga de Ferreirim. Começava o novel guerreiro a ser vencido das frechas de Cupido, saídas da aljava de uns olhos encantadores: começava a vencel-o a mulher.

Terminada a ceia, fallaram-se os dois, Vasco e Joanna. Não diz a chronica o que se disseram; mas presumil-o-ha o que já amasse uma vez, a primeira, a primeira, que as demais teem sabor diverso, diversissimo.

Votára, pois, Vasco a Joanna um amor purissimo, tão puro como puros são os aromas



dos lirios dos valles, os das violetas em manhã primaveral. Acceitar-lho-hia Joanna Peres com egualdade de retribuição castissima e pura?

Noite velha terminou o sarau festivo. Por uma hora da madrugada já se não viam luzes no castello feudal: repousava tudo.

E tarde era, de facto; que 'naquellas epochas raro seria o fidalgo provinciano que depois das dez horas da noite velasse ainda.

Era o jantar então ao meio dia, como, pouco depois da bocca da noite, tinha logar a ceia. Seguia-se a conversação á lareira das chaminés, os fogões de hoje em dia, o contar de historias de mouras encantadas, a leitura de algum pergaminho de couro, com historias de cavallarias, á luz d'azeite do candieiro de latão, ou da simples candeia cravada no mancebo de madeira: após, tudo se recolhia a seus aposentos.

'Neste ponto da narrativa fariam dilatadas excursões os novelleiros da actualidade, sobre insomnias de amantes, devaneios de felicidade em sonhos semireaes, tentativas de aproximações e mais cousas verosimeis ou não. O manuscrito diz somente que no dia immediato, de manhã, D. Fernando seguira marcha sobre a vetusta Guimarães, não obstando umas atoardas de levantamento de cerco, que ao rei chegaram.

Volveram alguns annos: Vasco e Joanna fi-



caram-se em correspondencia de tardias missivas, até que chegáa o de 1372 em que D. Fernando, saído da capital por força de circumstancias, com D. Leonor Telles, ainda não sua esposa *de praça*, conforme aos dizeres do tempo, passára por Lamego e Ferreirim, por segunda vez.

Lusida côrte já levava o rei de cavalleiros, e donas, e donzellas. Acompanhavam a D. Fernando os irmãos naturaes, D. João e D. Diniz; o conde de Neiva e Faria, D. Gonçallo; o de Sea, D. Henrique Manoel e muitos fidalgos, em cujo numero iá Vasco Martim de Mello.

Por furtar o leitor a minucias descriptivas, informal-o-hei do mais importante.

Se bem que D. Leonor Telles ainda não fosse como rainha de direito, de facto a consideravam todos, com raras excepções, como era o infante D. Diniz.

Encontrando em Ferreirim a parente D. Joanna Peres, cujos paes viviam em certa abundancia mas não se podiam considerar senhores de grande casa, D. Leonor formou proposito de comsigo levar aquella prima entre as donas e donzellas de sua côrte, a fim de a elevar de futuro com algum casamento que lhe buscasse e casa que lhe desse. E levou-a.

Celebradas as nupcias de D. Fernando no mosteiro de Leça, e sendo, de direito, D. Leo-



nor Telles a rainha de Portugal, a Lisboa volveu a côrte, apasiguados os tumultos de desgosto do povo por semelhante enlace, que não só a elle mas á nobresa offendera grandemente. Acceitára o povo a theoria moderna, ou antiga, dos factos consumados, que, se não tem por si o melhor direito, ficam tendo o que começa, o consuetudinario, que, por fim, é como outro qualquer, se não mais firme pêla posse do objecto.

Escusado é narrar que os dois amantes folgaram muito com tal acontecimento, por se verem a meude e a meude se fallarem.

Pouco durou, porém, aquella ventura; porque Joanna Peres, leviana por natureza, offuscada com o brilho da côrte, e lembrando sempre, sempre a primeira vez em que vira Vasco e D. Fernando, devanejava sonhos de mor ventura do que vir a ser, em proximo ou remoto futuro, a esposa de um guerreiro, embora nobre e esforçado, qual era Vasco Martim de Mello. Ambiciosa, Joanna Peres, fazendo parte de uma côrte em que o rei era raptador de damas e a rainha uma ambiciosa, como ella, começára em seu peito a crear-se a ideia de subida ao regio throno, quando vasio fôsse de rainha, caso que a imaginação lhe promettia possível, por mil modos dos tantissimos que a realidade da vida tem.

Apparecia, pois, um rival a Vasco, e, cousa não vulgar! mais saído da vontade de Joanna Peres do que da de D. Fernando, que nem sabia dos amores dos dois cortesãos, nem o diligenciára ser.

Vira-a a primeira vez em Ferreirim, olhára-a, gostára della, talvez, pelo principio naturalissimo, modernamente exposto na cançoneta castelhana:

Me gustan todas,  
Me gustan todas,  
Me gustan todas  
En general.

.....

E nada mais ao tempo.

Aqui noto eu que o leitor não entra satisfeito a portaria deste livro: tropeça bastantes vezes nas saliencias escabrosas da historia, nas lacunas della, e, por exemplo, um me pergunta que força de circumstancias foi aquella que levára D. Fernando a saír da capital com D. Leonor Telles, sem esta ser sua esposa.

Razão tem, leitor, que pergunta, e pois vejo que não é lido em nossa historia, cousa que a ninguem fica mal, embora lhe não seja para louvores, aqui lhe deixo resposta ao seu perguntar.

Enfeitiçadisso era D. Fernando de mulheres formosas, no que havia fino e delicado gosto,



de modo que um dia se enfeitçou de uma mulher casada, como já lhe disse, a de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, que viera a Lisboa, como também já leu, e vira nos paços de sua irmã, D. Beatriz, filha

«... da misera a mesquinha

«Que depois de ser morta foi rainha.»

Resolvendo casar com ella, D. Fernando começou, por isso, a ser mal visto da nobresa do reino, e, mais ainda, do povo de Lisboa, das classes mechanicas.

Reunidas estas um dia em numero de milhares de homens armados, caminharam para os paços d'apar S. Martinho, tumultuando descontentamento, e fizeram saber ao monarcha que muito lhes desprazia semelhante affeição regia á mulher de outrem, por ser um peccado nefando, contra o decalogo.

Temendo-se D. Fernando e D. Leonor Telles do povo revoltado, saíram da capital e se foram jornadeando pelo reino, até ao norte d'elle.

Assim, explicadas ficam as circumstancias que desejára conhecer, e assim foi que passou por Ferreirim, como o leitor viu, caminho de Leça, onde tornou effectivo o casamento com mulher alheia, com previa annullação do primeiro, fundamentada em parentesco que Leonor Telles

de Menezes tinha com João Lourenço da Cunha.

Taes são, pois, os motivos que forçaram o rei de Portugal a saír de Lisboa.

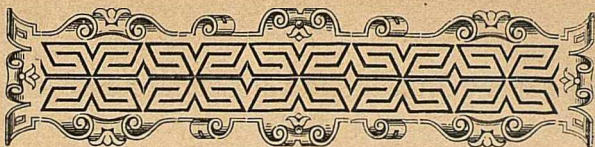
Não admire o leitor a facilidade com que os reis alcançam de Roma dispensas, ainda para casos como o exposto.

Acho que poucos serão os negocios que a Santa Sé não resolva caroavel para socego e bem estar da humanidade necessitada, e salvação de suas almas.

E assim deve de ser, que de outra sorte se falsearia a pacifica missão delegada de Christo em S. Pedro, e de S. Pedro em seus successores.







## CAPITULO II

### *Quem Reina?*

«Todalas criadas daquella senhora (D. Leonor Telles) se fingiam sempre muito amaviosas, por tanto que o manto da caridade que mostram seia cobertura de seus desonestos feitos.»

*Fernão Lopes.*



DE volta do norte do reino, já casado, D. Fernando entra em Coimbra em setembro de 1373. Noticia lhe chega ali de que D. Henrique de Castella entrára com mão armada no reino, por lhe fazer guerra.

No Chão do Couce intenta D. Fernando oppor-se-lhe; porém, ou reconsidera por si ou por seus conselheiros, e vae esperar ao invasor

em Santarem, deixando em Coimbra a Leonor Telles, prestes a ser mãe de uma menina, que viria a ser desposada de quatro ou de cinco noivos.

O exercito de Castella avança sobre Santarem, e d'ali sobre Lisboa, sem resistencia do *fraco rei, que faz fraca a forte gente*.

Ao mesmo tempo que o invasor caminha sobre a capital do reino, entra o Tejo a esquadra castelhana, sem lucta do amedrontado e covarde Lançarote Pessano, ou Pessanha.

Em fevereiro de 1373 faz sua entrada em Lisboa D. Henrique, e aposenta-se no convento de S. Francisco. Lisboa fortificada mantem-se em seu posto e D. Fernando permanece em Santarem!

A este tempo entra no reino um enviado do Papa, o Cardeal de Bolonha, falla em Santarem a D. Fernando em pazes, que elle acceita, corre a Lisboa e com D. Henrique as ajusta igualmente, assentando-se em que no meio do Tejo se avistariam e fallariam os dois monarchas.

Era tempo; que Portugal gemia sob o ferro castelhano, vencedor em terra e mar. A um sem numero de oppressões diversas já se ajuntava o incendio da rua nova em Lisboa, que não só a devorou, como a parte de outras; já a prisão e resgate de Vasco Martim de Mello,



pae e filho, em combate, á Porta do mar; já uma grande vergonha avexava ao rei e á nação portugueza.

De Santarem sae D. Fernando com o infante D. João, o Mestre de Sant'Iago, D. João Afonso, conde de Ourem, e Ayres Gomes da Silva, o que fôra seu aio, e vae embarcar no porto de Alfange. Rio a cima vem dois barcos ao mesmo tempo, o de D. Henrique e o do Cardeal de Bolonha, e demandam o Cubello, em aguas de Alfange.

—Fermoso rei, fermosa barca, fermoso araes! exclamára D. Henrique ao ver vir vogando para si o barco do rei de Portugal.

Juntam-se os tres barcos, em meio o do Cardeal.

—Mantenha-vos Deus, senhor; muito me apraz de vos ver, que é cousa que eu mais desejava, dissera o rei de Castella.

—Por egual vos mantenha a vós, senhor rei de Castella, respondera D. Fernando.

E fallaram-se, e trataram pazes, que se fizeram, entrando nas capitulações, a de que os fidalgos castelhanos, ao serviço de Portugal, seriam expulsos do reino.

Compacta de historia vae esta parte do livro romantico, ora começado, a desprazer de muitos leitores, bem sei; mas, precisa é ella no urdimento simples de seu entrecho; e, pois que o

é, não o leia aquelle que della não gostar, e feche o livro.

Na rede dos expulsos castelhanos entrára, ostensivamente, João Fernandes Andeiro, esse bajulador de D. Fernando dês que o festejára na Corunha, e fôra-se para Galliza.

Se carecesse de alguma demonstração historica aquelle adagio: *Diçe-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens*, o assumpto deste capitulo o demonstraria á maravilha.

D. Leonor Telles subira ao throno dos reis de Portugal, donde provinha em adynamisado sangue, a darmos credito ao que se lê em genealogias. Cegára-a a ambição de ser rainha, e a de mandar, e a de elevar sua parentella, quanto podesse.

Vimos já como ella ascendera ao solio, e ora veremos como sua irmã, D. Maria Telles, mulher que fôra ou era casada tambem, e como ella mãe de um filho, do mesmo sentimento se deixou dominar. Era o meio da côrte a exercer o seu natural influxo.

Casada fôra ella com Alvaro Dias de Sousa, fidalgo portuguez de grandes rendas, que se homisiára do reino em tempo de D. Pedro I, temendo o *cruel rei*, que suspeitára, se não tinha certesa, de que o fidalgo conversava uma dona, que o era do monarcha.

Tinha já um filho, Lopo Dias, a quem fôra



dado o Mestrado de Christo, que ella administrava. Grande casa havia de donas, donzellas e officiaes, como quem era.

Ainda moça, formosa e gentil, sobre generosa de condição, mulher era ella para dar nas vistas d'homens. Viu-a o infante D. João, filho de Ignez de Castro, e della se enamorou apaixonadamente. Soube-o D. Maria; e, como fizera a irmã, fez-se rogada, difficultou-se ao infante, como aquella ao rei, e noticiou-lhe que perdia seu tempo se com ella não casasse.

Vencido o infante do amor e difficuldades, que lhe creára D. Maria, e ponderando que o seu proceder, se casasse com ella, o mesmo seria que tivera o rei para com D. Leonor, resolveu casar com a mulher alheia, dado que o marido expatriado vivesse ainda, com expressa condição de que se conservasse occulto esse acto até que conviesse tornal-o publico.

E assim, occulto estando o Matrimonio, nasceu um filho a D. Maria Telles, que mais tarde veio a ser D. Fernando d'Eça.

Não se podéra occultar á rainha este casamento da irmã, que disso foi grandemente desgostosa.

Era que o infante, por seu valor pessoal e boas partes, muito estimado e querido era do reino, tanto como sua irmã por virtudes e bondosa condição. Receiava a rainha ambiciosa que

se tramasse contra ella, desamada do povo, alguma cousa que viesse, de futuro, a depol-a a ella de rainha para ser substituida da irmã, e D. Fernando do infante.

Doentio se fizera o rei, por forma que não promettia larga duração, e este facto maior convicção dava ás suspeitas do seu receiar.

Precisava, pois, empregar meio energico e didicido que obstasse a tamanho mal.

Fingindo ignorar o casamento de D. Maria, Leonor Telles conluiou-se com o irmão, D. João Affonso Tello, para que este fizesse saber ao infante como do agrado da rainha seria o casamento delle com a infanta D. Beatriz, sua filha, visto que a Deus não aprouve dar-lhe um filho varão, que herdasse o reino, devendo ser elle esse herdeiro.

Seductora era a lembrança, que lhe levára o irmão da rainha ao infante D. João, e tanto que para logo começou a não pensar 'noutra cousa se não no modo como deveria desquitar-se de D. Maria para se casar com a infanta herdeira do reino de seus maiores.

Folgára infinitamente D. Leonor Telles com a certeza de que D. João acceitára a lembrança e seu tornára o pensamento que lhe levára o conde D. João; mas, faltava alguma cousa mais; não bastava o querer elle, era preciso o poder fazel-o.



Sob flores de sorrisos e de amigas fallas ao infante D. João, D. Leonor Telles era a vibora que 'nellas se escondia e se preparava para morder certaíra.

Narram chronicas que ella fizera chamar ao veador do infante, Diogo Affonso de Figueiredo, o commendador de Elvas, Garcia Affonso do Sobrado, e que, na reunião havida em sua presença, levára ao irmão a levantar a D. Maria o falso testemunho de que ella trahia ao infante, e que, por isso, elle a podia matar com razão.

Era o golpe de misericórdia aquella calúnia infamíssima, era sentença de morte lavrada pela perfidia da rainha contra a innocente irmã, D. Maria.

Lá vae caminho de Coimbra o filho de D. Ignez de Castro para assassinar a mulher. Lá vae sobre aquella formosa cidade para repetir a tragedia de sua mãe um filho da assassinada! aquella *creancinha* a quem os saíões d'Affonso IV *não tiveram respeito*, como chorou Camões no episodio da morte de D. Ignez de Castro.

Não se determina, com rigor historico, o local da habitação em Coimbra de D. Maria Telles. Ou fôsse em Sobripas ou fôsse junto á ponte, é certo que o infante ali chegou um dia cedo, acompanhado de seus homens d'armas, a cavallo todos.

Abrira-se a porta, por sair uma servidoura

da casa, e o infante sem, por isto, ter de bater e de dar signal de sua chegada, subiu com os seus.

Fechada achou elle a porta, que dava para uma torre, onde D. Maria repousava ainda. Arrombada, investiu por ella irado e ambicioso; e ao chegar á antecamara da esposa achou as camareiras e ama do filho, acordadas ao arrombamento, transidas de pavor nos leitos, em que estavam.

Saltára do seu assustada, e temerosa de tão estranha alvorada, a pobre D. Maria, mal tendo tempo de se envolver na colcha da cama, e mal podendo ter-se de pé, animou-se em perguntar:

—Que vinda é esta vossa tão desacostumada?

—Sabel-o-heis agora: vós andastes dizendo que minha mulher ereis, e me exemplastes per que elrei o veio a saber, e pozestes em risco de perder a vida; pois se minha mulher sois, a morte mereceis, por me fazerdes adulterio.

—Mal aconselhado vindes, e Deus perdoe a quem taes conselhos vos deu: entrae 'nesta camara que melhor conselho vos mostrarei.

—Para rasoar nom vim comvosco, lhe respondeu o infante; e, puxando rijamente pela colcha, que a cobria, deu com ella no chão, ficando na queda quasi toda nua, com dor dos que o acompanhavam, que desviaram as vistas de tal scena de brutalidade.



E, sem mais palavras serem ditas, lhe cravou no coração um bulhão, que lhe dera em tempo D. Leonor Telles, e, seguidamente, no baixo ventre.

—Acurrre-me, Virgem Maria! exclamou, expirante, a innocente dama, rendendo a vida e alma a Deus, em golfadas de sangue...

Concluida aquella façanha de cavalleiro de-nodado, o infante desceu, montou a cavallo como os seus, e se foi ponte adiante, á brida larga, que só afroxou em S. Paio, a seis leguas d'ali, onde esperou aos seus companheiros; que não poderam acompanhá-lo mais do que seis.

Quem lhe attentasse no rosto, alumeado pelos raios do sol nascente, 'nelle veria estampada uma palidez mortal, e quem lhe podesse ver o coração, verho-hia apertado em convulsões doloridas de pavor, de remorsos, de vergonha de si.

Fugia, por isto, que fuga era aquella marcha vertiginosa.

Veja o leitor o que para ahi fica de repugnante! repugnante a auctora da tragedia, D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, repugnantes os conselheiros, repugnantissimo o senhor infante D. João!

Que tempos aquelles!

E lá ficou em Coimbra o cadaver de uma formosa mulher, que tão innocente era que não

fez caso nem dos avisos da côrte, nem dos do filho, D. Lopo Dias de Sousa, que de Thomar lhe expedira um proprio a prevenil-a das intenções damnadas do infante.

Obedecera á consciencia, como se ella houvera força de desarmar assassinos... Pobre mulher!

D. Leonor Telles, a urdidora da tragedia, folgou intimamente com a nova da morte da irmã, e cobriu-se de dó exteriormente, até no rosto accintemente entristecido.

Retrahido o infante a Riba Coa, perto do extremo do reino, d'ali mandou pedir perdão do seu crime ao rei, que lho perdoou, pelo que voltou á côrte, acompanhado de cento e cincoenta de cavallo.

Nem o rei nem a rainha lhe fallaram em cousa alguma, que podesse lembrar, ao menos, o casamento com que lhe acenaram.

E como não seria assim se Leonor Telles já conseguira parte de seus fins, qual o de não poder ser rei de Portugal o infante D. João e rainha a irmã? Para que ella o fôsse até á morte preciso lhe era que a filha casasse em Castella: era a segunda parte do seu *desideratum*.

Frustrado seu plano de ascensão, o infante saiu da côrte para Entre Douro e Minho, e por ali viveu vida de remorsos, de tristezas, de arrependimentos, até que soubera como o Mestre



de Christo e o conde D. Gonçalo iam buscal-o para vingar a morte de D. Maria, mãe de um e irmã de outro, com seis homens de companhia se passou a toda a pressa a Castella uma certa noute, indo parar a S. Felix dos Gallegos, onde estava sua irmã, D. Beatriz. E não mais voltou; que D. Henrique de Castella o mandára ir á côrte, e o casou com sua filha, D. Constança, dando-lhe meios para ambos viverem á lei da nobresa.

Excellentemente ficára sendo o de D. Constança...

Assim se desfez aquelle sonho de realesa do filho de D. Ignez de Castro, e desapareceu para sempre o direito e sympathia que o infante tivera em Portugal, onde podera ser rei mais facilmente do que o irmão, natural também, o Mestre de Aviz, como um pouco mais tarde se viu nas côrtes de Coimbra, donde saiu rei de Portugal esse filho de Theresa Lourenço, não sem difficuldade importante.

Veja mais uma vez o leitor o que era a côrte de D. Fernando I de Portugal, em que vivera dez annos de sua vida em apprendizado de primores, D. Joanna Peres Ferreirim, a parenta da rainha corrompida!

Em quanto no temporal Castella e Portugal se combatiam em disputa de direitos, não corriam lá por fora melhormente as cousas no es-

piritual, para damno das nações. Eleito Papa o Arcebispo de Bari, Bartholomeu Perignano, com o nome de Urbano VI, a contento da Italia mas não de França, elegeram os cardeaes d'esta nação, que eram muitos, em desobediencia áquelle, a Roberto, cardeal de Gebenna, que diziam da linhagem dos reis d'aquella nação, com o nome de Clemente VII. Assim começa de lavrar no mundo catholico um scisma desgraçado de poderio e mando, cujos centros, Avinhão e Roma, fulminaram reciprocos anathemas durante trinta e nove annos, combates de excommunhões, batalhas de encyclicas.

Deixemos, porém, o que lá vae por fora do reino, e volvamos nossas vistas para o que se passa em Portugal, notoriamente no interesse de nossa historia.

De curta duração foram as pazes feitas: D. Fernando irrequieto, ambicioso de reinos e perdulario dos enormes haveres que lhe deixára o pae em mais do que uma fortaleza, prepara outra guerra a Castella, por morte de D. Henrique e subida ao throno do filho, D. João.

D. Leonor Telles, que já vira perto de si a João Fernandes Andeiro, encetára com elle a campanha em favor do marido, carteando-o e mandando-o sair para Inglaterra a procurar auxilio na familia real d'aquella nação, que interesses havia na Hespanha, por direitos matri-



moniaes adquiridos. Embarca na Corunha o fidalgo gallego e a conspiração começa activa.

Chega o anno de 1380: D. Fernando e a rainha são nos paços de Estremoz. A occultas, Andeiro vem ao reino, e corre ao rei e á rainha a lhes communicar o estado em que deixára as negociações com o duque de Lencastre e d'Aymon, e com o conde de Cambridge, irmão d'aquelle.

Recebe D. Fernando ao embaixador e recatadamente o aposenta em uma torre do castello, por modo a não soar sua entrada em Portugal.

Acceites as clausulas, faz-se saber ao duque de Cambridge que venha com os seus tres mil homens.

Prestes está, pois, uma nova guerra ao novo rei de Castella.

Mas enquanto João Fernandes Andeiro é agente de uma guerra a seu rei nacional, outra começa, perfido e villão ruim, ao rei que o recebera em Portugal, de consequencias deploraveis para a honra de D. Fernando e para os brios nacionaes.

Foi nos paços do castello de Estremoz que se iniciou a campanha contra a honra do rei formoso, sendo entrado o anno de 1381.

Andeiro, aposentado no interior do castello, sem de ninguem de fora ser sabido, começou de ter duplas conferencias com o rei e com a

rainha; com ambos elles sobre a guerra á Hespanha, e a sós com ella sobre a conquista de sua formosura. Audaz, atrevido, cousa de mulheres bem recebida, o fidalgo gallego, ou por impulso proprio, com abuso de confiança do amigo, ou provocado de Leonor Telles em olhares convidativos e palavras meio claras, das que ellas sabem dizer, levou longe a conspiração infamadora da realesa, sem que nos digam as chronicas de então se chegára a ferir-se combate e Andeiro a cantar victoria. Provavel é que não, como saberemos mais tarde. O que relata o manuscrito, gerador desta historia, é que um dia, saído elrei da camara da rainha, fôra visto sair tambem o Andeiro da sua delle, e encaminhar-se para o logar que ficára vasio do monarcha.

Uma dama de Leonor Telles o aguardava para lhe dar ingresso nos aposentos da rainha e um pagem de D. Fernando o sentira vir descendo a escada da torre, em que eram seus aposentos, e o vira sair della.

Andeiro, ao achar-se no corredor, que conduzia á camara da rainha, olhou para o lado opposto, por onde saíra o rei, quiçá por se certificar de ninguem ser visto.

Ninguem vira; mas vira-o alguem.

Encaminhando-se para a torre, onde jazia Leonor Telles, foi na camara della introduzido pela dama, que o esperava.



Que demora houvera a conferencia intima não o sabemos nós, para apenas conhecer que quando saiu do regio aposento notou que no extremo corredor entrára 'nelle um homem, que logo não conheceu e que se adiantára para lhe vir ao encontro.

A ideia de que fôsse D. Fernando não o incommodou muito; porém, a de que outrem fôsse algo o inquietou, não só por se poder saber de sua existencia em Portugal, como de se suspeitar dos fins com que procedia.

Dados alguns passos, tanto por um como por outro, logo Andeiro conheceu ao que para elle vinha. Era o pagem delrei, Vasco Martim de Mello, que sabia de sua estada no paço, e agora ficava sabendo da entrada d'elle na camara da rainha na ausencia de D. Fernando. Não gostou do encontro. Approximaram-se.

— Mantenha-vos Deus, Vasco de Mello.

— Assi vos mantenha a vós, respondeu ao castelhano o pagem de D. Fernando.

— Vedes-me ora por prima vez dêz que sou vindo, pero tenho que discreto serês, dissera o Andeiro.

— Em al falleemos, que sei discrições.

— Dizede, Mello, o que avem?

— Acaece, João Fernandes, que sou, como vós, enamorado de...

— Como eu? atalhára o Andeiro.

—Si, como vós, sem reбуço fallemos. Vós mirades o sol, e eu solamente enxergo uma estrella.

—Pero Vasco, eu...

—Lisamente fallemos, atalhára o pagem. Leixo-vos o campo livre com tanto que me ajudês na minha empresa.

João Fernandes Andeiro comprehendeu de prompto o alcance das intenções de Mello, que se mostrava ao facto das suas delle. Houve por ajuisado e prudente não discutir nem fingir ignorancias. E os dois pactuaram ser João Fernandes medianeiro amoroso de Vasco perante Joanna Peres, que continuava a despresar-lhe a affeição, promettendo Vasco de Mello a João Fernandes a ninguem, a ninguem revelar o que poderia entender-se de sua entrada na camara da rainha, quando ausente della era o monarcha.

Pacto diverso era aquelle nos fins que miravam os dois, se bem que egual o era nos meios, ou, quando menos, na mutualidade de serviços. Impulsava a um delles uma primeira paixão, de purissimo almejar, e a outro o torpe desejo de manchar instantaneo a honra de um homem e os brios de uma nação.

Era, pois, Vasco Martim de Mello o unico homem que sabia dos amores nascentes, que tão perniciosos foram ao reino, e que tão fataes poderiam ser a João Fernandes Andeiro, e era



este homem quem ficára sabendo que Vasco Martim de Mello amava loucamente a Joanna Peres Ferreirim, dama da rainha.

Bem pensado fôra o pacto; porque ninguém como o Andeiro poderia aplanar difficuldades no coração de Joanna com a garlopa da vontade de D. Leonor Telles, a que se comprazia, por utilidade propria, em fazer casamentos.

Interrompe aqui a narrativa o manuscripto: vejamos como elle prosegue. Entrára julho de 1381 e a 19 d'elle penetra a barra de Lisboa a frota ingleza, trazendo uns tres mil homens mercenarios para auxilio do rei de Portugal, na guerra que premedita a Castella. Tres mil hu- nos antes que alliados são esses bretões.

Pobre Portugal, que desde o cerco de Lisboa, por Affonso Henriques, até nossos dias, tens sido a victima fraca desses insulanos poderosos, pechelíngues rapaces só do mundo imbele!

Envergonha-se a gente de presenciar o espectáculo que segue á chegada do conde de Cambridge!

Com o maior apparato desce á Ribeira D. Fernando e recebe a condessa, e o marido, e filho, e a todos. Dando o braço á condessa, D. Fernando segue, a pé, com os demais da committiva para a Sé, onde se canta um *Té Deum*, e, terminado elle, volvem os inglezes, a cavallo,

para S. Domingos, e é o rei de Portugal o palafreneiro da condessa ingleza! Vergonha, que não cortezia! vergonha, sim, vergonha!

De Santarem volve a Lisboa D. Leonor Telles, com a filha, e damas, e donzellas, e fidalgos, e, antes de entrar nos paços dos Infantes, visita em S. Domingos a Nossa Senhora da Escada, quiçá por lhe haver servido della na subida ao throno de Portugal.

Trocam-se visitas, crusam-se presentes, ordena-se a vinda do reino a Lisboa de cavallos e mullas dos acontecidos para os inglezes, e D. Fernando reconhece, na Sé, ao Papa Urbano VI, e no mesmo dia esposa a filha, de sete annos, com o filho do conde de Cambridge, de seis annos de idade, deitam as creanças sobre sumptuosissimo leito, os bispos inglez e portuguez resam sobre os casadinhos, e ali juram todos reconhecê-los por herdeiros de Portugal, se D. Fernando morresse sem deixar filho varão!

Que movimentada scena de farça risivel! se não fôra de muito entristecer a do reverso desta medalha festiva!

Roubos, violencias inauditas de toda a casta respondem nas ruas de Lisboa e cercanias della aos saraus e festas palacianas...

E o peor é que se prolonga o damno até que o povo portuguez começou de dar 'nelles, e a



matar uma boa terça parte desses nossos queridos alliados.

E a corte, como de costume, aposenta-se nos paços dos Infantes, ou de apar S. Martinho.

Eram estes paços um labyrintho de construcções de variada forma, como os paços actuaes de Cintra. No local onde existiram está hoje a cadeia do Limoeiro, conservando pouco ou nada d'aquelles tempos.

Vae o anno caminhando para o fim. Um dia chega ao paço a nova de que morrera D. João Affonso Tello, conde de Ourem e tio da rainha: quem primeiro o soube foi D. Leonor Telles.

Era meia tarde de Setembro. Leonor Telles repousava em sua recamara; estava só, por que elrei dormia a sesta 'num sotam por baixo d'aquella casa, para onde se descia por uma escada cochleada.

Para se fazer hoje uma ideia, ainda que imperfeita, do que seria a recamara de Leonor Telles aqui ficará descórada descripção.

Casa sobre o comprido, era alumeada por luz amortecida dos vidros de côres das janellas ponteadas de ogiva, representando scenas da vida de Trajano.

De setim azul, com esteios de velludo carmesim, eram os cercamentos da casa, e as mesas e contadores marchetados, e os espelhos de Allemanha. O chão coberto de alfombras de Bris-

tol, as portas com reposteiros custosos de panno de Inglaterra.

Por cima das mesas de Allemanha tudo eram cofres de ambar e de Frandes marchetados, redomas com polvilhos de Chipre, beijoim e perfumes varios.

Quasi na extrema recamara um leito precioso de cortinas de brocado carmezim morado e azul, correntes de sendal verde e branco, que desciam da cobricama de brocado verde, cobertor de frisa branca, cabeçal de pennas, fronhas de lenço francez.

Brandamente recostada, languida estava ali sosinha Leonor Telles, sobre uma especie de finissimo divan de pennas. Vestia uma simples fraldilha de fino panno de lã, uma cota de setim de Quartanai, e por cima destas vestes uma opa de leve brocado carmesim.

Deixava cair o pé direito, calçado de chapim verde, sobre uma almofada de velludo roxo, e tinha o outro estendido ao longo do divan na curvatura breve da perna esquerda, que lhe arregaçava levemente a fraldilha alvissima. A cota desapertada deixava-lhe ver o arfar do peito, plintho formoso de mais formoso collo e cabeça.

Era uma seducção aquella mulher, uma seducção aquella aposento delicioso de aromas, de luz esbatida, de socego invejavel.



Que Adão haveria que, ao penetrar ali, não sentisse intimos fremitos de tentação peccaminosa?

Leonor Telles sorria linda ao afagar os pensamentos voluptuosos, que lhe adejavam na mente amorosa, e ao reler um pergaminho pequeno que tinha na mão.

—Tarda Joanne, tarda-me tanto... dissera ella algo inquieta, ao fitar um reposteiro, que vedava uma porta particular e communição com a camara, onde só entravam el rei, as donzellas de sua côrte, e, ao que se deprehende d'aquellas palavras della, o fidalgo gallego, João Fernandes Andeiro, o seu terceiro marido, vivos dois!

Leves passos ouviu ella, e, seguidamente, notou que o reposteiro cedia a um lado, assomando no desvio a cabeça, adorada por ella, do Andeiro feliz.

—Só estaes? perguntára elle.

—Por ti esperando, gentil audace, respondera a rainha. Vem cá.

Leonor Telles sentou-se, deixando cair voluptuosa a perna esquerda sobre a almofada de velludo. Andeiro correu para ella a se lhe ajoelhar aos pés e beijar a mão.

—Preciso é que eu te alevante, Joanne, á plana dos Menezes. Morto é meu tio, o conde de Ourém, e eu quero que lhe succedas no condado.

—Pero, senhora, a vontade del rei outra será...

—Outra! El rei já o não é; fraco e adorentado deu-te o logar a ti, meu Joanne, sim, meu; porque te quero muito. Não o queres tu ser?

—Senhora! E Andeiro lhe beijou de novo a mão.

—Toma este condado, que te eu dou. E entregára-lhe o diploma regio.

—Senhora! Pero o não mereço, e os fidalgos portuguezes poderão rugir...

—Que rujam o que quizerem, conde de Ourem.

Ouviu-se uma campainha no sotam em que dormia a sesta D. Fernando. Leonor Telles ergueu-se de um salto e disse para o amante:

—Espera-me.

—Senhora! mas el rei aqui é, e...

—Não virá. Onde Joanna Peres?

—Espera e guarda: contaes vós com ella?

—Si, conto.

E a rainha de Portugal, desviando o reposteiro da escada cochleada por ella desceu rapidamente.

João Fernandes Andeiro ficára-se a ler o diploma regio, que lhe dava o valioso condado de Ourem. Feliz, lera e relera o diploma o novo conde, não embargando um não sei quê de cuidado, de mal estar ali, nos intimos aposentos do rei de Portugal.



A confidente dama de Leonor Telles, que tanto velava a camara como a recamara, e que podéra observar o succedido, entrou 'nesta, durante a ausencia da rainha, para, risonha, felicitar ao novo senhor de Ourem.

—Quão feliz sois, Andeiro! lhe dissera Joanna Peres. Só eu...

—O não sois por que não queredes.

—Porque não quero? Por Santa Maria! se quero!

—Queredes e refugaes o mais esbelto pagem del rei!

—Ah! Fallaes de Vasco, bem entendo; mas não lembrades que sou da semel da rainha, e nom sabeis que, ao ver Vasco de Mello por primeira vez, ensembra vi D. Fernando?

—O que! atalhára espantado o novo titular. Será que...

—Refugo Vasco Martim de Mello por não engeitar D. Fernando, isso é.

—Pero, Joanna Peres, serês perdida, se a rainha o vem a saber.

—E vós, conde de Ourem, assassinado, se el rei vier a saber o que eu sei.

—Joanna Peres, que nom vejo eu porque assi me revelades essas cousas.

—Para entrarmos em capitulações. Já segredos guardamos d'alta monta: outros hemos de guardar ainda: queredes?

Ouvira-se D. Leonor Telles 'neste instante fallar da escada, que subia, para D. Fernando, que ficava no sotam.

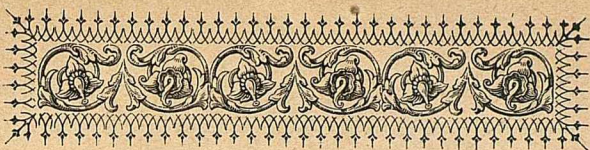
Joanna Peres apenas disse para o Andeiro, antes de sair apressada:

— Sigillo: fallaremos.

O que mais se passou na recamara de D. Leonor Telles não o diz o manuscripto.







### CAPITULO III

## *A Corte de D. Fernando*

«Onde (a corte de D. Fernando) aos terrores do veneno ou do ferro assassino, que pesavam carregados e sombrios em todas as frentes, se associavam deleites abjectos; onde a prostituição e a morte tripudiavam junctas em choreas infernaes.»

Herculano : *Monge de Cister*, 2.<sup>o</sup> pag. 137.

**Q**MUANTO a impunidade permite aos mercenarios inglezes a continuação de roubos, violencias e vexames, dentro dos paços d'apar S. Martinho campeia o desenfreamento de costumes em todos, desde o rei e rainha pela escala abaixo das donas, donzellas, cuvilheiras, ovençaes, charamelleiros e falcoeiros até aos moços do monte. Uma corte gafada dos vícios dos imperantes.

Notavel é que o pergaminho que nos guia 'nesta narrativa não falle de Joanna Peres dêz que saiu de Ferreirim até ao tempo em que nol-a apresenta, como vimos no anterior capitulo, ambiciosa como Leonor Telles, sonhadora de grandesas, afeiçãoada a D. Fernando. Dez annos é periodo largo para que uma mulher nova possa viver sopitando aspirações, ordenando ao coração que não ame, despresando afeições, que lhe tenham, como sabemos da de Vasco Martim de Mello. O que terá sido o viver della no paço não se sabe, ao certo; porém conjectural-o-hemos, se o não chegarmos a conhecer exactamente, pelo que se vae ver.

Suspeitava-se de que ella vivia de aspirações grandissimas, das maiores a que uma mulher podia aspirar; mas não se sabia bem quaes ellas fossem. Historiemos pois.

No dia seguinte áquelle em que vimos o que se passára no paço, depois que o conde de Ourém saíra da camara de Leonor Telles, onde frequentes vezes entrava, introduzido por Joanna Peres, esperou-o esta 'numa sala proxima e o convidou a entrar com ella em seus proprios aposentos.

Estranhou muito Andeiro o convite, por novo e singular, e pretendeu escusar-se; porém, taes razões lhe apresentou Joanna Peres, que o feliz conde annuiu.



Entraram, assentaram-se em tamboretos de espaldar de couro, de grossa pregaria.

Larga conversação houveram os dois, conforme se vê do manuscripto, que textualmente se não reproduz, pelo emperrado da dicção, do desagrado do leitor d'hoje, que só o acceita em parcellas diminutas, como lhe tenho dado e darei, quando convier. A summa sim, em linguagem correntia.

Com assombro de João Fernandes lhe narrou Joanna Peres o como recebera em Ferreirim a D. Fernando, quando solteiro, e casado já, como constava, e como em seu peito se gravou a imagem do formoso rei em culto amoroso; como folgára em sair de casa com D. Leonor Telles por sua donzella, facto que a approximára de D. Fernando; como diligenciára, durante dez annos, chamar para a sua affeição as vistas amorosas do rei, sem o conseguir; como, finalmente, depois de tanto esperar julgára ter chegado o instante desejado de se declarar abertamente ao homem que adorava, desde que o vira.

'Neste ponto lhe observou o Andeiro que não sabia porque lhe chegára esse momento ha tanto esperado, para se mostrar apaixonada de D. Fernando; que não via causa para agora fazer o que podera ter feito, maiormente sendo o rei leviano e amigo de mulheres, e que, sobre tudo, lamentava o querer ella ser a barregã de um



rei, pois que al não podia ser, casado D. Fernando, e entrado em doença incuravel, como diziam á bôcca pequena os physicos.

Aqui lhe lembrou por segunda vez o pedido de Vasco Martim de Mello, e asada occasião era ella, em verdade, para não só a desviar do louco intento, como para lhe lembrar o mancebo que tanto lhe queria em silencio, com uma paixão purissima, das que poucas vezes apparecem tão vehementes no mundo. E lembrou-lh'o, e sua causa d'elle defendeu e advogou, por interesse proprio, com muitas razões ponderosas, sendo a principal a de que melhor lhe ficava o ser esposa de Vasco Martim de Mello do que barregã, comborça de D. Fernando.

Joanna Peres sorria ao ouvir o conde de Ourem, sem se mostrar magoada com a insinuação de querer ser ella a barregã do rei, e sem nem sequer attentar no nome de Vasco, e respondeu-lhe: que o momento asado lh'o fornecera elle, conde, na prova que ella tinha de seus amores criminosos com Leonor Telles; que lhe propunha um pacto de amoroso auxilio, auxilio que ella já lhe havia prestado e continuaria a prestar, concorrendo elle perante D. Fernando para lhe dar noticias da paixão e amor que lhe tinha.

— Mas reparaes, Joanna Peres, que não poderês ser del rei mais do que misera comborça, dando de barato que elle vos queira...



— Como quizerdes, conde, chamar ao estado que já teve a rainha, e que eu posso ter ante que tenha o que ora ella tem.

— Mas como tocaredes esse segundo estado? lhe perguntára, assombradissimo, João Fernandes.

— Como? como?... E callára-se.

— Callaes, senhora, o como?

— Em sua simplesa el rei não sabe de vossos amores com a rainha; mas sendo que o saiba, não vedes ainda o como?

— Não, certamente que não, Joanna Peres.

— Ora simples como el rei me parecedes! Pois não vedes que, apesar de brando, tem alguns accessos de ira D. Fernando, e poderá fazer o mesmo que fez o irmão delle á della? ou matar-vos a vós?

— Impossivel o que lembrades: el rei é um fraco, um adorentado, que eu bem conheço.

— Não receiades, que D. Fernando o saiba?

— Não, que nom vejo quem lho diria.

— Eu, se me aprouver.

— Joanna Peres, tal não faredes, lhe disse meio irado, o Andeiro.

— Ah! Receades por ambos os culpados, e para isso é o caso.

— Mas vós sois desleal á rainha... e...

— E vós tredo ao rei.

— Joanna Peres, onde queredes vós chegar com tal conversação?

— Aproámos agora; se queredes viver, conde de Ourem, sem conhecença de D. Fernando do vosso crime, sem que a nobreza offendida o saiba, preciso é que nom viva a rainha.

— Que dizedes? mulher monstruosa! redarguirá o Andeiro, pondo-se de pé.

— Que morra, para viverdes vós, continuára, serena, Joanna Peres.

— Nunca! oh! não! não!

— Estonces morrerá o conde de Ourem, dissera Joanna Peres, seccamente, erguendo-se, rosto sereno, altiva, prophetica, temerosa.

— Não será assi, mulher mais perversa do que...

— Do que D. Leonor, queredes dizer vós? Antes dizede do que uma ambiciosa.

— Basta! veremos quem non viverá, terminava João Fernandes, indo para sair rapido.

— Parae! lhe bradou Joanna Peres, puxando de um bulhão finissimo, que trazia occulto, e antepondo-se.

Andeiro recuou um passo, cada vez mais asombrado da donzella simples de Leonor Telles, e esta donzella continuou:

— Non queredes pactuar?

— Nunca!

— Entom sigillo, conde de Ourem! muito si-



gillo... E escondeu a misericórdia na opa es-carlate de Bristol, que lhe cobria o corpo.

D'ali saíra turvado o conde de Ourem, sem haver tempo de bem reflexionar sobre o que se passára com aquella mulher extraordinaria, tão subitamente apparecida terrivel.

Saiu dos paços dos Infantes apprehensivô o nobre estrangeiro ditoso. Aquella mulher era perigosa, e muito.

Veio vindo até á sé, sentindo travar-se-lhe na mente grande luta de ideias. Annuir aos planos amorosos de Joanna Peres perante o rei? Mas isto, sobre lhe ser vergonhoso, era contribuir para a desharmonia conjugal, cousa que, sabida, lhe traria o desamor de D. Leonor Telles, o odio e desprezo até, se não mais alguma cousa.

Não lhe agradára o plano, por se lhe affigurar villão. Temia contribuir para a desharmonia do regio thalamo, elle, o aviltador de seu amigo! elle o conspurcador dos arminhos da realza!

Revelar o succedido á rainha? affigurára-se-lhe melhor solução; porque não era Leonor Telles mulher para não punir a ambiciosa e des-leal servidora, em quem tanto confiára, desvian-do-a, de vez, não só dos paços se não do mundo. Tinha vantagem, é certo, o plano de des-apparecimento de Joanna Peres, porque levaria comsigo o segredo dos amores incestuosos da

rainha; porém, ficava Vasco Martim de Mello, que tambem os conhecia, e os poderia tornar publicos. Este homem era outro perigo.

Recolhido a seus paços, o conde passou noite insomniosa nas cogitações solutivas do problema intrincado.

No dia seguinte foi aos paços d'apar S. Martinho, como de costume o fazia.

Declinava a tarde de um agradável dia, que se mantivera fresco, sem chegar a ser frio. D. Fernando dormira a sésta no sotam, que conhecemos, por baixo da recamara da rainha, e tinha subido para um miradouro elevado, que olhava para a vasta bacia do Tejo formoso desde Sacavem até á barra.

Duas escadas conduziam ao sotam fresquissimo do rei: a que descia da recamara da rainha, e a que delle subia ao miradouro, onde estava D. Fernando.

Conduzido por um pagem, que o esperava, ao interior dos paços, ali encontrou Joanna Peres, risonha, e alegre mesmo, contrastando no semblante com o do conde, sombrio e meditabundo.

— Leda sois, Joanna Peres, lhe dissera Andreiro. Por ventura ou desventura ousastes...

— Começar sem convosco? assi o fiz, respondeu ella.

— Queredes dizer entom que el rei sabe...



— Que ha mais quem lhe queira bem do que minha prima, isso sabe elle.

— E al nom sabe?

— Al nom sabe ao presente.

— E que nunca o saiba, Joanna Peres, ca se o souber guai de vós!...

— Já nom temo, conde de Ourem; vós sois quem devedes temer delle.

— Pero a rainha...

— Essa tem de temer como vós. Mas, entrae em sua recamara, e sede tranquillos, que el rei é no miradouro.

E Joanna Peres deixou ir o conde para a recamara de Leonor Telles, subindo ella por outra escada interior dos paços para junto del rei, que lá estava no miradouro.

Já com el rei estavam alguns fidalgos em conversação politica.

— Trigosa vae sendo a chegada dos cavallos dos acontiadados, Gonçalo Mendes, dizia D. Fernando para este fidalgo.

— Assi é por nosso mal, real senhoria.

— Por nosso mal? dissestes, replicou el-rei.

— Certo, senhor, que os inglezes andam mui desmandados pela cidade e seu termo.

— Esso sei, Vasconcellos; mas que hei de eu ora fazer?

— Leval-os a Alemtejo o mais aguçadamente

que ser possa, respondeu Gonçalo Mendes de Vasconcellos.

— Bem dizedes: ordenar vou a saída para Santarem e após para Evora.

Chegára 'neste momento Joanna Peres ao miradouro. El rei, ao avistal-a, sorriu-lhe affeições e para ella disse:

— Buscavas a rainha, aposto eu, Joanna?

— Senhor si, comvosco a julgava, respondera Joanna Peres, córando muito, muito.

— Chegada nom é; mas quiçá cedo venha: espera por ella se te apraz, dissera o rei, continuando a conversação com Gonçalo Mendes e com os filhos, e com outros fidalgos que o acompanhavam.

'Nisto chegára outra donzella da rainha, que se foi para a Peres, ambas esperando a chegada de Leonor Telles.

— Gonçalo Mendes, quero que fiques frenteiro de Lisboa; nom te apraz?

— Senhor! tamanha honra vos agradeço, e beijou-lhe a mão pela mercê.

Mais fallaram sobre a guerra e cousas de governança, emquanto as donzellas da rainha, a um lado do miradouro, por ella esperavam, como de costume cada tarde.

D. Leonor Telles não veio, e el rei saiu d'ali, e após elle as damas.

Declinava a tarde, descia a penumbra sobre



a capital. As escadas que do miradouro conduziam tanto ás salas nobres dos paços, como ao sotam e recamara da rainha, já pouca luz começavam de ter, pelas seteiras e frestas que, de espaço a espaço, lhes davam claridade.

D. Fernando saiu com os fidalgos para a sala do despacho, que os ovenções começavam de illuminar, e as duas donzellas desceram pela escada cochleada, que ia morrer no sotam. Iam saber da rainha, cuja falta, por não usada, as inquietava.

O que se passaria na recamara de D. Leonor Telles entre ella e o Andeiro, emquanto D. Fernando fallára assumptos politicos com os fidalgos no miradouro dos paços, não o sabemos nós hoje: conjectura-se, porém, que o assumpto tratado fôra de natureza de tardia resolução, pois que a rainha não fôra ter com el-rei, como fazia todas as tardes.

Joanna Peres e sua companheira chegaram ao sotam, já mal alumeado, e 'nelle não encontraram a rainha. Subiram para a recamara della, por seu dever de officio.

Lá estava D. Leonor que, sentindo-as subir e conhecendo-as, se não oppoz á sua entrada.

Sosinha parecia estar D. Leonor Telles, que a falta de luz não deixava já vêr bem a casa.

—Sois doente, senhora? perguntou Joanna Peres.

— Algo incommodada sou, sim, amiga minha, respondera, de modo singular, a rainha.

Joanna Peres, que ainda tão familiarmente não fôra tratada, sentiu-se do tratamento, e ficou mal, incommodada moralmente.

A um signal da rainha saiu d'ali a outra donzella, ficando as duas, Leonor Telles e Joanna Peres.

— Ora chegou a vez, Joanna, de gratir os serviços que me has feito, começou a rainha.

— Senhora!...

— Quero que mudes de estado, quero casar-te.

— Senhora, porém solteira quizera ser...

— Já te escolhi noivo, um esbelto e ardido noivo, em verdade. Accende velas.

Joanna Peres accendeu duas velas que estavam sobre uma meza d'Allemanha com espelho de Bohemia, emquanto a rainha permanecia assentada na camilha em que Joanna a encontrára.

— A primeira joia que eu te dou, continuára a rainha, illuminada a recamara, é este enxaraval; toma-o.

Joanna Peres, ao ver nas mãos da rainha o seu véo de cabeça, véo que nem ella sabia não trazer posto, comprehendeu logo a situação apertada em que se via.

Não succumbiu e disse animosa:

— Duas vezes me lo daes, senhora; a mercê vos agradeço.



—Outro é este que te eu ora dou, cá é el-rei quem para ti o tinha no almadraque das sestas do seu sotam. E erguera-se com o enxaraval na mão.

Joanna Peres succumbira então. Aquelle véo achado pela rainha na cocedra de pennas del-rei fallava com eloquencia de que ali se passára scena vedada a profanas vistas.

—Ora vê o teu noivo, continuou a rainha, desviando um reposteiro de panno d'Inglaterra, que vedava uma janella fechada de ha muito.

Estava ali Vasco Martim de Mello.

—Noivo é que te quer muito, e bom dote haverás entre Douro e Minho e terras do Alem-tejo: acceitas?

Joanna Peres recuou, exclamando:

—Casar-me não quero, senhora e rainha.

—Mas ordeno-o eu! disse imperiosa D. Leonor Telles.

—Desobedecerei ora.

E Joanna Peres Ferreirim, altiva como no dia anterior ante o conde de Ourem, rainha ante outra rainha, aguardou resposta de Leonor Telles á provocação atrevida.

—Pois em al nom fallemos, amiga minha, proseguiu a rainha de Portugal, risonha, tranquillã em calculada ostensividade, contra o que esperava Joanna Peres.—Não queres o bem que te eu daria, e nom serei eu quem te cons-

tranja. Podes sair, terminára D. Leonor Telles.

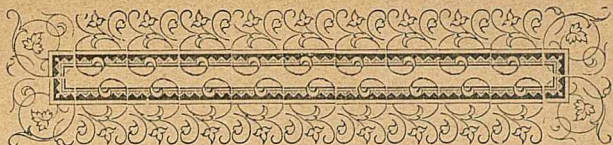
No dia seguinte, ao romper a manhã, saía em andas dos paços d'apar S. Martinho, Joana Peres, caminho de Santarem, e a cavallo para o Alemtejo, Vasco Martin de Mello.

A rainha adultera affastava de si aos dois que sabiam de seus amores nefastos.

João Fernandes Andeiro, o gallego conde de Ourem, caminhava para o abysmo.







## CAPITULO IV

### *D. Fernando sabedor*

Eis a nobre cidade certo assento  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas d'argento  
Vem sustentar de longe a terra e a gente  
Pelos arcos reaes, que cento e cento  
Nos ares se levantam nobremente.

*Camões-Lusiadas C. III.*

**D**A saída de Lisboa dos dois que sabiam dos  
amores incestuosos do conde de Ourem e  
da rainha, de crer é que o auctor fosse o  
Andeiro atrevido, ou a adúltera perigosa, a quem  
o amante narrára o que sabemos.

Para onde ia Joanna Peres? para onde Vasco  
Martim de Mello? Ainda o não sabemos, leitor,  
como ninguém o soubera no paço, tão arreba-

tada fôra a saída de ambos: o mesmo rei ignorava que lhe saíra de Lisboa o pagem estimado.

E' que a rainha se apossára da chancellaria de Dom Fernando e com ella forjava alvarás e diplomas regios de toda a casta. Com um alvará arremeçára para Elvas a Vasco, e com carta de marca que em Santarem seria aberta, sepultava no mosteiro de S. Bento de Castris, d'apar de Evora, a parenta insolente e ambiciosa. Ambições para ella eram somente, ella, formosa, como poucas, e não para Joanna Peres, vulgaridade esthetica despida do talento de Leonor Telles.

Após os dois saíra a côrte para Santarem, e com ella os inglezes mercenarios, aos quaes se passou ordem de irem internando o Alemtejo.

Emquanto estes saem da capital, entra a barra uma frota de Biscainhos inimigos.

Achando a capital guardada somente, sem forças para os enxotar de terra, os de Castella e Biscaia saltaram nas ribas de Lisboa e começaram de roubar e de incendiar casas e palacios, como os del-rei, em Enxobregas e em Friellas.

Não obstára, quanto podéra, Gonçalo Mendes ás depredações castelhanas, que se estendiam a Palmella e Coíma, e na margem direita do Tejo desde Lisboa a villa nova da Rainha.

Soubera-o D. Fernando em Santarem, e para logo tirou o governo a Gonçalo Mendes, dando-o ao Prior do Hospital, D. Pedro Alvares Pereira,



irmão do que, pouco depois, seria o famosissimo Cid portuguez, o grande Condestavel.

Mudára de aspecto o estado de cousas, com o governo do Prior do Hospital.

Vindo elle de Santarem para Lisboa com duzentas lanças, de fortes braços manejadas, soubera no caminho como em Cintra se achavam os da frota castelhana, roubando quanto podiam. Saiu-lhes ao caminho e lançou-lhes uma cilada.

Seguros, os castelhanos voltavam a seus navios com o roubo feito. Deu 'nelles o Prior do Hospital e os seus por modo tão inesperado que os castelhanos, largando de fugir, deixaram ali a prêa que haviam feito em Cintra enfraquecida, e não pequeno numero de mortos e de prisioneiros. D'ali por diante já não ousavam de sair da frota os castelhanos, porque os proprios da cidade, escudados dos Hospitaleiros, os escorraçavam.

Mancebo de vinte e um annos era então o irmão do Prior, D. Nuno Alvares Pereira.

Não descaberá aqui a narração de um feito d'armas deste mancebo, que para ser o terror da Hespanha castelhana começava de se estreiar.

Tinha o moço comsigo, em certo dia, vinte e tres de cavallo e trinta bésteiros e homens de pé, e notando que alguns castelhanos saíram em terra por colher uvas junto a Santos, o velho,

tão rijamente deu 'nelles que os fez fugir e lançar na agua. Da frota viram os castelhanos a audacia de tão poucos, que, sobre terem enxotado d'aquelle modo aos das uvas, se postaram, bem ordenados, em um teso, como desafiando aos da frota. Os desta assim o entenderam, e, sem delongas, mandaram saltar em terra duzentos e cincoenta homens de armas com lanças compridas e bésteiros numerosos.

Folgára infinito D. Nuno, ao vel-os approar á riba; e, como queria muito ensaiar seu valor no tirocinio das armas de poucos contra muitos, animou aos seus para o accommettimento audacissimo. Temeram os poucos portuguezes aos muitos castelhanos, e começaram de debandar, deixando ali só ao capitão atrevido.

Para o estouvado caminharam os castelhanos d'aquelle modo fortes. D. Nuno, ao colhel-os a golpe de lança, investio com elles por modo que, perdida aquella arma na investida, deitou instantaneo a mão á espada e taes e tantos golpes mandou a um lado e a outro, que grande terreiro fez na multidão.

Bem armado, D. Nuno foi muito contundido de lanças, pedras e settas, mas não ferido!

Começava o Deos das victorias a escudar ao seu dilecto.

Ferido de muitas lançadas o cavallo, deu com elle em terra, e tão desastradamente que, no



espernear da morte, acertou de pegar com uma ferradura em uma fivella das armas do heroe, por forma que se não podera safar do cavallo, e ali seria infallivelmente morto, se os portuguezes, envergonhados e corridos, não foram rijamente em seu auxilio, e um clérigo lhe não cortára rapido a correia que o prendia ao cavallo.

Erguendo-se rijo e forte, D. Nuno tomou uma lança das muitas que via nas mãos dos castelhanos, e ajudado dos seus, tão destemido deu 'nelles, que estes fugiram ante aquelle punhado de homens, que por fim, já tinham a seu lado aos dois irmãos de D. Nuno, Diogo Alvares e Fernão Pereira. Ali ficaram mortos nove cavallos dos nossos e alguns homens mal feridos: dos castelhanos muitos feridos e mortos.

Foi de ver o espectáculo ao entrar na cidade aquelle moço, conduzindo prisioneiros ante si aos castelhanos! e sair-lhe ao encontro outro irmão, o Prior do Hospital, a estreital-o contra o peito amigo!

Dando algum desconto ao amor patrio do chronista, o que ahi fica de assombroso!

O fabuloso Achilles certo não fizera mais!

Fôra este feito d'armas do moço o legitimo baptismo de seu valor. que nenhum dos muitos anteriormente praticados, tomára tão extraordinarias proporções.

Não leve a mal o leitor o dar-lhe este bocadi-

nho de historia patria tão condensada de heroidade. Preciso é elle para estímulo da gente moça, dos mancebos portuguezes, que não saibam o que fizeram os seus maiores e o que elles proprios possam praticar, que seus descendentes são, e o mesmo sangue lhes circula nas veias.

E de balde não é que se narram proesas destas, não; que poucos annos ha, na Bahia de Tungue, na Africa de nosso dominio, o mesmo fizera um homem, o coronel Palma Velho, caminhando com tres naturaes do paiz para um grupo fortissimo de mouros, arreiando uma bandeira do Zanzibar e cravando no solo portuguez o pendão das quinas de Affonso Henriques no logar vasio d'aquella, exclamando sublime, de espada em punho:

— Toque-lhe agora alguem, se é capaz!

Bravo! filho de Portugal.

Alguns mezes se demorou a côrte em Santarem.

X Joanna Peres Ferreirim, ao cabo de cinco dias de marchas chegava, pela velha estrada de Santa Margarida, ao Mosteiro de S. Bento da Castris, da Ordem de S. Bernardo, extramuros de Evora.

Era meia tarde. Ao avistar a cidade do alto da calçada de Santa Margarida, Joanna Peres boa impressão sentiu no espirito, e mandou parar as andas por contemplar a alumeada do



sol ponente, que já tinha em sombras a costeira de S. Bento. Rasão tinha Joanna Peres, que a cidade de Evora, vista de todo o monte de S. Bento é, realmente, de muito encantar.

Brandamente recostada na suave collina, co-  
roada do templo romano de Diana ou de outra  
deidade gentilica, da Cathedral de D. Paio ou  
D. Durando e da Torre dita de Sertorio, para  
além das quaes, ao longe, muito ao longe se al-  
teia Evoramonte e a serra d'Ossa, na frente,  
Arraiollos á esquerda e a dentada serra de Por-  
tel á direita, Evora apresenta um lindo quadro,  
na verdade.

Depois de breve esmaecimento contemplativo,  
Joanna Peres seguiu calçada a baixo, direita ao  
mosteiro, caindo já a tarde. Entristecera-se muito  
como o dia. Porquê? Por conhecer de perto a  
realidade de sua morte moral? Por ver dissipa-  
dos os sonhos e aspirações de sua alma? ou  
por se ver perdida para D. Fernando, que ella  
amára no silencio de dez annos, sem que lo-  
grasse do monarcha mais do que passageiros  
momentos de attenção provocada por ella no  
sotam das sestas delle?

O porquê não o sabia ella. E' que ha na vi-  
da cousas inexplicaveis, como a tristeza que  
subitamente se apodera de nós sem lhe encon-  
trarmos causa conhecida, por mais que procure-  
mos remotas ou proximas origens.

Fôsse qual fôsse a origem do véo de melancolia, que lhe empanára o rosto, Joanna Peres entrou no vasto pateo do mosteiro.

Era esperada pelos confessores das monjas, os reverendos nonnos frei Croyo, frei Tude e frei Cosmado, monges de Alcobaça, a pedido da Abbadessa, que tivera na vespera aviso da chegada della.

Recebida á portaria pela Abbadessa, senhora edosa, e pelas monjas, que para isso foram avisadas por campa tangida, a nova monja foi logo conduzida a uma cella, que lhe haviam preparado.

O que iria no espirito da neophita, tão prestes arrebatada dos paços reaes á clausura de S. Bento?

Joanna Peres, resoluta, corajosa, depois de ter entrado na sua nova habitação, começou de ler um pergaminho que lhe fôra entregue á saída de Lisboa, para só ser aberto no mosteiro, em que se achava. E dizia elle:

«Sua real senhoria, a praser del rei, o Senhor D. Fernando, ordena a Joanna Peres Ferreirim, que foi sua donsella nos paços de apar S. Martinho, comece o noviciado para sua profissão o mais asinha que ser possa, mantendo-se reservada e prudente em quanto viva seja, sem em al nom cuidar.»

Assignado não era este escripto; mas trazia



a chancellia do rei, cousa que lhe imprimia authenticidade real.

Era, pois evidente ao espirito de Joanna Peres que el-rei lhe ordenava professasse ella na Ordem de Cistér, e fôsse cautelosa em não publicar o que sabia dos amores escandalosos da rainha com o conde de Ourem.

Egual recommendação se fizera, *mutatis mutandis*, a Vasco Martim de Mello, que fôra mandado apresentar ao fronteiro de Elvas, o conde D. Alvaro Pires de Castro, com secreta recommendação de o mandar sempre contra castelhanos no mais perigoso logar dos combates. Era, pois, um meio de tirar a vida ao sabedor dos crimes palacianos, naturalmente escondido na coragem e bravura delle em accommetter corajoso aos inimigos de Portugal.

No dia seguinte ao da entrada em S. Bento de Joanna Peres começára o seu noviciado; noviciado de fidalga, parenta da rainha, sem os apertos ordinarios da Regra, que se relaxava para ella, não sem murmuração das donas enclausuradas.

Astuciosa, pratica e sabedora de cortesantias, Joanna inaugurou logo um systema de vida para com suas companheiras, que lhe podesse dar a ella em breve tempo alguma influencia na casa, algum ascendente sobre ellas. Humilde, sorridente para todas, a todas servindo em seus menores e maiores desejos, taes como pedindo a D. Leo-

nor Telles favores para as familias de algumas, favores que se faziam pela dependencia que sabemos ter della a rainha, começou a monja a ser, em verdade, considerada e querida, e a ter grande numero de adhesões e sympathias.

Velha, e muito velha, a Abbadessa já não tinha sobre a communidade senão o respeito de seus annos e o de sua posição de governante, e assim, Joanna Peres creou facilmente partido no mosteiro.

Por duas outras mulheres se dividiam então os affectos das donas e monjas.

Era uma dellas antiga professa, D. Leonor Gonçalves, e a outra uma donzella, tão nobre como Joanna Peres, da familia dos Pereiras, de nome D. Mor Paes.

Tinha esta entrado na clausura havia um anno e era já professa.

D. Leonor Gonçalves havia um partido importante nas monjas, não só por antiga professa, como por aparentada com familias de consideração da cidade.

D. Mor Paes, por ser parenta do Prior do Hospital e de seus numerosos irmãos, tinha tambem o seu partido d'affeição; menos numeroso. porém, do que o das duas, o de Leonor Gonçalves e o de Joanna Peres, a mais nova no mosteiro: mas que já começava de ensombrar o das outras.



Tres partidos politicos tinha, pois, o mosteiro de S. Bento de Castris: o conservador, em D. Leonor Gonçalves; o monarchico-absoluto em D. Joanna Peres e o avançado e progressista em D. Mor Paes.

Deixemos, leitor amigo, as monjas com seus arremedos mundanos de governança, e vejamos o que é feito da côrte de D. Fernando, e de suas forças militares, e de seus nefastissimos inglezes, e de Vasco Martim de Mello,

Mezes são volvidos sobre os passados acontecimentos. D. Fernando entra em Evora adoentado: é já o anno de 1382.

As forças portuguezas e inglezas caminham sobre a fronteira, especialmente sobre Elvas, emquanto as de Castella demandam semelhantemente a linha divisoria dos dois reinos.

E' no verão d'aquelle anno de 1382: um dia depois d'almoço, entrou nos paços dos Estáos o governador do castello da cidade para fallar a D. Fernando. Vasco Martim de Mello era elle ao tempo, o amigo do rei e pae do infeliz amoroso, tanto de nossas relações.

Tinha D. Fernando subido para a açotêa dos paços, como soia depois d'almoço, por se recreiar na vastidão do horisonte, que circumda Evora em peripheria de trinta e de mais kilometros, com excepção unica do outeiro de S. Bento, onde se via a tsnada torre arabe, que fôra ve-

deta da cidade islamitica contra algaras de christãos.

Só, tinha subido o monarcha, que se assentára em poial de marmore, costas a nascente, e fitava a vetusta torre da lenda de Geraldo, quando o governador do castello ali chegou.

— Mantenha-vos Deus, real senhoria, dissera Vasco Martim de Mello, beijando a mão ao rei.

— Miro ha tempo aquella torre de S. Bento: conta-me, Vasco, o caso do Sem Pavor.

— Mal o conheço, senhor rei, cá não ficou posto por escripta. Narram tradições que uma filha da esculca arabe se soccornára de somno a uma janella da torre, áquella do alto, quando lhe decepára a cabeça a espada de Geraldo, ali chegado por cunhas que ia cravando na torre, e que, movendo a almenára, dissera com palavras de fogo aos da cidade que christãos se não enxergavam.

— Perigoso feito, o do Sem Pavor, dissera o rei: já nos vão faltando desses homens, Vasco Martim.

— Certo que para feitos desses os não temos; pero para outros, *sem pavor* os conheço eu.

— Falla, falla Vasco de Mello, que quiçá os eu não saiba, pedira o rei.

— Ora lembro um a vossa real senhoria, que algo tem de semelhavel com o de Geraldo.

— E qual é?



— O da escalada do castello de Ourem...

— Ah! exclamára D. Fernando, permanecendo em silencio alguns segundos.

— Perdoe vossa real senhoria se menos discreto fui do que ser soia; pero é tanto o amor que vos tenho, senhor, que...

— Indiscreto não foste, não: e bem hajas, Vasco Martim, em por tão fina guisa me advertires do que suspeitava um tanto.

— Sopitada anda, real senhoria, a murmuração, e bom fôra que não soasse.

— A rainha... Por Deos! Vasco de Mello, cala para outrem o que me ora disseste.

— Senhor si, e me perdoae se uma nova mercê vos peço.

— Dize ora o que te convem.

— Com ordem de vossa real senhoria foi meu filho arremçado da côrte...

— Minha, não! Falla mais.

— Amores puros tem o moço a Joanna Peres Ferreirim, que lhe a elle não quer bem. Mandae-mo restituir, real senhoria, fazei-o entrar em vosso serviço, que bem e lealmente o faz elle, se enxérge claramente as cousas.

— Si, mandarei; pero dá-me que pensar a saída de ambos do meu serviço; a d'elle e a de Joanna Peres. Quiçá a rainha...

E callára-se o rei, vendo com os olhos do espirito a tremenda realidade de sua deshonna.

Vasco Martim de Mello, que deveras era amigo de D. Fernando, ficou pesaroso de avivar uma ferida, que já dilacerava ao fraco monarcha, sem que elle o suspeitasse. D. Fernando já sabia da infidelidade da esposa, ou, quando menos, desconfiava d'isso. Mello, ao vel-o como que despertar de curto extasi, d'est'arte terminou a conversação :

— Por vez postumeira me perdoae senhor rei, que prometto não mais fallar de tal cousa, nem a vossa real senhoria nem a ninguem.

— Eu t'ò agradeço amigo. Muito de bem me fizeste... Doente ando, e ora sou melhor: conheço parte de meus males ; que é já um bem o conhecel-os pera se poderem curar.

'Nisto entravam na açotêa D. Leonor Telles, e algumas damas e donzellas, e o seu indispensavel conde de Ourem. Vasco Martim de Mello, que tal visita não esperava, mal houve tempo de dizer a seu amigo :

— Senhor rei, leixo-vos a minha vida.

— Será defendida, leal amigo, respondera o fraquissimo D. Fernando.

E Vasco Martim de Mello correu a beijar a mão á rainha.

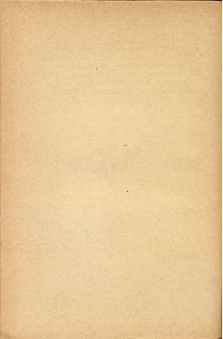
Nunca tão formosa se apresentára ella ao marido. Luxuosamente vestida, transluzia-lhe no rosto um sorriso feiticeiro de suprema ventura, de tanto encantar, que o pobre D. Fernando se



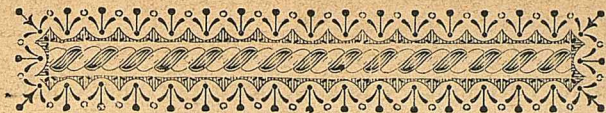
ficou extatico ante ella, em contemplação enebriadora.

Seguidamente entravam 'naquella estancia de tão antagonicos sentimentos, o irmão del rei, D. João, Mestre de Aviz, Gonçalo Vasques d'Azevedo, o privado do monarcha, e outros fidalgos.









## CAPITULO V

### *Uma profissão em S. Bento*

«Ho fantasia perdida  
ho magynaçam cansada  
por candays tam derramada  
apos quem vos nam daa vida.  
se teuereis huã soo dia  
esperança desta graça  
que perfyá mata caça  
mas a vos mata a perfyá.»

Resende, *Cancioneiro* p. 86 v.

**A**INDA ainda o anno de 1382. D. Fernando de Portugal é já casado ha dez, e achase em Evora sem a rainha, saida de um rapto. Esta chegou mais tarde.

Como o leitor desta mui veridica historia se lembrará, D. Leonor Telles, como todas as mulheres, não deixava de ter ciumes do marido, embora lhe não quizesse, para querer muito a



imp.  
João Fernandes Andeiro, feito por ella conde de Ourem.

As suspeitas de intimidades entre o rei leviano e D. Joanna Peres, se bem que não tivessem attingido no espirito della o gráo de certesa ou, quando menos, probabilidade para o haver como desleal ao regio thalamo, tinham, comtudo, indisposto seu animo contra aquella sua parenta e dama de sua côrte, por modo que preciso era afastal-a dos paços dos Infantes.

Isto somente; que se ella tivera certeza da infidelidade de D. Fernando, mais longe levaria a satisfação diabolica de seu coração, tão generoso quanto perverso. Quem gerára uma infernal trama para o infante D. João lhe assassinar sua irmã, D. Maria Telles, nos paços de Coimbra, como o não faria contra a simples parenta?

Aqui se vê um phenomeno psychologico exquisito do coração humano. D. Leonor Telles, digam o que disserem della os defensores gratuitos da honestidade palaciana, não fôra fiel ao thalamo regio, a que a chamára uma paixão. Resalta a realidade tremenda das chronicas antigas de Portugal, embora velada por mui transparente véo.

D. Leonor Telles tivera amores com João Fernando Andeiro, tivera; conseguintemente, treda e desleal a D. Fernando, esta mulher não tolerava deslealdades ao marido enxovalhado!



Parece que na balança justa de sua consciencia se deviam compensar as faltas reciprocas della e do marido; e comtudo, tal não succedia. Decretára a saída do paço a Joanna Peres, sepultando-a 'num convento, em que professasse, e onde acabasse seus dias.

Assim foi que a mandou recolher ao mosteiro de S. Bento de Castris, de cistercienses, extra-muros da cidade de Evora.

Ia completar-se o anno de noviciado de Joanna Peres, e seguia-se a profissão: era por maio.

D. Fernando chegára á cidade, dias antes da profissão da sua ex-dama do paço.

A profissão de uma monja de S. Bernardo era no mosteiro de S. Bento dia de festa notavel: repicavam os sinos do mosteiro desde as trindades da manhã, levando pelas cercanias da Manisola e, por vezes, até Evora a retintinula harmonia de suas vibrações.

São dez horas da manhã de outo do mez; o gnomon do mosteiro indicava dez horas do dia, começava a cerimonia da profissão.

Em frente do altar mór e no supedaneo delle estava assentado, no faldistorio, o D. Abbade de Alcobça, com almofada aos pés, tendo á parte direita o diacono, subdiacono e mestre de ceremonias e o do livro, e á esquerda o ministro do bago e o da mitra, o crucifero, o ceroferario e o da candela.



Dentro da grade de ferro do côro de baixo, sobre uma credencia se viam a cogula, o véo, annel e capella de flores. Começa a missa; e mal o ministro soltára as primeiras palavras, ouve se fóra, no pateo, um ruido estranho, um tropel de cavallos, vê-se o muito povo começar de sair da egreja, ouvem-se os sinos do mosteiro repicar festivos e corre voz de que chegára el-rei!

Interrompe-se a missa apenas iniciada, portanto, a cerimonia; as freiras com sua Abbadessa levantam-se e correm á portaria que se abre no mesmo instante, e D. Fernando, apeando-se de uma mulla, penetra na clausura, seguido de poucos fidalgos, ficando fóra, no pateo, pagens e escudeiros.

Fôra aquella uma verdadeira surpresa!

Ou D. Fernando viera de proposito para assistir á profissão de Joanna Peres, ou sabendo, ao chegar a Evora, desta profissão, quizerá presenciar-a. Não é claro o caso, como clarissimo é o de que a profissão da mulher que D. Fernando amou por volubildade congenita, não seria meio de a afastar de si para sempre.

Os costumes do tempo, prolongados em Portugal até ao reinado de D. João V, consentiam intimidades profanas ás dedicadas ao culto religioso, vestaes do templo de um Jano bifronte. Não repugnava que a monja fôsse mulher, nem que o imperante queimasse incensos nas pyras



chamejantes do amor das almas enclausuradas.

Ceremonia faustosa a da profissão de uma fidalga, parenta da rainha, chamára a S. Bento a D. João d'Ornellas, o mundano Abbade de Alcobaça, se não viera por convite do rei, para ser o ministro do acto religioso, cousa natural, se D. Fernando de proposito queria assistir á profissão. Fòsse como fòsse, D. João d'Ornellas não se sobressaltou da vinda do monarcha e permaneceu no posto, aguardando a aproximação d'elle para lhe beijar a mão, acto que não teve delongas; porque sabendo D. Fernando como a cerimonia começára, ordenou continuasse, querendo elle servir de madrinha de Joanna Peres na profissão.

Recomeça o acto religioso: D. Fernando entrou no côro de baixo após as monjas, que tomaram seus logares, acompanhando a neophita. Ao fundo ficaram tres fidalgos, que entraram na clausura com o imperante.

Ao apparecer D. Fernando entoou o cantor o *Té Deum laudamus* até ao incensar do altar, e, acto continuo, o *Deus judicium tuum regi da. Et justitiam tuam filio Regis. Salvum fac Regem nostrum, Domine, Deus meus. sperantem in te. etc.*

Seguidamente rezou a oração: *Deus qui omnis potestas, et dignitas famulatur: da huic famulo tuo Regi nostro Ferdinando prosperum suae dignitatis effectum etc.*



Chegára a missa ao Evangelho: D. Joanna Peres vem de dentro, vestida ao modo interno do mosteiro, com uma vela apagada na mão e ajoelha á porta da grade do côro.

O presbytero cantor entoa logo a antiphona: *Prudentes virgines aptate lampades vestras, ecce sponsus venit exite obviam ei...* que o côro continúa.

Joanna Peres accende a vela e ajoelha com o padrinho ao lado, e o D. Abbade pergunta ao presbytero:

— *Scis illa digna est?*

— *Quantum humana fragilitas nosse sinit, credo, et testificor illa digna est.*

— *Venite, filiae*, diz D. João d'Ornellas. D. Joanna Peres Ferreirim aproxima-se do Abbade, ficando D. Fernando de pé, á porta aberta do côro, e tira-lhe a mantilha:

— *Exuat te Dominus...* e veste-lhe a cogula e põe-lhe o véo:

— *Accipe velum sacratum, puella...*

Seguidamente lhe põe no dedo o anel:

— *Accipe annulum fidei...* e na cabeça a corôa, com as palavras:

— *Accipe coronam, sponsa christi, quam tibi Dominus praeparavit in æternum.*

E' quasi concluida a profissão: resta entregar-lhe o Breviario:

— *Accipe potestatem legendi officium et incipiendi horas in Ecclesia.*



Terminára a profissão da nôva monja de Cís-  
tér, que, finda a missa, saiu em procissão com  
as freiras pelo claustro adiante, com o rei de Por-  
tugal após ella, a quem servira de madrinha.

Lá dentro se demorou o rei boa meia hora,  
provavelmente na acceitação de algum *quod ore...* que lhe offerecessem as monjas.

Despejou-se logo o pequeno templo de São  
Bento, de todo povo que continha, e que saíra  
para o pateo do mosteiro, ancioso de ver ao rei  
de Portugal, caso então mais desejado do que  
em nossos dias, em que a realesa hereditaria cam-  
baleia aos abalos repetidos do communismo, ni-  
hilismo e socialismo, que pretendem occupar-lhe  
o throno, convertido em escombro enorme de  
ruínas do passado.

Ficára na egreja apenas um homem novo,  
vestido secularmente, com meias justas compri-  
das de côres, trocadas com as da capa de va-  
lencina com lhama de prata, balugas nos pés,  
tendo na mão uma especie de gualteira com  
pluma ao lado. Um tabardo lhe cobria o corpo  
d'aquelle modo vestido.

Havia elle entrado no templo, um dos ulti-  
mos, e o ultimo era a sair, e o unico, ao que  
parecia, que não tinha desejo de ver a D. Fer-  
nando.

Do interior do mosteiro saíra o regio padroeiro,  
montára a forte mulla volvendo á cidade.





acompanhado dos fidalgos, cavalleiros e pagens que com elle foram. Era uma hora da tarde no relogio de sol de S. Bento.

Quem seria aquelle homem novo, que tão tarde chegára á cerimonia da profissão, e que ali se ficára chumbado a um canto, como se fôra um tocheiro da egreja?

Dizer seu nome inutil é á perspicacia do leitor d'esta chronica do tempo. Era a victima de Joanna Peres Ferreirim, da incensata donzella, que depois de lhe acceitar os sentimentos amorosos do mais fino quilate, o votára a um ostracismo de mal fadado amor, á solitariedade perpetua d'alma, em que o triste, sempre triste arrastava uma existencia, que lhe pesava mais do que o bacinete, a cota e lorigão de malha, quando denodado entrava por Castella com D. Nuno Alvares Pereira.

Se o suicidio, a suprema ventura dos infelizes, não fôra, 'naquelle tempo, um acto que raro se praticava, por se lhe opporem sentimentos religiosos, que hoje não temos tão ardorosos, e a ideia de covardia impropria de um cavalleiro portuguez, já o misero houvera posto fim á vida voluntariamente. Buscára sim, a morte nos Atoleiros, Arronches e Alegrete, e em tantas pugnas em que entrára valentissimo e destemido, expondo-se ás lanças e béstas castelhanas, como quem lhes entregára a aborrida vida, que vi-



via. Inutil fôra sua persistencia: a morte não lhe queria a vida: era a zombaria da sorte a ludibrial-o tambem!...

Entrára no templo do mosteiro de S. Bento o monachino, por lhe fechar a porta, e ao ver aquelle vulto immovel, cabis-baixo, triste, foi-se para elle e o convidou a sair.

Acordára o homem da lethargia em que sepultado, e ficára como assombrado de se ver só-sinho ali.

— Sacramor, sair vou, si; mas ante me faredes um favor, dissera o homem.

Admirado o monachino d'aquelle individuo lhe saber o nome, respondeu:

— Dizede ora o querês:

— Faredes saber á nova monja, que hei muito gosto de a ver ante que me ora vá.

— Facil nom é o que queredes, cá as monjas vão comer ora: não ouvides tanger a campa?

— Buscade um meio qualquer que seja, Sacramor, de lhe esto fazerdes saber, que eu vol-o bem gratirei.

— Hoje nom, pero ámanhã voltaredes e eu vos prometto de a verdes, se al nom queredes.

— Al non desejo nem quero.

— E bem, vinde cedo, ás sete horas da manhã. Vasco saiu.

Conseguira o monachino mandar recado a

Joanna Peres por uma sergente do mosteiro, para d'elle ouvir a missão que lhe deixára o desconhecido mancebo; e, na verdade, curiosa D. Joanna de saber o que lhe queria Sacramor, appareceu-lhe no côro de baixo, antes da prima reza do dia.

Noticiou-lhe o monachino como á sua profissão assistira um desconhecido mancebo, de bom porte e bem trajado, que se ficára na egreja até ao fim, e que lhe pedira para a ver a ella antes de sair.

— Nom disse que nome havia?

— Nom disse, pero me prometteu gratir bem se hoje vos podesse ver.

— Ver-me? Quem poderá ser esse? Vasco?... Impossivel! já me olvidou; dissera comsigo a monja.

— Prometteu voltar hoje ás sete horas, e vós...

— Nom o verei, dissera D. Joanna.

— Pero, senhora, algo e nom pouco perderei: vede o homem...

— Se ver-me quer el o pode fazer mui asinha olhando per esta grade quando eu for no côro.

— Quiçá fallar-vos queira...

— Ide-vos, e em tal não falledes mais.

E Joanna Peres retrocedeu e saiu a pensar no caso do desconhecido, que assistira á sua profissão. A lembrança de poder ser Vasco sal-



teára-lhe o espirito, ao recordar a paixão que lhe tivera o moço em volvidos annos; porém isso passára de modo que não mais se viram senão furtivamente uma vez nos paços de S. Martinho, sem se fallarem, como o leitor presenciou. D. Joanna considerava extincta aquella paixão no peito d'elle, como no d'ella já não havia mais do que desbotada lembrança dos fugaces prazeres da juventude de ambos. Tudo isso passára 'nella, de modo a ser impossivel haver sopro que ateiasse o lume, escondido nas cinzas de um passado inconsciente.

E demais, em que occasião lhe apparecia Vasco, se elle era? Quando o seu regio galanteador lhe viera servir de madrinha na profissão, dando lhe assim prova realissima de que no peito d'elle tinha um logar o seu nome e a sua imagem!...

Fôra aquella entrada no mosteiro a satisfação de um desejo de Leonor Telles, sem que jámais podesse ser obstaculo perpetuo á separação de D. Fernando.

Se as portarias dos conventos nunca serviram de prisões d'almas, ou corpos, como o seriam as de S. Bento se o rei de Portugal era o claviulario e as entrava quando queria?

Aquella visita de D. Fernando a D. Joanna Peres poderia significar o desejo do monarcha de ter no coração da monja o affecto que lhe ne-



gava a esposa, que já o fôra de outrem, e ao tempo o era de um terceiro...

Como natural é, estimou D. Joanna Peres a visita do rei, sentira-se feliz com ella, tanto mais quanto se vingava da perseguição de Leonor Telles, e se mostrava querida do monarcha aos olhos da communiidade de S. Bento.

E era precisamente 'neste momento de felicidade que lhe apparecia Vasco, ou a sombra de uma lembrança, ou um alguem que não conhecia!

Subordinando a estas ideias as respostas que dera ao monachino do mosteiro, Joanna Peres fôra para dentro, sem mais pensar no caso a serio.

Eram sete da manhã, a hora da Prima; chamava o sino á oração.

Ao tempo em que os dois côros do mosteiro se povoavam de monjas e de cantoras entrava na egreja o desconhecido da vespera.

Sacramor foi para elle e lhe disse que veria D. Joanna Peres no côro de baixo, para o que bastava internar-se mais na capella mór, e olhar pelas grades de ferro.

— Só vel-a? Pero quizera fallar-lhe, dissera o homem.

— Mas vós dissestes que al nom queriades.

Calára a resposta o desconhecido. A reza tinha começado. Vasco Martim de Mello, o moço,



filho de outro, que tinha o castello de Evora por D. Fernando, que tal era o homem, como o leitor já suppoz, foi collocar-se na capella mór, donde veria a mulher unica que tinha amado purissimamente, e ali permaneceu até ao fim da Prima. Foram-se as freiras: esperou a volta de Joanna Peres, que elle crera viria vel-o, fallar-lhe talvez. Nada! Irritou-se então; aquelle despreso insultára-o, pedia vingança:

— Mulher sem coração! comborça de um rei! fica-te para ahi, e que Deus te puna por sua mercê o sem porquê deste despreso!

— Não blasfemês de tal guisa, mancebo, lhe disse frei Croyo, que chegára 'neste tempo por dizer missa, e lhe ouvira a imprecação.

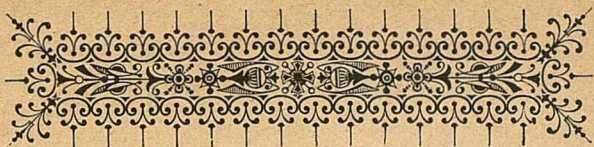
Vasco Martim de Mello saiu do templo pressuroso, como quem foge um logar maldito de Deus e dos homens.

A uma janella alta do mosteiro assomava um vulto de monja a rir do desgraçado fugitivo.

Era uma dama que fôra educada na côrte de de D. Leonor Telles!...







## CAPITULO VI

### *A prisão do Mestre d'Aviz*

Pero no mundo non sey eu molher  
que tam bem diga o que dizer quer.

*Cancioneiro da Vaticana.*

**C**OSTUMAVAM OS antigos reis de Portugal sair da capital do reino, deslocando a meude a côrte, e a permanecer em varias cidades e villas temporadas mais ou menos consideraveis.

Este costume, se bem que trouxesse despesas avultadas ao erario, tinha utilidade grande para essas terras feitas côrtes provisórias, e consen-

tia mais prompta administração da justiça aos povos, que a reclamassem.

Não dependiam, tanto como hoje, da sanção das côrtes as providencias sobre os muitos ramos da publica administração: não havia o rei, absoluto administrador da justiça, os ministros que tem actualmente com superintendencia 'neste ou 'naquelle assumpto: um chanceller, um escrivão da puridade, um thesoureiro lhe bastavam: elle resolvia tudo a seu prazer. Raras vezes eram convocadas as côrtes e só para 'nellas serem tratados assumptos de mais latitudinal interesse dos povos.

Assim, pois, a côrte de D. Fernando estava em Evora em 1382, e habitava os paços dos Estãos, os unicos que os reis portuguezes aqui tinham. Demoravam elles na praça principal da cidade, estendendo-se da rua do Raymondo á rua de Mem Crespo, actualmente da Cadeia, como desde o seculo XV e do reinado de D. Affonso V, que contribuiu para a feitura d'ella.

Facil não é hoje o determinar-lhes a largura, que certamente seria mais importante do que a do actual predio, que ahi campeia desde 1830.

Pelo manuscrito que nos vae guiando 'nesta historia, sabemos que os Estãos haviam um escadorio de granito, de dois lanços, cada um por banda, para uma especie de alpendre sustido de quatro columnas delgadas de marmore branco,



que lhe sustentavam a cupula conica, terminada em florão de granito, a modo de pinha.

Um portado largo de marmore, do ultimo periodo ogival, dava entrada para a primeira sala e desta para outras, já fronteiras á entrada, já lateraes, havia quatro portas ogivaes tambem.

Um só pavimento ou andar tinha na frente sobre a praça o edificio dos Estãos, sobresaindo 'nelle um segundo andar mais retirado, de telhados esguios e deseguaes, depois de um vasto eirado, que o encimava na frente, bordado de ameias de granito.

Irregulares, suas janellas eram pela maior parte estreitas, devididas de uma pedra, a modo de columnelo, que descia de um pinasio transversal de pedra a dois terços da janella até aos peitoris dellas. Uma d'essas, porém, avultava, por ser duplamente ogival, sobre duas columnas pareadas de marmore branco.

Não corria o eirado desempedido ao longo do edificio, mas cortado de chaminés redondas de granito, que lá vinham das salas de baixo, e de cones esguios forrados de azulejos arabes, cupulas de escadas cochleadas por onde se subia ao eirado.

O interior destes paços era como as construcções nobres do tempo: vastas salas, quasi todas com chaminés de entrada baixa, poucas e pequenas janellas com um assento de pedra por

banda em que duas pessoas conversariam assentadas uma defronte da outra. O chão de coloridos parallelepipedos de Sevilha e as paredes forradas de azulejos até a altura de vara, eram travejadas de castanho forrado de molduras caprichosas e de penduroes em forma de pinhas, donde desciam correntes que sustinham candelabros bracejantes com velas.

Por baixo ficavam as fangas da farinha e outros alojamentos, como talvez ainda a casa de ver o peso, além da rua do Raymondo, para onde os paços bracejariam talvez, por um passadiço, de vestigios subsistentes em misolas antigas, donde nasceriam os arcos do passadiço.

Tal é um rapido desenho dos paços dos Estãos d'Evora até ao reinado de D. Affonso V.

E' 'numa destas salas que o leitor vae assistir a uma scena curiosa de licenciosos costumes.

Meia tarde era de um dia de julho ardentissimo. Entraram na sala, em que se achava D. Leonor Telles, o irmão desta, D. Gonçalo, e o conde de Ourem, João Fernandes Andeiro, vindos da caça.

Suavam muito, e D. Leonor, ao vel-os 'naquelle estado, perguntou se não haviam sudarios a que se alimpassem. Affirmando ambos que não, a rainha tomou um seu véo, rasgou-o em dois, e deu metade a cada um.



'Nisto, João Fernandes ajoelhou ante ella, e de mansinho lhe disse :

— Mais chegado e mais usado queria eu de vós o panno, quando m'o vós houvesseis de dar, que este que vós me daes.

Ergueu-se, e a rainha, a rir muito da graça do Andeiro, seguiu pela sala adiante.

Parecera aos dois que ninguem ouvira taes palavras, tão baixo foram ellas pronunciadas. Não diz a historia se D. Gonçalo as ouviu ; mas affirma que uma dama da rainha, D. Ignez Affonso, mulher de Gonçalo Vasques de Azevedo, privado e amigo de D. Fernando, as ouvira murmurar, sendo d'isso muito escandalizada.

Ora, das affeições da rainha ao conde Andeiro de ha muito murmurava a côrte e o reino, maiormente depois que ella fizera com que o rei lhe dêsse o condado de Ourem, por morte do ultimo possuidor, seu tio, D. João Affonso Tello de Menezes.

As damas e donzellas da rainha deviam ter já presenciado scenas de muitas intimidades, como as que o leitor já conhece, embora coonestadas em naturaes disfarces ; mas calavam tudo.

Aquella audacia, porém, tanto de Leonor ao rasgar o véo, como do Andeiro em lh'o agradecer de tal modo, incommodára a mulher de Gonçalo Vasques, por forma que não descansou em-

quanto não fez sabedor o marido do caso presenciado.

Amigo sincero do rei, o Azevedo magoou-se muito, e proposito formou de o enrostar á rainha, em opportuna occasião, para de tal modo, cuidava elle, lhe refreiar o licenciosismo indigno, e a injuria feita ao amigo. Não se demorou esse ensejo desejado.

Em Evora estavam então os inglezes, que vieram auxiliar ao rei contra Castella, mandados do Duque de Cambridge.

Um dia nos paços, perante muitos fidalgos, louvava muito a rainha os costumes dos inglezes.

Ninguém contrariára o parecer de Leonor Telles, se bem que muitos tiveram vontade de o fazer, lembrando-lhe as depredações feitas por elles em Cascaes e Lisboa.

Achando asado momento, o Azevedo animou-se em castigar a leviana rainha :

— Certamente, senhora, quanto a mim, seus costumes em muitas cousas nom me parecem tanto de bem como os vós louvaes.

— E quaes são esses ? perguntára a rainha.

— Nom é bom costume, nem de louvar a nenhum, o que muitos delles usam, que se alguma dama ou donzella por sua mesura lhes dá algum véo, ou joia, elles se chegam a ellas, e á orelha dizem-lhe que mais chegadas e mais usadas queriam elles as joias dellas.



Disfarçou a rainha a irritação soffrida, mostrando não haver feito caso do que dissera Azevedo; porém, chamando-o de parte, um pouco depois, lhe dissera:

— Gonçalo Vasques, eu bem sei que vossa mulher vos disse aquello que vós ora ante dissestes; mas sêde certo que vós e ella nom o lançastes em poço vasio, e prometto-vos que ambos m'o pagarês mui bem.

Ficára-se o Azevedo a scismar na inconveniencia, enquanto a rainha se fôra d'ali meditando vingança completa de tamanha affronta.

Entrára em sua recamara irritada, nervosa, frenetica e deixára-se cair no almadraque de um estrado. E murmurava ella, entrecortando phrases:

— Vil sacrilego filho do Prior de Santa Cruz e da Abbadessa de Lorvão! cuidas tu que te perdoarei a offensa? oh! nunca, nunca!... Por santa Maria que morrerás, e contigo o que ouviste ao meu querido Andeiro!... Mas, se el-rei o sabe já?... Se o sabe o irmão, esse Mestre, que me não quer bem, esse outro bastardo, que pode querer desaffrontar o rei, e disso é capaz... Morra tambem esse aventureiro arrojado... El-rei é meu, sim, meu para tudo quanto me aprouver...

Assim murmurava D. Leonor raivosa, como leoa mal ferida. Erguera-se rapidamente sacu-



dida por empuchão nervoso e fôra para a camara delrei, compondo o rosto em sorridente doairo, aprumada, esvelta, graciosa sem esforço.

Não diz o manuscrito o que se passára entre os dois: relata somente a sequencia da entrevista, que se vai desdobrar em breve espaço.

Era a manhã de um dia subsequente ao do caso narrado. No eirado dos paços dos Estãos passeia el-rei D. Fernando com o irmão, o Mestre de Aviz, com Gonçalo Vasques de Azevedo, Vasco Martim de Mello, e outros fidalgos e cavalleiros.

Violentava o formoso rei sorrisos para o irmão e para Vasques de Azevedo.

Quem podera ler-lhe no íntimo d'alma veria que lucha de sentimentos antagonicos lá se feriam combate violento. . .

Eis assoma, entrando na praça, Gonçalo Vasques Coutinho, seguido de duzentos homens bem armados de lanças, e caminha para a escadaria dos paços.

D. Fernando, sem dar aso a perguntas e a conversações, despediu os fidalgos, mandando-os para suas casas, e saiu logo para sua camara com Vasco Martim de Mello.

Foram saindo uns após outros, demorando-se um tanto em conversação íntima, quicá sobre a causa d'aquelle apparatus bellico, o Mestre e o



Azevedo, até que, indo para descer do eirado, a elles se chegou Vasco Martim de Mello, que voltára de junto do rei, e lhes disse:

—Senhor, e vós, Gonçalo Vasques, eu vos trago nova de que muito e muito me pesa. El-rei, meu senhor, vos manda que sejaes presos.

—Porque? perguntaram ambos.

—Nom sei se não que me mandou vos guardasse bem, e lhe dêsse de vós bom conto e recado.

—Ha-nos de ver el-rei? perguntou o Mestre d'Aviz.

—Nom, mas vinde vós comigo e vamos para a pousada.

Desceram do eirado á praça e logo, sem detença nenhuma, acompanhados de Vasco Martim de Mello e das duzentas lanças do Coutinho, tomaram para a rua da Cellaria.

Com a velocidade do pensamento correu a nova da prisão do Mestre por toda a cidade, e o povo accorreu de todos os pontos á praça e ao Castello, por se certificarem da nova surpreendente. Querido lhes era já o Mestre, como querida é sempre uma vaga, uma indeterminada esperança.

—Parece que vós e o Mestre his ambos presos, dissera, sem ser ouvido do escudeiro, Vasques Coutinho a Vasques d'Azevedo, cujo era genro, subindo a Cellaria.



—Nom sei mais que quanto vós vedes, pondera o sogro.

—Esto nom pode ser senom por grande cousa, e parece-me que é bem que eu trabalhe em toda guisa por nom hirdes á prisom, ca muito me temo desta cousa vir a mal.

—Como poderês vós esso fazer!

--Darei volta com todos os meus, que aqui vão, mal chegados á sé, e entendo, com ajuda de Deus, de vos poer em salvo. El-rei me perdoará, e posto que nom perdoe eu nom dou nada de perder quanto tenho por vós serdes livre deste perigo.

—Filho amigo, vós dizeis mui bem; eu vol-o agradeço muito; mas porem nom curês de trabalhar desto, porque aqui vão muitas gentes, e nom se acabando em bem vós serieis preso e morto, e eu logo morto comvosco. Deos que sabe que eu nom fige por que esto mereça, elle me livrará por sua mercê.

Em quanto os dois assim fallavam baixinho, dizia Affonso Furtado ao Mestre de Aviz:

—Senhor, o grande e bom quando é preso nom é senom por grande cousa. E se bem vós nom saibaes o porquê é bom que nom guardês a fim; saíamos logo d'aqui ambos e eu vos porei em salvo, em que perca quanto tenho.

—Agradeço-vos muito e me apraz, respondeu o Mestre.



E foram naturalmente, de mãos dadas, conversando sem suspeita de ninguém, até á porta do Castello, que se fechou sobre elles.

Conçalo Vasques Coutinho desandou com os seus duzentos homens, e pouco depois eram o Mestre e Vasques d'Azevedo presos no segundo andar da torre chamada hoje de Sertorio, que ficava sobre a porta principal do forte castello, com cadeias nas pernas e adobas nos braços.

A população de mais perto do castello ainda chegou a ver a entrada do Mestre na prisão, e foi debandando com murmurio rugidor de descontentamento.

Toda a fidalguia correu a visitar ao Mestre de Aviz, com excepção do conde de Ourem, caso que deu que fallar...

Por dez horas da noite desse diá chegára a Vasco Martim de Mello, o governador do castello, um alvará d'el rei para mandar degolar sem demora aos dois prisioneiros.

Vasco de Mello, ao ver tal precipitação, sobreesteve no caso, prudente, sensato, amigo.

Era meia noite e chegava novo alvará do rei perguntando se eram cumpridas suas ordens.

Aqui avolumou no animo de Mello a ideia, que 'nelle brotára ao ler o primeiro alvará, de que fossem falsos um e outro. Respondeu que ainda não eram cumpridas as reaes ordens; porque, com pessoas de tal porte, não se usa em

Portugal fazer justiça de noite. Começava o prudente Mello a salvar duas vidas.

Viera o dia e hora propria de se fallar a D. Fernando. Vasco Martim de Mello saiu do Castello e foi fallar ao rei, aquem apresentou os dois alvarás nocturnos.

— Santa Maria Val ! Vasco de Mello a ninguem digaes que recebestes quejandos alvarás.

Tal foi a forma confirmativa da falsidade dos documentos fulminadores.

Pobre D. Fernando de Portugal ! Pobre rei manequim de uma dama ! Pobre e ludibriado marido da mais formosa das mulheres portuguezas d'aquelle tempo !

Vinte dias eram passados sobre estes acontecimentos. 'Num dos ultimos, pedira o Mestre a Vasco de Mello o deixasse passeiar pelo curral do castello: lembrava fugir. Concedida licença e acompanhado de Martinho, um dos filhos de Mello, a quem pedira para comsigo ir, percorreu as muralhas, adarves e pannos do castello até que achou um ponto menos alto. Sem que Martinho ouvisse, fallou elle ao pagem Joanne, que o acompanhava :

— Trager-me ás o meu arco de pellouros com uma corda bem rija, e mais duas novas, e depois irás cellar o meu cavallo e tragermo-ás ali perto, fazendo que vás por agua; uma vara na mão e um par de esporas no seio. Eu por aqui anda-



rei tirando ás pombas, e depois chegarei ao logar e descerei por cordas.

Deliberára fugir o Mestre de Aviz. Incommodava-o aquelle estado de mais liberdade sim, mas na prisão de um castello, sem culpa conhecida de sua consciencia, a não ser o desamor ao Conde Andeiro, que lhe maculava o irmão. Do caso do véo rasgado devia elle ter conhecimento pelo seu companheiro de prisão, como este sabia o porque estava preso. Nem um nem outro fallavam, porém, no succedido, não só por não aggravarem a sua posição no odio da rainha se não por se apresentarem innocentes á contempção do paiz.

O Mestre de Aviz fôra cauto: não boquejára no acontecido nos paços dos Estãos; Vasques de Azevedo fôra imprudente enrostando-o á mulher altamente vingativa, tanto como generosa, se bem que com intenção de muito louvar: era intimo do rei aviltado, enxovalhado na honra por um gallego, que nem castelhano era. Como seria então que el-rei o mandára prender? Como era que se prendia o Mestre d'Aviz?

Prendia-o a vontade da rainha avassaladora do inconstante e já doentio rei de Portugal.

Vimos, leitor benevolo, o porquê da sua prisão nas phrases de Leonor Telles, ha pouco transcriptas: era preciso que morresse o unico homem capaz de lavar com sangue o nome in-



quinado do irmão, capaz de esconder com uma outra mancha grandissima.

Como a morte dos dois gorou nos planos infernaes de Leonor Telles, forçada foi esta a pôr-se do lado do rei, já sabedor dos alvarás falsos, a collocar-se da parte da clemencia necessaria no caso, que tanto dava que fallar aos fidalgos, ao clero e ao povo.

Assim foi que no dia seguinte áquelle em que o Mestre fugiria do Castello, seriam então onze horas da manhã, D. Leonor Telles mandou a Vasco Martim de Mello que soltasse aos dois, e a estes que fossem á Sé ouvir missa com ella.

Ouvir missa! Sarcasmo abjecto, risada machiavelica, zombaria da religião feita pela religião do odio concentrado, do rancor profundo, do seu amor offendido.

Soltos logo, o Mestre e Gonçalo Vasques caminharam para a sé, onde beijaram a mão á rainha e conversaram com os fidalgos, que a tinham acompanhado. Finda a missa, deu o conde Andeiro o braço a Leonor Telles e o Mestre de Aviz o seu á filha d'ella, D. Beatriz, até ao adro do templo, onde ella entrou nas andas, por andar grávida de um homem, e a filha montou uma hacanea.

Quem visse ir D. Leonor Telles, ladeada do Andeiro em doce conversação sorridente, e o Mestre levando de redea a sobrinha, e não sou-



besse dos mysterios palacianos, diria ser aquella soltura dos dois um acto de clemencia d'ella, rainha, quando al não era que um passo politico decretado dos acontecimentos, imposto pela necessidade de se mostrar innocente, sobre sua protectora, perante o rei e perante a nação. Que mulher !

«Mulher, que misto horrendo és tu na terra,  
«Para unir crimes taes com tanta graça» ?

Chegando ao paço, e querendo despedir-se o Mestre e Gonçalo Vasques, foram elles convidados pela rainha a com ella irem comer.

Bem quizeram escusar-se os dois, receando o querer ella propinar-lhes veneno ; resolutos, porém, subordinando sua acquiescencia a plano intimo, dos que a conservação pessoal instantanea suggere a todos, subiram e almoçaram com ella, em companhia do conde de Ourem.

El-rei saíra para o Vimieiro.

Por mais perguntas que o Mestre fizera á rainha sobre a causa de sua prisão, apenas obtivera uma insinuação perfida contra o Commendador da Ordem de Aviz, Vasco Porcalho, que denunciára ao rei o Mestre d'Aviz, como desleal e traidor...

Sorrindo bondades e sarcasmos, D. Leonor preparava-se para pôr fim ao episodio da prisão

d'aquelles dois homens valiosos com a prova publica e mais positiva de seus amores impuros com João Fernandes Andeiro.

Provocára a rainha conversação sobre quantidade de joias possuidas, e dissera que muitas havia.

Talvez por combinação de antes feita, Andeiro erguera-se e chegára-se á cama, em que D. Leonor estava á mesa.

Nisto, tirava D. Leonor do dedo um precioso anel de rubi, e dizia para o fidalgo gallego:

— Joanne, toma este anel.

— Nom tomarei, respondeu o conde.

— Porque?

— Porque hei medo que digam d'ambos.

— Toma tu o que te eu dou e diga cada um o que quizer.

Tal foi a dupla bofetada que D. Leonor Telles estampára nas faces d'aquelles homens!

Que cynismo! e que devassidão d'alma!

Tal a côrte de D. Fernando.





## CAPITULO VII

### *Segredos palacianos*

Porque em tudo o que fazemos  
Ha mister manhas assás,  
Segundo o mundo que temos.

*Gil Vicente.*

**C**SPALHARA-SE a nova da soltura do Mestre de Aviz com rapidez grande, não só pela cidade como chegára a S. Bento de Castris.

Joanna Peres, que conhecia dos paços de Lisboa ao Mestre, e que trazia no espirito a ideia de vingança de quem ali a sepultára, que outro não podia ser senão o conde de Ourem, deliberou-se a dar execução a essa ideia.



Bem sabia ella que só o Mestre de Aviz seria capaz de vingar o enxovalhado irmão ; ouvira-o muitas vezes a Leonor Telles, e por isso o buscava para lhe communicar a certeza do adulterio, de que não cabalmente capacitado era elle.

Se não fora o crime praticado pelo infante D. João, filho de Ignez de Castro, talvez 'nelle achasse mais denodado e prompto vingador, que mais homem era para repentes decisivos ; porém, andava por Castella, como sabe o leitor.

Apressou-se, pois, Joanna Peres em attrahir a S. Bento ao Mestre de Aviz, antes de sua saída da corte de Evora, como tambem disto lhe chegára nova ao mosteiro.

Havia, ainda ao tempo, a Cavallaria de Aviz em Evora uma parte da primitiva casa da Ordem, mista com a capella de S. Miguel, hoje existente em sua reconstrucção moderna. Ali pousava o Mestre quando vinha a esta cidade.

Logo na tarde do dia de sua soltura lhe chegára á Freiria o monachino Sacramor com a carta da Ferreirim para elle, que se resumia 'nisto :

«Senhor, ante que hajades de sair de Evora, e por vossa honra e da del-rei nosso senhor vos pede a mercê de cavalgades até S. Bento de Castris, Joanna Peres Ferreirim.»

Ao ler o mestre de Aviz o estreito pergami-



nho, para logo se lembrou da donzella da rainha, de cuja existencia em S. Bento já tinha noticia, sem conhecer a causa. Dera que fallar a saida della, foj certo, e mais do que um, alvitrára a causa com justesa ; não chegára, porém, tal cousa ao conhecimento do Mestre.

Resolveu ir ouvir a monja, que lhe fallava em sua honra e na de el-rei, sem, comtudo, alvejar a causa em seu cogitar perscrutador.

Para logo ordenou ao seu pagem Joanne que apparelhasse a sua mulla, e que estivessem a postos alguns escudeiros de acompanhar.

Por duas horas e meia da tarde saía o Mestre de Aviz, em companhia de doze homens, descendo pela rua da Cellaria, direcção da praça.

O tropel da cavalgada chamára as attenções da população, que corria ás portas de lojas e janellas, e até nas dos paços reaes foram vistas algumas pessoas.

Emquanto o Mestre passava, caminho da porta da Lagoa, no mesmo dia em que fora solto, fervia a murmuração, tanto nas casas dos mercadores como nos paços mesmo, onde D. Leonor Telles o soubera logo.

Na loja do mercador, Alvaro Vasques, pessoa da rainha, onde se reuniam cada dia muitos inuteis, dos que todas as populações teem, a fallacia sobre a saida do Mestre de Aviz tomou

grandes proporções, sem que nenhum acertasse com a causa.

Nos paços o mesmo succedia, maiormente entre o conde Andeiro e Leonor Telles, a quem aquelle queria persuadir da saída do Mestre para Aviz, sem se ter despedido della, caso em que via desprimor e medo de poder ser preso outra vez.

Leonor Telles, a quem o Mestre nunca jámais faltára com attensões e respeito, como a esposa de seu irmão, não se inclinava a crer no que teimava em lhe persuadir o conde João Fernandes.

Ninguém sabia, pois, em Evora para onde ia o Mestre de Aviz, solto 'naquella manhã.

Meia hora volvida de marcha vagarosa, entrava a cavalgada no pateo do mosteiro de S. Bento.

Joanna Peres, que o vira vir na estrada, desceu logo á claustra, risonha com o prazer da vingança, que começava de prelibar.

A ninguém dissera palavra no mosteiro, de modo que pela claustra se deteve até que o Mestre de Aviz se annunciasse.

Tocou a campá da portaria e fez-se annunciar o infante.

Mal a velha Abbadessa soubera que ali estava o irmão del-rei, apressou-se em vir recebê-lo á portaria, acompanhada das monjas, que poudo



reunir. Vinha quasi toda a communidade, que logo correra voz 'nella de que chegava o Mestre de Aviz, que muitas desejavam conhecer e todas ellas admirar solto, livre.

Entrára o Mestre ficando fora os de sua companhia.

Apenas a Abbadessa soubera que o infante pretendia fallar a Joanna Peres Ferreirim, indicou logo uma casa propria para a recepção e entrevista e chamou a monja d'entre a communidade presente.

Entraram os dois na sala, e as monjas debandaram em santas murmurações, proprias de taes casas; as do bando della contentes e satisfeitas com semelhante visita, que lhes dava força moral, como lh'a dera a ella, Joanna Peres, o ter vindo servir-lhe de madrinha na profissão o proprio rei de Portugal, as contrarias apimentando tanto esta visita do Mestre como já haviam feito a do rei.

Assentára-se D. João 'num tamborete de espaldas de couro, com saliente pregaria, e D. Joanna Peres permanecera de pé, enquanto o Mestre a não convidou a se assentar 'noutro.

— A vosso convite aqui vim, Joanna Peres, pois me fallastes de minha honra e da del-rei, meu irmão: dizede, pois, o que acaece.

— Verdade é que por honra del-rei, e vossa, e de vosso real provinco, vos pedi esta pratica,

e ora vos direi cousas, estranhas quiçá a vossa conhecida, começára a Ferreirim.

— Fallae ora, dissera o Mestre de Aviz.

— Senhor, por eu saber que sondes brioso cavalleiro, filho de brioso e honrado rei, e irmão do Senhor D. Fernando vos quero avisar dos crimes que contra sua honra delle vão nos paços dos Infantes, vão onde estiver a côrte.

— Dizede aguçadamente o que haveis pera dizer.

— O Conde João Fernandes é tedor a el-rei, e a rainha...

— Avonda, interrompera o Mestre de Aviz, proseguindo logo:

— Certo é o que affirmades?

— Certo, senhor Mestre d'Aviz, por S. Bernardo vol-o juro eu.

— Vós sondes, Joanna Peres, quem do caso algo fallado me vindes confirmar tal cousa: responsabilidade tamanha assumis estonces?

— Por Santa Maria da Escada! que si.

— Nom o digaes a mais ninguem, Joanna Peres, cá eu saberei proceder prudentemente, conforme cumpre á honra de meu irmão.

— Pero, senhor, vos peço guardês o meu nome.

— Mantido será; mas dizede porque me lo revelaes, se fazel-o podeis.

— Certo que posso, senhor. Confidente da rai-



nha, minha senhora, hei sido, até que por artes de João Fernandes fui sepultada 'neste mosteiro, com receio que tinha de minha fiusa.

— Estonces vingança tomaes do conde? dissera o Mestre.

— E a vós, senhor, vol-a peço eu ensembra com a minha. A rainha teme de vós somente...

— De mi?

— Bastas vezes lho ouvi dizer.

— Quiçá possa haver essa vingança, que sonhaes, quando cumprir, terminou elle.

E o Mestre de Aviz erguera-se, despedira se da monja e saíra adiante della.

Na claustra passeiavam as do bando de Joanna Peres, aguardando a saída do Mestre de Aviz.

Despedido da Abbadessa, feita mesura ás monjas D. João saiu do mosteiro, montou sua mulla e volveu a Evora, seguido de seus pagens e escudeiros.

Caía a noite sobre a cidade quando a calvagada entrou a rua da Lagoa.

Em S. Bento ficára a murmuração d'aquella visita, cujo fim ninguem soubera, e no animo do Mestre de Aviz vinha a certeza do que ha muito suspeitava a nobresa do reino offendida.

Se restassem duvidas ao Mestre, de que fôra preso por influencia quiçá do conde, ou só da rainha, agora duvida nenhuma havia. A rainha temia-o, e assim foi que o quizera morto, para



desapparecer o unico vingador de D. Fernando ultrajado.

Os maldizentes mercadores da praça ficaram desnorreados, ao ver entrar na cidade a mesma cavalgada do Mestre, que pouco antes tinha saído; e, como as monjas de S. Bento, ninguem soube com que fim saíra d'Evora.

Foi D. João visitado 'nessa noite por Gonçalo Vasques de Azevedo, o seu companheiro de prisão e de morte decretada, a quem deu parte do occorrido, com as reservas necessarias, para que não estalasse a nova da certesa dos amores criminosos da rainha, e da infamação de D. Fernando.

No dia seguinte saíra para o Vimieiro o irmão del-rei, a lhe agradecer a liberdade e pedir reconhecimento da causa.

De cama encontrára o Mestre ao irmão, a quem foi presente Beijando-lhe a mão, assim lhe dissera:

— Agradeço a vossa real senhoria a minha soltura, e por grão mercê vos peço me digades a causa porque fui preso, cá nom havendo eu praticado cousa contra o amor e lealdade que vos tenho, como a irmão, a meu rei e senhor, á minha honra cumpre o mostrar-se a Portugal sem mancha nenhuma.

— Certo sou eu de vossa lealdade, D. João, e de vossos bons desejos para comigo. Na vossa



prisão só mostrar-vos quiz o meu poder sobre vós...

— Senhor, dêz que cheguei á idade de conhecer as cousas sempre vos tive por meu rei e meu senhor, e sempre conheci não só o poder que haveis sobre mim como sobre todos vossos vassallos, sem que preciso fôsse mandardes-me prender como a tredo villão, quando tantos modos haveis de conhecer a minha lealdade.

Despedido del-rei D. Fernando, a quem pesára aquella visita e aquellas palavras, o Mestre foi á casa em que pousava o conde de Cambridge, por lhe agradecer os bons officios, que na sua liberdade houvera, como lhe fizeram saber.

— Eu vos agradeço a mercê que me fizestes na ajuda de meu livramento; e porque sei vos disseram cousas de mim que se nom deviam dizer, perante vós digo eu que se houver quem affirme que errej contra o serviço del rei, meu senhor, por mim prometto fazer-lhe conhecer que verdade nom dizia.

Ninguém respondeu ao Mestre, nem os portugueses, que com elle estavam, nem os inglezes.

Lembrando Vasco Martim da Cunha, o moço, que ninguem lhe responderia por ser pessoa de tal sangue e dignidade, para o conde disse:

— Cavalleiro de baixo estado sou, e cumpreme, por isso, repletar aquelle que ousar dizer que



o Mestre dissera ou fizera alguma coisa contra o serviço del-rei, que merecesse prisão.

Ninguém respondeu tambem. E confirmando o Conde de Cambridge que na verdade das palavras do Mestre e das suas acreditava a innocencia d'elle, o Mestre voltou ás casas em que pousava D. Fernando, e d'ali a Evora.

Veja o leitor destes bocadinhos de nossa historia o que ahi fica para reparos.

O fraco D. Fernando a desculpar-se d'aquelle modo deploravel de haver mandado prender ao Mestre de Aviz, um dos cavalleiros mais honrados e destemidos de sua côrte, e este a reftar por si e por seus amigos a quantos ousassem provar-lhe deslealdade ao imperante, sem que ninguém se atrevesse a acceitar o repto.

Como appareceria alguém a acceital-o, se o Mestre não commettera crimes contra o irmão, e só fôra a ardilosa rainha quem o fizera prender e o teria morto se lhe não valesse a prudencia de Vasco Martim de Mello?

Despedido em Evora de D. Leonor Telles, para as terras de seu mestrado partiu o liberto, entrando e parando em Veiros.

Com o Conde de Cambridge viera um filho do rei de Inglaterra, que tinha grande empenho de fazer uma entrada em terras de Castella, por experimentar seu valor no encontro de castelhanos. Ajustando que se reuniriam em Ar-



ronches, a Veiros foi um cavalleiro inglez, de appellido Rogel, convidar ao Mestre de Aviz para a entrada que meditavam.

De bom grado acceitou elle o convite, e com duzentos de cavallo e quatro mil de pé saiu pres-tes sobre Arronches, onde já eram os inglezes.

Por Ouguella foram marchando todos, e pernoutaram na primeira noite em S. Salvador da Matança, chegando no dia seguinte ao castello de Lobão, na Hespanha, guardado de setecentos homens.

Accomettido dos inglezes e dos portuguezes, o castello foi entrado com a morte de alguns, a prisão de outros e a fuga dos restantes.

Victoriosos, enthusiasmados do feito de armas, avançaram sobre Cortijo, guardado de duzentos homens, escudeiros e alcaides de sete castellos. Menos facil lhes foi a entrada deste castello, que valentissimos eram seus defensores.

Travou-se o assalto e a defesa heroicas. Impassiveis de serenidade, fleugmaticos combatiam os inglezes, sem aquelle arrojo peninsular e impulso rapido, que tantas vezes decide dos combates.

Para estes commettimentos eram os nossos mandados do Mestre de Aviz.

Forte por obras d'arte, Cortijo só se poderia render de prompto a um assalto rapido, a uma



escalada atrevida. Ordenou aos nossos esta escalada o valente D. João.

Nisto, quando prestes era o assalto e designados estavam os intrepidos, avistára se perto, muito perto do arraial um cavalleiro moço a toda a brida: chega, apeia-se, vae para o Mestre, saudá-o e lhe pede um lugar dos mais perigosos no assalto. Era Vasco Martim de Mello, que de Elvas saira a toda a pressa por tomar parte nos feitos d'armas conjugadas de portuguezes e de inglezes.

Pouco depois, era de ver o assalto geral ao castello, e de pasmar da intrepidez assombrosa de Vasco de Mello, que não embargante o cair-lhe morto ao lado um escudeiro e derribados muitos, subia arrojadissimo uma escada e o primeiro era a por-se de pé no adarve castelhano e a nelle cravar a bandeira portugueza!

Não lhe quizera ainda a morte a vida que lhe offerecera!

Tomada foi Cortijo com matança horrivel, praticada dos inglezes, e tanto estes como os nossos volveram a Portugal triumphantes.

Vasco Martim de Mello voltou ao ponto de partida, o Mestre de Aviz a Veiros e os inglezes tomaram para Estremoz, Borba e Villa Viçosa, caminho da praça d'Elvas.

D. Fernando estava ainda no Vimieiro e D. Leonor Telles em Evora.

E' de notar aqui o como a côrte se fraccio-



nára: doente, o rei, estava no Vimieiro sem os carinhos da mulher, e esta nos paços dos Estãos, em Evora, deixando lá penar ao infeliz monarcha, para viver vida regalada em companhia de seu segundo ou terceiro marido, o famoso João Fernandes Andeiro.

E ainda haverá quem duvide dos amores incestuosos da rainha com o fidalgo gallego, criticando tantas parcellas de historia patria, como lhe tenho mostrado? Onde mandava o dever estar a rainha de Portugal se não ao lado do esposo doente? Porque o não fazia? Porque o rei era já de mais na côrte: a morte d'elle seria um estorvo de menos aos desejos de governança absoluta de D. Leonor Telles, que sonharia, talvez, o vir a ser esposa ainda do conde de Ourém, feito rei de Portugal por ella, embora sómente como o fôra D. Pedro III e D. Fernando II, *in nomine*.

A quem mandava matar a seus semelhantes com facilidade e socego d'animo, como fizera á irmã e como faria ao Mestre de Aviz, como não mandaria envenenar a condessa de Qurem, para lhe casar com o marido?

Como sabemos, D. Fernando estava no Vimieiro, muito *adorado*, no curioso dizer do tempo, que tanto se confunde com o adjectivo que lhe negava a mulher, e só lhe concediam alguns fidalgos.

Deliberára-se a marcha para Elvas, tanto de portuguezes como de inglezes, a fim de ir dar batalha ao rei de Castella.

Paços reaes tinham em Elvas os reis de Portugal, fóra da cerca velha, a romana ou arabe, que ainda subsistia ao tempo sobre o segundo cinto de muros, que déra á cidade maior amplitude. Ainda permanecem respeitaveis vestigios d'esses paços no edificio onde hoje está a Administração do concelho, repartição de Fazenda, Conservatoria e Cadeia, ao fundo do chamado Arco da Praça, que anteriormente se chamára Porta de Sant'Iago.

Não buscou estes paços a familia real, antes se internou mais, aposentando-se na cerca velha e no palacio do Alcaide, talvez por se julgar mais segura dos inimigos em casa de um partidario amigo, qual era Alvaro Pereira.

Nos antigos paços, talvez fundação de D. Sancho II, foi pousar parte da fidalguia que fôra com D. Fernando.

Andava a primeira quinzena de julho quando, em doze do mez, a cavalgada real numerosa e luzida, entrára a Porta de Sant'Iago, e, pouco depois, a *Porta do Trempe*, corrupção de Templo, mais tarde dos *Santos*, a ponente, fronteira á casa dos Templarios, sobre o qual se fundou ao depois um mosteiro de freiras dominicas, ha pouco começado a demolir.

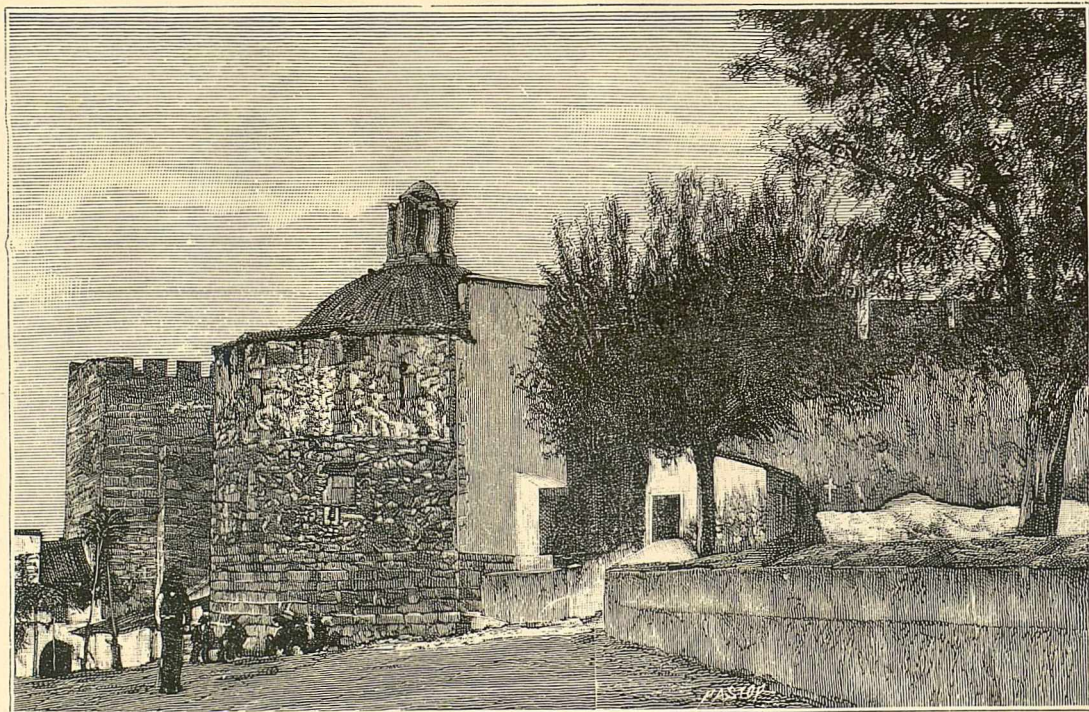




ALCAZOVA, PALACIO DO ALCAZAR, EM ELVAS — PORTUGAL







ALCAÇOVA, PALACIO DO ALCAIDE, EM ELVAS — (SÉCULO XIV)





Em S. Domingos foi pousar o conde de Cambridge e os seus soldados abbarracaram nos Olivaes, caminho de Badajoz, quando as tendas da hoste portugueza assentavam nas hortas da villa.

Da banda de lá do Caia via-se o terreno coberto das barracas e tendilhões do exercito castelhano, de modo que, de qualquer ponto da cerca velha, era de admiravel effeito o panorama de bellicos preparativos.

Chegára o dia dezenove d'aquelle mez. D. Fernando estava de manhã no miradouro do palacio do alcaide, por se recrear na contemplação de sua hoste postada no valle de Chinchés. Acompanhavam-no Vasco Martin de Mello, o velho, Gonçalo Vasques d'Azevedo, o Mestre de Aviz e outros fidalgos.

— Gonçalo Vasques, que ajuizas tu da batalha que daremos ao rei de Castella? perguntára D. Fernando.

— Real senhoria, difficil cousa me perguntaes. Quanto a fôrças numerosas as temos ahi; pero ha tantos precalços nas batalhas... que melhor fôra fugirmos da contingencia sem offensa de brios pessoas e desdouro nacional.

— Algo temes, Azevedo; que receias?

— Nada receio, senhor rei; pero se houvesse modo de evitar o encontro...

Ficára-se D. Fernando pensativo no parecer

sincero do seu conselheiro íntimo, e, seguidamente, como tendo achado um meio, ainda disse:

— Quiçá isso possa ser.

'Nisto, chegava Vasco Martim de Mello, o moço, pressuroso e risonho. Ao vel-o vir tão ledó e satisfeito, D. Fernando foi para elle e lhe perguntou, ancioso de conhecer a causa:

— Porque tão aguçado vens, Vasco de Mello?

— Porque aprouve a Deos Nosso Senhor dar ora a vossa real senhoria um filho varão.

— Para bem seja vindo esse infante, dissera o Mestre de Aviz.

— Meus profaças haja vossa real senhoria, disse Gonçalo Vasques.

— E os meus.

— E os meus, exclamaram os fidalgos.

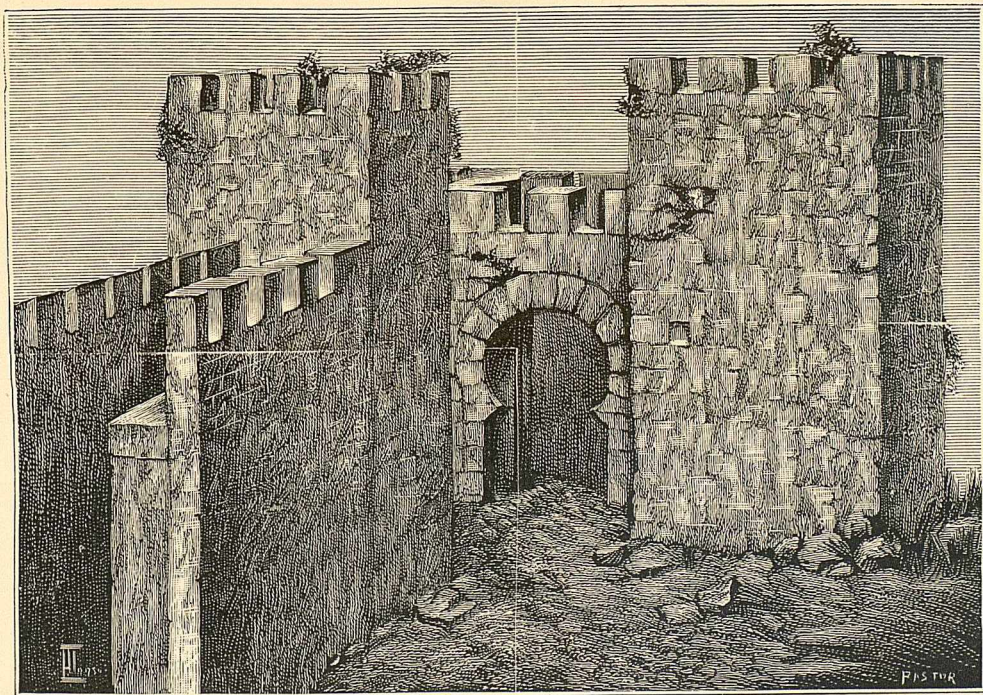
D. Fernando não se mostrou jubiloso: rapidamente se lhe viu passar pelo espirito nuvem que o embaciára, manifestada 'num instantaneo franzir da testa, tão rapido que só do Mestre de Aviz foi bem apreciado, para, em seguida, sorrir para todos e exclaimar:

— Bento seja Deus! que ouviu minhas plegarias.

Pobre rei D. Fernando de Portugal! Tu, que poderas deixar na historia patria um nome glorioso, vaes deixar uma nodoa nas paginas heroicas da primeira dynastia. Forçado a dares





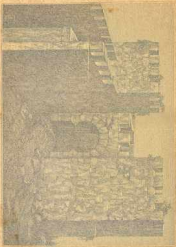


PORTA DO TEMPLO, EM ELVAS — (SÉCULO XIV)





TEMPLE OF TEMPLE — (SARASWATI)





graças a Deus por te dar um filho, que é filho de outrem, só por esconderes com sorrisos a tua vergonha aos olhos de teus cortesãos, a tua sorte é de lamentar, leviano e facil monarcha!...

Seguido dos que o acompanhavam D. Fernando saiu d'ali, despedindo-se delles ao chegar á porta da camara da rainha, onde entrou, quiça por ver ao recém-nascido.

Quatro dias depois do nascimento do menino morria elle, e el-rei seu pae ordenava á côrte rigoroso dó de burel...

Era a continuação da comedia, que forçado foi a representar bem, por dignidade do manto da realesa.

Emquanto as murmurações na villa eram geraes e variadas sobre aquella morte, descendo, já de noite, dos paços do alcaide para os reaes, onde pousavam, o Mestre de Aviz e Gonçalo Vasques d'Azevedo, dizia o primeiro a meia voz para o segundo:

— Gonçalo Vasques, a morte d'aquelle menino traz-me á nembrança que meu irmão conhece bem o seu estado...

— Bem lembrades, senhor, e bem acertastes no juizo, que vejo fizestes e fazeis do caso.

— Estonces sabês da causa? Gonçalo Vasques, perguntára o Mestre de Aviz.

Chegavam 'neste momento á Porta do Templo, na cerca velha; pararam. Gonçalo Vasques,

depois de observar que não seria ouvido de outrem, disse, em tom de íntima confidencia, ao Mestre :

— Matou-o el-rei.

— Estranho feito é esse de meu irmão ! podia ordenal-o e nom ser elle o verdugo. . . E' estonces certo ?

— Elle m'ò disse ; matou-o 'num abraço.

Como vê o leitor, D. Fernando, impulsado de grande dor, de vergonha e de odio desmentiu 'naquelle acto, por primeira vez, o cognome de *fraco* rei que lhe davam, e deram depois de sua morte.

Continuaram os preparativos bellicosos: no dia 31 de Julho fôra D. Fernando ao campo dos portuguezes e de inglezes, e ali armou a uns vinte cavalleiros tanto de uns como de outros.

Feita a cerimonia, alguém lembrou a D. Fernando, que não obstante sua dignidade real, não podia armar cavalleiros, por elle o não ser ainda. E era verdade: mais dado a combates amourosos, o formoso rei não pensára nunca em ser armado cavalleiro. Foi o conde de Cambridge, quem então o armou cavalleiro a elle, rearmando D. Fernando em seguida aos que já o haviam sido.

Não quizeram os castelhanos pelejar ainda 'neste dia e retiraram para Badalhouce (Bada-joz), e os nossos o mesmo fizeram, recolhendo a



seus acampamentos. D. Fernando entrou na velha Elvas e se recolheu no palacio do alcaide.

Neste ponto uma lacuna deixou a historia.

Porque não combatiam os castelhanos, tantas vezes desafiados? Porque não correria o nosso exercito a picar-lhes a rectaguarda, forçando-os a acceitar o repto?

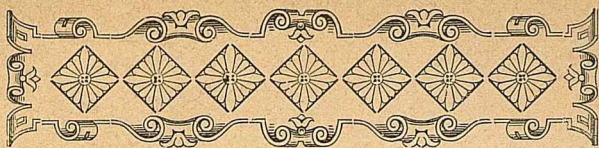
D. Fernando dissera ha pouco a Gonçalo Vazques de Azevedo que talvez se podesse evitar o combate. Que pensaria o monarcha ao fallar assim?

Ninguem o soube.









## CAPITULO VIII

### *Duas mortes*

«Ambus morreremos sem falha  
porquanto nos nom podemos  
falar.....»

*Cancioneiro da Vaticana, 115.*

**C**omo vimos, leitor, no anterior capitulo, com forças quasi eguaes se preparavam para combate portuguezes e castelhanos, apenas separados pelo Caia.

Neste ponto, porém, soffreu o plano de uns e de outros grandissima modificação. Sem que bem se possa dizer a causa, certo é que os dois reis, em vez de medirem suas forças em campo de

batalha, começaram de concertar pazes e amizade, cujo tratado, após certas difficuldades, fôra alfim assignado.

E ainda bem que fôra, desta como da primeira vez, que o reino estava de lucto pela derrota da sua esquadra nas aguas de Saltes, em que ás mãos do almirante Fernão Sanchez fôra vencido o conde João Affonso Tello e desfeitos os seus marinheiros improvisados de mesteiraes e de lavradores...

Desgosto muito grande lavrou nos inglezes com tal tratado de paz e de amizade.

Trocaram-se refens, despediram-se inglezes, que nunca elles cá deveram ter vindo, e D. Fernando, internando-se no reino, veio a Rio Maior e a Santarem.

Por sua parte o rei de Castella caminhára para Toledo, indo por Madrid. Aquí, adoecendo, lhe chegaram novas de como sua esposa, D. Leonor de Castella, fallecera de parto em Cuelhar.

Occasião apparecera 'naquella morte para o voluvel D. Fernando de Portugal casar, por quinta vez! a pobre filha, D. Beatriz, já promettida ao infante D. Fernando, filho do rei viuvo, não com elle, mas com o pae, o proprio rei de Castella!

E lá vae o conde de Ourem, o famoso Andeiro, com cem homens de mulla por companhia, entre os quaes fidalgos com Martim Gonçalves



de Ataíde, Gonçalo Rodrigues de Sousa e Alvaro Gonçalves de Azevedo, luzida embaixada, emfim, propor a D. João I de Castella o seu casamento com a infanta portugueza.

Contente acceitou D. João a proposta, e, pouco depois, veio a Portugal o Arcebispo de Sant'Iago, que, na entrada do reino, foi recebido pelo Bispo de Lisboa e conduzido a Salvaterra, onde estava D. Fernando.

Feitos contratos, de que resam chronicas, ajustou-se que no extremo do reino teria logar a entrega de D. Beatriz, de incompletos doze annos, e que em Badajoz se faria o casamento.

Para Elvas caminha D. Leonor Telles com a filha e lusida côrte, ficando D. Fernando, por muito doente já.

Mal chegada a Estremoz, ao encontro lhe vem a rainha D. Joanna, mãe do rei de Castella, deixando em Badajoz ao filho, e com grande e lusida companhia de condes e damas se encorpora no sequito de D. Leonor Telles, e marcham para Elvas, onde fazem ruidosa entrada.

Meiado Maio de 1383, junto de Elvas, em tenda especial tem logar o consorcio do rei de Castella com a infanta portugueza, assistente o Cardeal de Aragão, D. Pedro de Luna, perante uma côrte sumptuosa de um e de outro reino.

Ostentára D. Leonor Telles ali um luxo deslumbrante, que mais realce dera a sua belleza e



a fizera thema da admiração de todos, maiormente dos castelhanos. Vestia uma opa de veludo roxo de Bristol, e sobre ella um sainho de solia bandado de martas; uma cota de Quatarnay recamada de lavores de ouro lhe cingia o peito, apertada por um cinto com relho de grande rubi: ornava-lhe o pescoço um sartal de purrissimos brilhantes, em que vinham pousar as extremidades das favoritas de seus cabellos formosos. Arrecadas e anneis preciosos lhe adornavam orelhas e mãos, e dos hombros lhe pendia um manto roçagante de velludo escarlata e de zebrinas.

Uma sala se ordenára, com muito luxo, para o jantar de todos, e 'nella eram postas diversas mesas. Entre os fidalgos portuguezes que comeriam a uma d'ellas devia ser um d'elles, Nuno Alvares Pereira, que já começava a ser bem conhecido. Quando elle e o irmão, Fernão Pereira, foram para se assentar acharam já os logares tomados, tanto por castelhanos como por portuguezes. Vira D. Nuno no acto desconsideração para si e para seu irmão, e proposito formou logo de sairem d'alí ambos, não sem mostrar ao rei de Castella, á sua côrte vistosa, a todos, o como os Pereiras de Portugal pagam dividas de descortezia.

Dissimuladamente passeiando, o novo heroe se chegou a uma das mesas, á vista del-rei, e



com um joelho lhe derribou os pés, dando com ella em terra, e com tudo quanto tinha em cima!

Imagine-se o espanto de todos ao presenciarem tal acto, e mais o ver sair da sala aos dois irmãos tão tranquilllos como se nada fôra com elles.

Sabendo el-rei de Castella quem eram os dois irmãos e o porque d'aquelle acto, apenas disse-ra que quem tal praticára em sua presença animo tinha para mais e muito.

E nem elle sabia, ao fallar assim, que aquelle mancebo seria, no desdobrar dos tempos e dos acontecimentos, quem lhe daria em terra com o seu maior exercito, e o poria em vergonhosa fuga de Portugal, com o mesmo desembaraço e socego com que o fizera á mesa!

Depois de jantar houve ainda bem ordenadas justas sobre um tavolado para tal fim erguido, em que tanto portuguezes como castelhanos bafordaram, e se deram a outros jogos apropriados ao acto.

Despedem-se os reis: D. Leonor Telles volve a Elvas e D. João I a Badajoz, indo a nova rainha de Castella acompanhada do tio, o Mestre de Aviz, e de quantos bispos ali se acharam.

Aos dezesete do mez tem lugar na sé de Badajoz as benções nupciaes, e assim terminaram as bodas, juramentos de tratados e festas pelo

casamento da filha de D. Fernando e de D. Leonor Telles.

Retrocede D. Leonor a Almada, onde D. Fernando ficára doente, e curioso, senão prophetico é um dialogo havido pelo caminho entre ella e o Mestre de Aviz, do qual a historia apenas nos conserva parte.

— Como vos parece o meu genro, irmão, amigo, em seus gestos e maneiras? perguntára a rainha.

— Bem me pareceu, senhora; sesudo e modesto em suas obras...

— Bem dizedes; mas de mim vos digo que queria que o homem fôsse mais homem.

Uma prophecia era aquelle fallar; que mais tarde, em tempo breve, conheceria o mundo como o homem não era homem, mas um fraco, um pusillanime, um afeminado.

Aggravaram-se em Almada os padecimentos de D. Fernando, conheceu elle a approximação de seu fim vital e ordenou prompta saída para Lisboa, de noite, em silencio e ignorancia da cidade.

Lança-se pregão em Lisboa para que ninguem abrisse porta ou tirasse candeias ás janellas na noite de certo dia.

Desfeito, o formoso rei, magro como um tisi-co, não queria ser visto de ninguem, mas recolher-se promptamente aos paços da Alcaçova,



para ali dar a alma a Deus, como dera o corpo ao diabo da carne, que lh'o devorou, e com elle a vida, tão ante tempo! Contava quarenta e tres annos de idade.

Vestido o habito de S. Francisco, confessado e commungado, o pobre rei de Portugal expirou em vinte e dois de Outubro de 1383, levando comsigo para o tumulto provisorio de S. Francisco a gloria de uma forte dynastia, e talvez a autonomia de uma nação...

Faz-se ao rei um enterro singelo: a rainha, contra os costumes do tempo, não o acompanha ao jazigo, começando a dar pablo á maledicencia, que recommençára como quando tinha casado.

Se calculadamente o fez, receiando do povo de Lisboa, desta feita se enganou; porque maior foi o escandalo e a maior murmuração.

Regente do reino fica D. Leonor, do reino sem herdeiro varão. O conde de Ourem, ao ver baixar ao tumulto o amigo, que vilipendiára, arreceia-se de Lisboa e sae para o seu condado: deixa só a rainha.

Que temia este homem, se tinha o amparo de Leonor Telles?

Consciencia! embora haja quem te não conheça, quem te ludibrie, quem de ti zombe, tu existes, existes para tortura de damnados instinctos e d'almas corrompidas. E tu foste, pas-

moso juiz, quem arrebatou da côrte a João Fernandes Andeiro, descarregando-lhe essa primeira sentença, quando parece que o dever, ou mesmo o cálculo lhe ordenava o não desamparar a viuva, a amiga, a amante! Que o destino te não vibre peor golpe, bemsadado villão até á morte de D. Fernando, feliz conde de Ourem!...

Pintar o estado em que ficou Portugal por morte de D. Fernando, não è para um livro desta natureza: baste somente, por indispensavel, saber-se que a rainha começou de tirar de logares de confiança aos que foram amigos de D. Fernando, como a Vasco Martim de Mello, o governo do Castello de Evora, e a muitos mais, largando-os outros antes que delles fossem esbulhados.

Como hoje dizemos, caíra o ministerio, e as auctoridades do transacto ou se demittiam ou eram demittidas do novo governo.

Filha de D. Leonor Telles era a rainha de Hespanha, que, pelo casamento, seria herdeira de Portugal, se do morto rei não ficasse filho varão: convinha-lhe, pois, começar de fazer politica por ella, por si, sem muito cuidar nos descontentes, e não obstante uma deliberação do conselho havido após a morte de D. Fernando, que fôra pela defensa do reino, contra Castella.

Aquelles descontentes, porém, eram impor-



tantes, muito importantes, e o direito publico que então regia a nação não admittia filhos illegitimos e incestuosos na successão, como se acreditava serem a rainha de Castella, filha de D. Leonor Telles e do Conde Andeiro, e o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, armas que bem manejadas, pelo poder que tinham lhe fariam o maior damno.

Portugal não quer o dominio de uma nação inimiga.

Alvaro Paes conspira pelo Mestre d'Aviz. Fôra este homem o chanceller-mor de D. Pedro e de Fernando; era rico e estimado, e mais do que isso, experiente das cousas publicas.

Assentou-se na morte do conde João Fernandes como o primeiro passo a dar na conspiração.

Era o dia cinco de Dezembro de 1383. Saíra de Lisboa o Mestre de Aviz para defender parte do Alemtejo, e fôra pernoitar a Santo Antonio da Aldeia, tres legoas da capital. No dia seguinte, com vinte dos seus, armados, retrocedeu inesperadamente da rainha, e só esperado de Alvaro Paes, a quem o mandára dizer adiante com recado especial.

Sem parar em parte alguma, chegou aos paços dos Infantes á uma hora da tarde.

Descavalgados, subiram. E ouvia-se dizer uns a outros :

— Sede todos prestes, cá o Mestre quer matar o conde João Fernandes.

Na camara de Leonor Telles estava ella com algumas donas, assentadas no estrado, o conde de Barcellos, seu irmão, o conde D. Alvaro Peres, além de outros. João Fernandes Andeiro ajoelhado aos pés da rainha lhe fallava em segredo.

Bateram á porta: abriu-a um porteiro, que, mal o Mestre entrou, ia para fechal-a. O Mestre de Aviz, porém, escancarando-a, deu lugar a que os seus entrassem com elle.

Caminhou D. João vagarosamente para a rainha, que se levantou, como os demais. Feita reverencia a Leonor Telles e cortezia a todos, a rainha lhe disse:

— Assentai-vos; e pois, irmão, que é isto? a que tornaste de vosso caminho?

— Tornei, senhora, porque me pareceu não ia desembargado como cumpria. Larga e grossa é a comarca de antre Tejo e Oudiana, que me vós destes pera guardar, e porque me parecem poucos os que me vós destes tornei pera me vós dardes mais vassallos, pera eu bem vos poder servir, segundo cumpre á minha honra e a vosso serviço.

Emquanto o Escrivão da Puridade, João Gonçalves, folheava o livro dos vassallos da comarca para dar ao Mestre maior numero de combaten-



tes, alguns condes convidaram para jantar ao Mestre, escusando-se elle a todos com a desculpa de que já mandára preparar o jantar ao seu veador.

Desviados um tanto o Mestre e o conde de Barcellos, para este disse, em voz baixa, aquelle:

— Conde, hi-vos d'aqui que logo quero matar o conde João Fernandes.

— Não irei; pero comvosco serei pera vos ajudar.

— Não sejaes; mas vos rogo todavia que vos vades e me aguardeis pera o jantar, cá em Deos querendo, tanto que esto for feito, logo irei comer comvosco.

Emquanto os dois rapido assim fallaram, suspeitou o Andeiro de alguma cousa, e mandou aos seus que se fossem armar sem demora nenhuma.

— Santa Maria Val! exclamára d'ali a rainha, que já não podia conter a explosão que se lhe preparava no peito de suspeita de alguma cousa extraordinaria, como os ingrezes hão mui bom costume, que quando são no tempo da paz não trazem armas, e só as trazem no de guerra.

— Senhora, é mui grão verdade; pero como elles mais vezes tem guerras do que paz o podem fazer, e não nós, pelo contrario, que se as não trouxessemos em tempo de paz como as poderíamos supportar em tempo de guerra?

E João Gonçalves continuava de folhear e de

escrever. Foram saindo os condes, por serem horas de jantar. Ficára o Andeiro, já mui agastado e inquieto; e indo-se para o Mestre de Aviz:

—Vós, senhor, todavia de comer heis comigo.

— Não comerei, cá tenho feito de comer.

— Si comereis; emquanto vós fallaes vossas cousas irei eu mandal-o fazer prestes. Evidentemente queria sair d'ali o conde.

— Não vades, que eu vos hei de fallar uma cousa ante que me vá, e logo me quero ir, cá são já horas de comer.

Nisto, o Mestre de Aviz tomou o conde pela mão e saíram ambos da camara para uma grande casa que era antes d'aquella, seguidos dos homens d'armas, e, de mais perto, de Ruy Pereira e de Lourenço Martins.

Chegando-se o Mestre com o conde para junto de uma fresta, sentiram os que os acompanhavam que o Mestre fallava baixo ao conde.

Breves foram as palavras que se disseram, pois que todos viram puxar o Mestre de um cutello comprido e descarregal-o na cabeça do conde de Ourem. Deitaram elles as mãos ás espadas, mal aquillo viram, e o Andeiro, sem morrer do golpe, tentou correr para junto da rainha, encontrando na breve avançada o estoque de armas de Ruy Pereira, que o varou de lado a lado, e prostrou no chão, morto de vez.



Escondia o Mestre de Aviz com uma sangüinea mancha a nodoa na honra do irmão, ha pouco fallecido, e subia o primeiro degráo de um throno feito do cadaver de um homem... Necessidades.

Por Fernão Alvares e por Lourenço Martins mandou logo o Mestre fechar as portas do paço para que ninguem entrasse, e ordenou a seu pagem que fosse á pressa pela cidade bradando:

— Accurram ao paço, que matam ao Mestre!

A cavallo voou o pagem pela cidade até casa de Alvaro Paes.

Nos paços, assustada a rainha, mal lhe noticiaram o caso triste, irrompe em expansões, taes como:

— Santa Maria Val! que me mataram em elle um bom servidor! e sem no merecer! cá eu bem sei porquê. Mas eu prometto a Deos que me irei de manhã a S. Francisco e que mande hi fazer uma fogueira u farei taes salvas quaes nunca molher fez por estas cousas.

Palavras, só palavras.

Quantos ali se achavam de homens e de mulheres tudo fugiu pelos telhados, que pelas portas se não atreviam, receiando serem mortos. O pobre Escrivão da Puridade e os seus, sem o minimo accordo, debandaram como poderam. Um borborinho enorme, um terror sem descripção!...

Ao Mestre, que subira a um eirado, mandou a rainha perguntar por uma dama se tinha de morrer.

— Dizei lá á rainha que assocegue em sua Camara, que Deos me guarde de mal lhe fazer.

O plano traçado e seguido fôra de mestre consummado. Alvaro Paes, o velho querido de Lisboa, de coifa na cabeça e bem armado, sobre um cavallo possante percorre as ruas, direcção aos paços de S. Martinho, e vae levando consigo centenas de homens, armados tambem.

Ali chegados, bradaram pelo mestre os populares, indagaram de quem o matou, tentaram queimar as portas dos paços, são em perfeita revolução. Preciso foi ao Mestre de Aviz o apparecer a uma janella para aquietar ao povo.

— Amigos, apacifícae-vos, cá vivo eu sou e são, a Deos graças! Morto é o conde João Fernandes.

— Que nos mandaes fazer? que quereis que façamos? bradaram as turbas.

— Por agora mister não hei de vós senão o vosso amor, respondera o Mestre d'Aviz.

Para os paços do Almirante, onde pousava o irmão da rainha, o conde D. João Affonso, segue pouco depois o Mestre por entre o povo e donas da cidade pelas janellas, as quaes diziam em altas vozes:

— Mantenha-vos Deos, Senhor! Bento seja



elle que vos guardou de tamanha traição qual vos tinham abastecida.

Das sineiras da alta torre da sé de Lisboa é arremeçado á rua o bispo D. Martinho, castelhano, e mais dois são mortos dos que com elle estavam, por epilogo d'aquelle drama de sangue necessario á vontade popular, ao socego do reino e sua conservação autonoma.

D. Leonor Telles receia do Mestre, e mais ainda da cidade, e seguida de fidalgos, donas e donzellas saiu de Lisboa para Alemquer, o mais apressada que poude.

Um dia, nos paços d'Alemquer, fallavam diversos fidalgos do que mais lhes pezava ter ficado em Lisboa. Ouvindo-os, a rainha disse para todos :

— Quanto a mim não me peza de outra cousa que me lá ficasse como do bancinete e da cota de Alvaro Paes, com o saião.

— Boas armas devem de ser essas que vós não podereis haver outras por dinheiro? lhe disséra um fidalgo.

— Por nenhum dinheiro me dariam outras taes, e se alguem estas me desse á mão eu lhe daria por ellas quanto me pedisse.

Allusão eram taes palavras á calva de Alvaro Paes, e á cota da cabeça d'elle, a coifa que lh a cobria.

Outro dia, já nos paços de Santarem, menos-

presava ao Mestre a rainha ; e, alludindo aos fidalgos portuguezes que se passavam para seu partido, ou para o de Castella, exclamára ella para os que a escutavam :

— Ao Mestre todos os dentes lhe abalam excepto um.

Outra allusão fazia D. Leonor a Nunalvares Pereira, o que se mantivera firme ao lado do Defensor do reino, sem que valessem rogos da familia, mãe e irmãos para o demover do proposito inabalavel.

Tinha, pelo que se vê, D. Leonor Telles a bossa da fina allusão com fórmãs familiares e não desengraçadas. Era para lhe não faltar a seus dotes de mulher singular mais o de espiituosa, como hoje dizemos.

E' o Mestre nomeado Regedor e Defensor do reino pelo povo de Lisboa ; põe casa e começa de governar.

D. Leonor Telles, afastára-se para mais longe e parára em Santarem, como vimos.

Começa o reinado de D. João I, embora não . sancionado ainda pela vontade das côrtes.

Vae, pois, surgir de um cahos um novo reino, uma forte dynastia, ao *fiat* poderoso de tres homens immortaes na historia de Portugal : o Mestre de Aviz, Nuno Alvares Pereira e João das Regras.

E o que será feito de Vasco Martim de Mello?



Restituído a Évora, ao pae, ainda em tempo de D. Fernando, 'nesta cidade se conserva com sua familia esperando os acontecimentos, que começavam a se desdobrar de modo que a ninguém era dado antever o numero e qualidade delles.

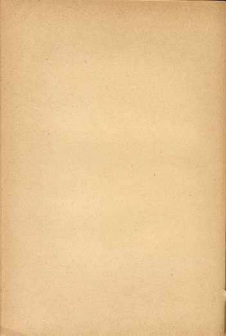
Depois da profissão de Joanna Peres, apode-rára-se-lhe do espirito tristesa profunda, concentrada, sonhadora de morte. Já não era o destemido cavalleiro que fôra em muitos recontros: era o vencido do destino, o triste, o quasi imbecil.

E não poucas vezes ia elle, por fins da tarde, ora a cavallo, ora a pé ao sitio de S. Bento, por ver de longe a mulher que tanto amava ainda.

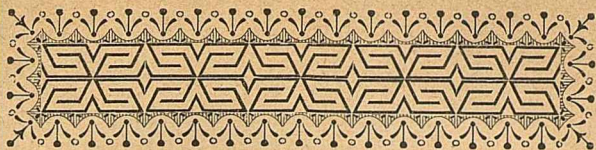
Ha paixões como a delle, e ha mulheres como Joanna Peres Ferreirim.

A mulher, se uma paixão como a de Vasco, a não domina: porque 'neste caso é para as mais estupendas dedicações, é uma creatura egoista de sua nullidade, indifferente aos males alheios, vaidosa, e tonta, e ridicula até.

Homens, como Vasco Martim de Mello são uns doentes incuraveis da medicina, acromaniacos fracos, sem energia para fugir o mal, loucas borboletas, que só descansam na morte, perdidas na luz fascinadora as azas candidas de suas aspirações.







## CAPITULO IX

### *Politica monastica*

«Nenhua fale em faltas o defeitos alheos, inda que sejam pequenos, & somente naturaes, antes falem, & procurem sempre sentir bem de todas.»

*Regra da Bemaventurada  
S. Clara etc. 1591 p. 70 v.*



DESDE que se conhece a sua historia, tem sido a humanidade a mesma sempre em seus desejos e aspirações, em suas afeições e rancores, odios e vinganças.

Mulheres e homens os mesmos são hoje que devem ter sido desde que, por inexplicavel mysterio, appareceram na superficie do globo, que habitamos.

Essa manifestação de liberdade associativa que desde a antiguidade se conhece em seitas religiosas, ou não religiosas, nas congregações monásticas de um sexo e de outro em casas diversas e, por tempos, em mosteiros duplex, nunca inscreveram na portaria delles o verso de Dante.

*Lasciati ogni speranza voi ch'ntrate !*

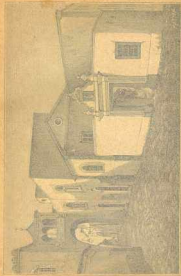
Nunca o fizeram, porque um impossivel fôra o não quebrantarem o lemma terrivel de desesperança, apenas consentido aos precitos no fantástico inferno da lenda religiosa. O mosteiro ou convento, o asceterio, a gruta solitaria nunca poderiam ter sido um inferno de absurdas penas eternas e de eterno existir.

Fantasias não foram esses recolhimentos seculares e religiosos, que não são varridos totalmente da superficie da terra, e que 'num paiz ou 'noutro subsistem ainda.

Contra natureza foram sempre os absurdos e abstrusos votos que faziam, tanto mulheres como homens ao professarem uma regra, um instituto religioso, impondo-se coacção impossivel, desligamento formal e completo do mundo de viventes, que deixavam cá fora nos parentes, nos afeiçoados, nos sómente conhecidos.

A historia do viver monastico tem no mundo





CASA DEL P. FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA, PUERTO RICO

Esta manifestação de liberdade intelectual que desde a antiguidade se encontra em alguns religiosos, os sábios religiosos, nas congregações monásticas de um lado e de outro em ermos de outras e por tempos, em mosteiros duplos, ou triplex (triceretari) ou portarii deão e o resto de Doria.

#### *Exatidão e pureza dos costumes.*

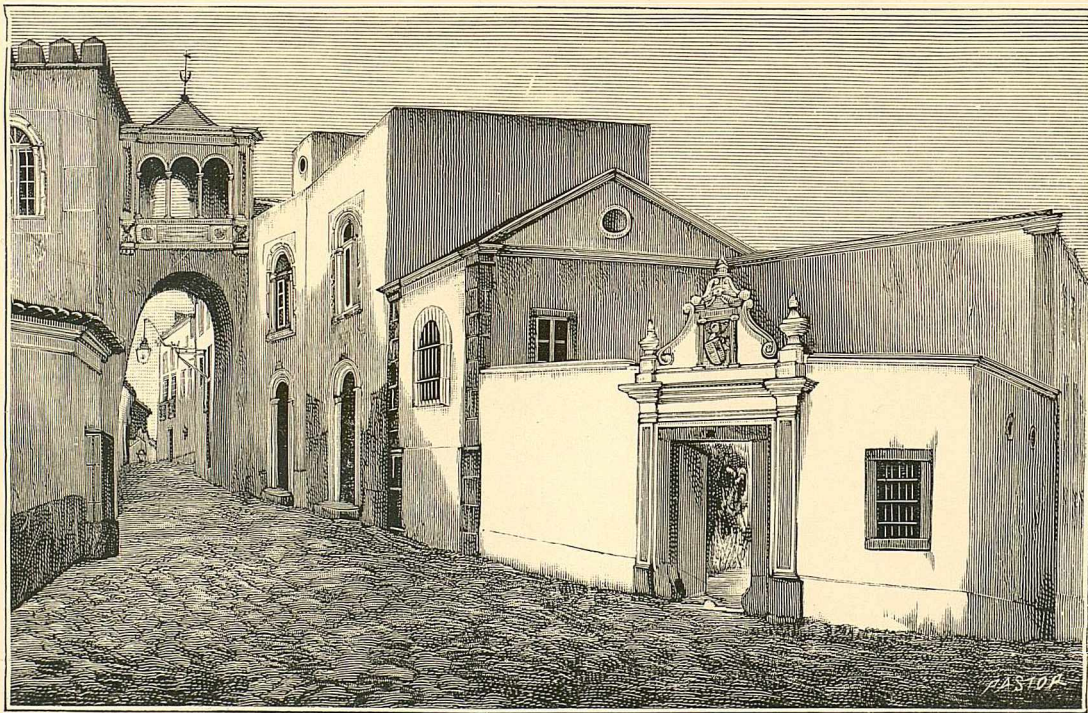
Sua vida é frugal, porque sua impetuosidade não é tão quibernetada o humis tendal de de empê para, apressa conspurca sua procriação por falta de um senso de lealdade-religiosa. O monacho em crença, o acadêmico, a grua voltaria nunca poderiam ter sido um século de aborrecidos penas eternas e de eterno castigo.

Porque ele tem mais recalcitrâncias no lado a religioso, que não são capazes de tolerância de superior de seus, e que não para ou mesmo submissam ainda.

Contra natureza frugal sempre os aborrecidos aborrecidos vicia que deões, tanto mais que os monachos se proficaram uma regra, um modo de religioso, impetuosos e castos impetuosos, dedicando frugal e completa do mundo de vícios, que deões não se tem os parentes, nos aborrecidos, não somente castos.

A história do monachismo tem no mundo





CASA DO DR. FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA, EM ELVAS





universo paginas movimentadas de vida agitada e de correlação íntima com o viver externo, quando não as tenha de natureza sua propria, independente de sugestões externas.

E que muito, se o contrario seria um impossivel, um renegar do Creador, uma abdicação de vontades, que só a morte, o apparente aniquilamento da materia decreta inexoravel a todos.

Mostrarei a exactidão do observado nos claustros do mosteiro de S. Bento de Castris, da Ordem de Cistér, dos monges e monjas brancas de S. Bernardo, conformemente ao manuscripto membranaceo, que se tem seguido 'nesta historica narrativa.

Mais de cincoenta damas, ou monjas, ou freiras ali viviam em 1383, não sujeitas ainda á clausura, mas em congregação de vontades, já favorecidas de regalias e isenções.

Vinha aquella casa dos primeiros tempos do viver de Portugal autonomo. Nascera de um milagre, de um fogo celestial visto no ceu por D. Paio, primeiro bispo de Evora, e fôra D. Urraca Ximenes a mulher piedosa, que lhe impulsára a construcção primordial, passando á Ordem de Cistér em 1169.

Como o mosteiro de Lorvão, em terras de Coimbra, depois que deixára de ser de monges negros de S. Bento para o ser de monjas da mesma Ordem, este de S. Bento de Castris era

um receptaculo de meninas da primeira nobreza do reino, que por causas diversissimas, ou ellas proprias de livre vontade ou seus paes ali encerravam bem dotadas para sua congrua sustentação, e da dos serviçaes internos e externos, bem como para alimento condigno do culto, que por dever de seus votos deviam á Divindade.

Assim era que entre aquellas donas viviam ao tempo Joanna Peres Ferreirim e D. Mor Paes, aquella, parenta de D. Leonor Telles, esta, de D. Nuno Alvares Pereira.

D. Mor Paes, da familia de Nunalvares, tinha entrado no mosteiro em Novembro de 1383, pouco depois da morte de D. Fernando, e Joanna Peres havia professado em 1382, como já vimos.

Mais antiga monja no mosteiro, e já sua Abbadessa ao expirar o rei, Joanna Peres, ou por ser parenta da viuva rainha ou por causa que se não conhece, manifestára-se logo partidaria vehementemente de D. Leonor contra o bando, que avolumava a olhos vistos desde muito, e que em 1383 attingira consideraveis e numericas forças.

De facil crer é o poder que teria D. Joanna Peres, a Abbadessa de S. Bento, já nas familias nobres cujas eram as donas suas subordinadas, já nas Ordens monasticas de S. Domingos e mesmo de S. Francisco de Evora. Ao poder que lhe vinha de taes relações, de accrescentar é o



que tambem lhe provinha dos haveres do mosteiro, rico desde seus principios, pelos dotes avultados e legados sem conto que já então, e muito mais depois, tinham feito e fizeram áquella casa religiosa tanto as monjas em suas mandas como as familias dellas em seus codicillos.

Era, pois, um poder grande em Evora o da Abbadessa de S. Bento, e, por consequencia, o de D. Leonor Telles, quando o Mestre de Aviz e Nuno Alvares Pereira sonharam dar a Portugal novo alento de vida, constituil-o nacionalidade forte, energica, independente e briosa embora sobre dois tumulos recémfechados da morte.

Fronteiro de Entre Tejo e Oudiana Nuno Alvares, esse Marte lusitano, esse vulto colossal da nossa e da historia de Hespanha, conhecera o poder de Joanna Peres nas muitas entradas que fazia em Evora, e para logo viu a conveniencia politica de lhe oppor um outro poder na pessoa de uma mulher nobre tambem, e essa foi eleita por elle na pessoa de D. Mor Paes.

Tinham, pois, os dois partidos, em que o reino se fraccionára, duas correligionarias em S. Bento de Castris, cada uma por sua banda, cada uma chefe de um agrupamento de vontades contrarias, antagonicas, irreconciliaveis.

Como sendo mais antiga, mais antigas affeições tinha e correligionarias contava D. Joanna



Peres do que D. Mor Paes. Mas, ou fosse que D. Mor dispozesse de mais talento, ou que a causa que perfilhára começasse de ter grandes sympathias no reino, é certo que o grupo que tinha voz por D. Joanna começou de ter deserções em proveito de numerica importancia do bando do Mestre de Aviz, o sympathico filho de D. Pedro I.

Como no reino rebentára a guerra civil, calamidade social tão damnosa como a peste, no mosteiro de S. Bento estalára a tempestade de animadversões.

Quinze dias andados de Dezembro de 1383, depois da terça, sexta e noa, seriam onze horas da manhã, desciam as monjas do côro de cima do mosteiro em companhia da Abbadessa, ao tempo em que do côro de baixo saiam outras com D. Mor Paes.

Já se não reuniam em communidade de rezas, tão desavindas andavam, e nem o preceito da obediencia era bastante a tolher que umas rezassem assentadas nos seus stalos de castanho do côro de cima e outras sobre as covedras de Arraiolos do artozoadado côro de baixo.

Chocaram-se as que desciam com as que vinham de dentro, do côro inferior.

Nisto, tangera a campa do mosteiro crebras badaladas, insolitas, desconhecidas. Era de assustar a todas, mormente a D. Joanna Peres, a



creatura de Leonor Telles, sua parenta, quando irrompia no reino uma dupla guerra civil, contraria a Castella.

Adiantando-se do grupo, temerosa de algum insulto da população eborense, que bem a conhecia e della murmurava maldades, a Abbadessa moveu para a portaria ogival primitiva de uma casa baixa com tecto de revindo.

— Quem de tal guisa tange ahi a campã? perguntou á dona rodeira.

— Um peigrino, senhora, que orate parece ou machatim, respondera a rodeira.

— Quiçã; mas porque tão aguçado vem? Quem se diz?

— Anequim, para vossa nobreza.

— Bento seja! Abri-lhe a porta mui asinha.

Entrementes se começava de abrir a portaria, D. Joanna Peres acenou para uma edosa creada do mosteiro, que logo se chegou, e a quem ordenou dissesse ás monjas de D. Mor Paes se retirassem a suas cellas.

Estavam estas mui perto da portaria, curiosas de saber, ou quem fôsse o hospede, ou que novas haveria.

Levou-lhes o mandado a sergente da Abbadessa.

— Ieramã que esso faça, que esso façamos, respondeu D. Mor.

— Mal peccado que nesso sejamos, segundára uma dona, sem nos ser conoçuda a causa desto tanger.

— Bem razoas, D. Bellesa, dissera D. Mor Paes, e esta e as de seu bando foram sobre a portaria, onde a Abbadessa.

Abrira-se a porta e por ella entrára uma especie de beguino, coberto de um balandrau de amorete, bombachas nas pernas e sambarcos nos pés.

— Comadre minha, dissera para Joanna Peres o recémchegado.

— Mantenha-vos Deos : vós por aqui?!

— Em vosso serviço, dona comadre.

— Fallae ora.

— Passamente o farei, comadre, quando o painel das almas não houver demonios, respondera o beguino, olhando de modo significativo para o fundo do quadro, em que avultava D. Mor Paes e as de sua hoste. Para ali volveu a cabeça a D. Abbadessa; e ao dar com o grupo desobediente, não podendo conter a sanha de que possuida instantanea, prorompeu em diatribes:

— Desobedientes ! excommungadas !

— Excommungada vós sois, scismatica dona, que ora recebeis a um turgimão refece, quebrantando nossos estatutos, redarguira D. Mor Paes.



— Um rabás !

— Um marrano !

— Um castellão, quiçá !

Bradavam as desobedientes. D. Joanna, ao ver-se desobedecida, ao conhecer a exaltação dos animos, tanto de uma como de outra banda, porque o seu grupo se chegára ameaçador, conteve a sanha, aprumou-se magestosa, e dest'arte lhes disse :

— Em nome da santa obediencia hi-vos d'aqui, senhoras; não queirades que o D. Abbade de Alcobaça haja de poer em vós excommunhão maior.

E assim fallando, e ao conhecer a indiferença de suas monjas ao mandato imperioso, botou a mão á corda da campá e começou de a tanger a rebate.

Caso grave era aquelle, que só nos de incendio casual, fogo posto ou assalto de ladrões se praticava, para chamar os sergentes do mosteiro, os confesores e visinhos em defesa das donas salteadas.

Produziu o desejado fim a campá tangida a rebate: á portaria chegaram logo uns após outros, sem demora, os Reverendos frei Cosmado, frei Tude e frei Croyo, monges de S. Bernardo, com o monachino Sacramor, e os creados da almuinha e cerca do mosteiro.

— Que acaeceu, dona Abbadessa? perguntára frei Croyo.

— Reveis a minhas determinações são essas donas que ahi vedes : levai-as aos redis, vós, que sois seu confessor.

— Certo é, meus compadres, fizeram cajom a minha comadre, dissera d'ali o recémchegado Anequim.

— Que roge esta creatura ? Quem é ? perguntára o reverendo Cosmado.

— Um enviado é de sua real sênhoria, a rainha, nossa senhora, que passamente me quer dar seu recado, e o nom pode com essas escultas tredas e reveis, respondera a Abbadessa.

Ao ouvir tal affirmativa, ao saber que era um enviado da rainha, o bando de D. Mor Paes acalmou-se um tanto, não sem repulsão dos epithetos de reveis e de tredas :

— Treda sois vós, D. Joanna, vós e as de vossa geração, treda e desleal á patria, do senhor D. Fernando, que Deus haja em gloria, e a seu irmão, o senhor infante, Mestre d'Aviz.

— Senhora D. Mor Paes, cortára o Reverendo Croyo : dae de mão a refertas improprias de vossos maiores e de vosso estado, e deixae ora que á senhora D. Abbadessa seja conhecida a vontade de sua real senhoria. Vossa superiora ella é e nom outra ; heis-lhe devuda obediencia ; hi-de a vossas cellas e que a maldiçom de Deos nom caia sobre vossas cabeças ; hi-de, vol-o ordeno.



Ao tom imperioso do mais dioso dos confessores, obedeceram alfim as monjãs, e se foram indo por um e outro lanço da grande claustra.

Sairam os monges confessores das madres, e D. Joanna Peres poudo conhecer a natureza da embaixada, que pelo bobo aforrado de D. Fernando lhe enviára D. Leonor Telles.

Não nol-a dá na genuina intrega o manuscripto que nos vae guiando; porém somente em narrativo transumpto. Pedia novas da cidade de Evora, do estado de suas paixões politicas, por quem a nobresa e por quem o povo, e lhe rogava a ella, D. Joanna, agrupasse proselytos, pleiteasse razões por sua causa e fizesse promessas em seu real nome. Tal a substancia da missiva do jogral da rainha, que já o fôra do marido.

Socegado aparentemente o tumulto, recolhidos a suas habitações fronteiras os Reverendos nonnos ficára a Abbadessa com o Anequim em conversação dilatada sobre cousas de politica da rainha, no fim da qual lhe perguntára D. Joanna:

- Não comeste ainda?
- Nemigalha.
- Comer haverás. Quando abalas?
- Presto, presto para Evora.
- Santa Maria Val! grão perigo corres, Anequim, que revolta anda já a populaça, e se te conhecem...

— Assi vestido nom serei conhecido e asinha sairei, mal entregue a missiva ao Oliveira.

— Será como dizes; mas ensembra irá Sacramor.

Assim concertados em suas conveniencias, D. Joanna deu algumas dobras, gentis e tornezes ao Anequim, fez apparecer o monachino Sacramor, a quem recommendou acompanhasse a Evora aquelle individuo e o levasse a casa de Alvaro Mendes d'Oliveira, que tinha o castello pela rainha, e, despedindo-se do bomoloco disfarçado, mandou fechar a portaria e se recolheu a sua cella.

Amainára o vento da discordia; aquellas vagas alterosas de mulheres revoltas serenaram momentaneas, quiçá para em breve se alterarem iracundas, se algum acontecimento de commum interesse as não congraçasse a todas, ao menos ostensivamente.

E, de facto, para estranhar não seria o surgir de algum acontecimento que provocasse a concordia, visto que a maioria das vontades em Evora se manifestava pelo Mestre de Aviz, e grande risco certamente corria quem, como a maior parte das moradoras de S. Bento de apar da cidade, eram das affeições de Leonor Telles e da Hespanha, contra Portugal varonil, sem que as iras populares, aberta a cratera, joeirassem partidarias de um e de outro bando.





## CAPITULO X

### *Na estalagem de João de Biscaya*

«Senhores quanto trazeis  
comvosco, grudo e meudo des-  
embolsae.....»

*Antonio Prestes: AUTOS.*



DEPOIS de bem comido e bem bebido, o en-  
viado de D. Leonor Telles saiu de S.  
Bento para Evora, já por fins da tarde.  
Guiado por Sacramor entrou com este na rua  
de Mem Crespo, onde morava Alvaro Mendes  
de Oliveira, para quem trazia missiva da rainha  
viuva. Entregou-lh'a.

Vontade tivera Oliveira de recolher em sua

casa ao Anequim ; meditando, porém, no caso e lembrando o perigo que correria o homem se a arraya meuda suspeitasse ser elle o que era, um enviado da rainha, houve pôr melhor indicar a Sacramor a estalagem de João de Biscaya, onde entravam e pousavam de contínuo quantos forasteiros vinham a Evora, para 'nella ir pernoutar, até que de manhã recebesse por alguem de sua confiança a resposta que daria a D. Leonor Telles.

Além de se não suspeitar de tal homem, que bem passaria por um tregeitador qualquer, accrescia o ser aquella estalagem a mais frequentada das classes mechanicas da cidade, por haver 'nella depois do sino de correr, tavolagem até alta noite, onde reuniam não só os mesteiraes, se não tambem a classe dos tratantes e ainda alguns da dos nobres, por motivo do jogo, e por isto poder 'nella o Anequim colher algumas novas de politica, que levasse a sua real senhora.

Assim combinadas as cousas, Oliveira despediu ao Anequim e a Sacramor, os quaes, de facto, se dirigiram para a rua dos Touros.

Corria a rua de Mem Crespo, hoje da Cadeia, quasi parallela com a dos Touros, e assim facil foi aos dois, vadeada uma travessa, o entrarem na estalagem famosa.

Uma grande porta de verga tripartita dava entrada para um pateo quadrado, onde se viam



algun carros alemtejanos aos lados lateraes delle. Antigo era aquelle predio, a ajuizarmos de suas janellas estreitas, geminadas de um columnello de granito do unico andar, que tinha. Apenas na frente da porta de entrada se alteava uma torre quadrangular de caprichosa estructura nas setteiras, com formas de cruces sobre globos, janellas como frestas e ameias esguias. Aos lados direito e esquerdo de quem ali entrava eram, em baixo, as estrabarias para cavallo e muare, e tambem nas lojas da frente ficavam, de um lado, a cosinha para gentes de serviço, e do outro uma serie de mesas em que comiam os passageiros de menor conta. Um escadorio de pedra, dobrado em tres lanços, dava subida, ao lado direito, para o andar de cima.

Era este composto na frente de uma serie de salas com portas ao centro, todas com chaminés, ou lareiras até aos angulos das alas lateraes do predio, para onde se entrava por uma porta ogival em cada extremidade. 'Nestas duas alas ficavam os quartos em que pernoutavam os passageiros.

Para pessoas de mais porte havia uma d'estas salas outra cosinha, e na contigua uma grande mesa, onde comiam, servindo as restantes para diversos misteres. De uma dellas nascia uma escada cochleada, de granito, que dava accesso para dois andares da torre central do edificio.

Nestes andares se dava tavalagem aos viciosos.

Era este edificio, já sufficientemente descripto, certamente dos primeiros tempos de Evora, depois da conquista.

Subindo ambos a escadaria de pedra, ali entrou Sacramor com o Anequim.

Conhecido era o monachino de S. Bento, não só de João de Biscaya se não dos sergentes da estalagem, que se admiraram d'ali o ver áquella hora da noite.

— Mantenha-vos Deos, dissera Sacramor para todos.

— Embhora venhaes, respondeu Biscaya.

— Podereis dar pousada a este passageiro?

— Certo; cá em riba?

— Senhor, si.

Trocadas aquellas palavras essenciaes, Sacramor se despediu do Anequim, desceu e tomou para a praça, que atravessou, caminho de S. Bento.

Anequim, que apenas trazia na mão uma pequena argam com roupa, foi conduzido por uma malada da estalagem a um quarto, em que havia de pernoutar.

Em quanto o Anequim era conduzido ao quarto pela malada, rapariga nova vestida de sainho de meni, chichelos nos pés e cabello em rolete, foram chegando varios personagens á estalagem e tomando para a casa de comer.



Tinham entrado tres individuos, que se assentaram á mesa e pediram de comer.

Eram elles o alfageme, Gonçalo Gonçalves, o aljubeteiro, Fernando Affonso Espadarrão, e o oleiro João Mendes Cabeça d'asno.

Emquanto lhes não trouxeram a ceia, foram elles conversando das cousas de Lisboa, de novas do reino, de politica, emfim.

Decorridos alguns minutos, voltava a sergente Bertholesa, que, mandada do Biscaya, começou de pôr a mesa aos tres homens.

Estendido um bancal de linho sobre a mesa, vieram vindo os pratos de estanho, pichel, tres concas para vinho, garfos e facas de ferro, e logo uma requeifa grande e uma malga de olivas. Isto feito, foi á cosinha, donde voltou com um fião de badulaque, que collocou diante dos tres.

Começaram de comer os homens e de beber vinho pelas concas.

Como succede sempre 'naquelle acto preciso á vida humana, dentro em pouco estavam elles mais animados e acaloraram a conversação.

Para ceiar tambem chegára o Anequim; e, sem que os tres reparassem 'nelle, assentou-se a outra mesa mais pequena, a um canto da casa, que a Bertholesa já tinha preparada para elle, servindo-o de gruim cosido e de olivas, pão e vinho.

— Pouca trigança tem o Britabarras hoje, dissera o Espadarrão.

— E nom menos Gonçalo e Vicente Eanes, o nosso chefe, dissera o Cabeça d'asno.

Anequim, fingindo-se grande gargantão, comia muito e muito bebia, sem perder de vista os gestos e palavras dos tres homens do povo, notavelmente depois que ouvira fallar 'num chefe. Avisado de Oliveira de que ali reuniam os da arraya meuda, tratou de prolongar a ceia, pedindo mais comer á Bertholesa e mais vinho.

Notaram os homens aquelle mais pedir comida, que devorava com momices.

— Quem será aquelle tregeitador, perguntára o Cabeça d'asno.

— Nom sei; mas dá bem ás trincheiras, pondera o alfageme.

— Vem sederento, notára outro, ao vel-o empinar uma grande malga de vinho.

— E' home para vasiar um dozão, pelos modos!

Percebeu Anequim que já era discutida sua personalidade; e, como fingia mais que bebia do que na verdade bebia, reflectiu na conveniencia de não permanecer por mais tempo ali, onde poderia ser interrogado por algum delles e onde teria de responder-lhes, caso que o poderia comprometter.

O costume em que se pozera de ser folião po-



dia trahil-o, e se bem que ali desejára permanecer por mais tempo, para colher novas do estado dos animos do povo, resolveu sair da sala.

Ergueu-se, rezou, benzeu-se muito e saiu, de facto, sem dar as boas noites aos tres homens. Não o estranharam elles pela mesma razão que os não saudára ao entrar na casa.

Neste momento, ouvira-se ruido de passos na primeira sala de entrada, e logo atravessaram aquella em que os tres comiam, alguns homens que subiram para a torre pela escada em caracol, já referida antes.

Eram jogadores que subiam para a tavolagem, que se dava no segundo andar da torre. Após os primeiros outros foram passando, sem que chegassem os dois homens em que fallára o Cabeça d'asno, o Gonçalo e o Vicente Fanes, que, pelos modos, tinham promettido vir ter com elles.

Beberricando, comendo e conversando se foram deixando estar os tres, que esperavam outros.

Eram dez horas da noite, e como nenhum dos esperados chegasse, e se ouvisse na torre algum ruido, dissera d'ali o Espadarrão :

— Vamos ao garito ?

— Sim, vamos, apoiára o alfageme.

E annuindo o terceiro, chamado o Biscaya,



a quem pagáram a ceia, se encaminharam para a casa da travagem.

Subiram e ali acharam muitos homens, alguns dos quaes desde a tarde: outros foram chegando.

Casa de abobada abatida artoada de tijollos rebocados, que nasciam de rudes capiteis com representação de bolotas, era quadrada. Quatro mesas se viam ali, em que se jogavam jogos prohibidos ao tempo, de asar todos, dependentes de dados, falsos muitas vezes.

A uma das mesas, assentados em tamboretos, uns jogavam o curre curre, allusão talvez ao movimento dos dados, *corre, corre*; 'noutras jogavam as torrelhas, a jaldeta e o butir.

Como em nossos dias, havia ali os mirões, os que só viam jogar por não ter dinheiro, as classes inferiores da sociedade misturadas com as nobres, em convivio só permittido em taes casas.

Lá estavam os que os tres da ceia tinham esperado; o Gonçalo e o Vicente Eanes, o alfaiate mais influente da cidade e chefe visivel do movimento popular pelo Mestre de Aviz.

Jogavam estes a uma banca o curre curre com o mercador Alvaro Vasques, parcial de Castella, e com o fidalgo Diogo Lopes Lobo, sequaz do Mestre de Aviz.

Negava seus favores a sorte, se plumbosos



não eram os dados, a Diogo Lobo, que havia perdido em proveito de Alvaro Vasques quantas dobras, barbudas e tornezes levára aquella noite. Fugira-lhe a serenidade do animo; e, exaltado com tanto asar, exclamou:

— Lusco vinte dobras gentis d'anafil!

— Refugo dinheiros molhados, respondeu Alvaro Vasques.

— Nom os tenho ora seccos e. .

— Estonces nom jogueis.

— Jogar ha-de o senhor Lobo, acudira d'ali o famoso alfaiate, quer com dinheiros seccos, quer com elles molhados, disse Alvaro Vasques. Eis ahi tendes dinheiro, terminou, lançando diante do fidalgo a sua bolsa d'argempel abastecida de barbudas e de outras moedas fernandinas.

— Eu vol-o agradeço, pois conto o tornarei de bom mercado, dissera Diogo Lobo, esperando na sorte.

Jogou. correram os dados e a sorte desfavoravel ainda, perdeu: mas não se irritou.

— Toda esta bolsa ás quinas! disse Lobo resolutamente.

Lançou os dados e ganhou. Encrespára-se a testa ao mercador, que tal não esperava 'naquella noite, e pagou igual quantia á que encerrava a bolsa. Terminada a paga, ouviu-se a voz do alfaiate, rindo galhofeiro, dizer a Alvaro Vasques.



— Ai! meu bom mercador que, pelos modos, as quinas vos dão as espaldas! será pelo muito que vós queredes ás quadras de Castilla...

— Não jogateis, Vicente Eanes, respondera o Vasques, descontente.

Continuaram a jogar uns e outros, e a sorte, que fôra contra Diogo Lobo, favoravel se lhe tornou por forma que poude haver quanto perdia seu, e do generoso alfaiate.

Vicente Eanes, que aborrecia o mercador só por elle ser castelhano em politica, não poude refreiar o animo que não lhe desfechasse alguns epigrammas acerados:

— Comque, senhor Vasques, nada de dinheiros molhados? Pois de boa avença trigosamente vol-os daremos molhados e remolhados em...

Era uma clara ameaça ao partidario de Castilla aquelle fallar do famoso caudilho.

A conspiração era vasta ao tempo, não só na araya meuda, senão mesmo na classe da nobresa, cujos principaes se davam as mãos. Podia dizer-se em estado de perfeita maturação: faltava o ensejo, a fagulha na mina, para ella fazer explosão.

Terminado o jogo 'naquella mesa, continuou 'noutras, e Diogo Lobo e Vicente Eanes preparavam-se para sahir quando aos dois se achegaram os tres homens da ceia.

— Haveis alguma nova que deva ser sabida dos nossos? perguntára o alfageme.



— Nenhuma havemos ; pero açacalae, açacalae espadas, que precisas nos serão, disséra o alfaiate.

E, despedidos, Lobo e Vicente Eanes começaram a descer a escada cochleada, indo adiante o fidalgo.

Sentira este um ruido adiante de si, como de cousa que rolava pelos degrãos, e parou, por se certificar do que fôsse. Evidentemente adiante d'elle descia alguém ; mas quem seria, se a ninguém tinham visto descer antes dos dois conspiradores ? cruzaram conjecturas, resolvendo descer rapidamente sobre o alguém, que descia, não sem lembrar a Vicente Eanes a ideia de que fôsse um espião qualquer, ou que ali estava escutando o que se dizia, ou que ia para subir e retrocedera por alguma razão.

Rápidos desceram e a ninguém encontraram. Algo admirados, porque não fora illusão de acustica, perguntaram ao Byscaya se alguém havia saído ; este o mesmo perguntou á Bertholesa e nem um nem outro, nem os demais sergentes da estalagem haviam visto alma viva.

Scismando no caso insolúvel, capitularam em ter havido illusão, e mais em al não pensaram, saindo ambos. Era alta noite.

Fôra realmente illusão de Diogo Lobo o ruido na escada, ou consequencia do descer de alguém ?

Descera, sim, descera um homem que não saíra da estalagem, descera o Anequim, que corréra a se fechar no seu quarto.

Soubera este por Oliveira que 'naquella estalagem se reuniam os do povo, e por Bertholesa, aquem sondára cautelosamente, que na torre o faziam, já para jogar, já para fallar de politica. Depois de muita indecisão de animo, esperou a meia noute, hora a que nenhum jogador já entraria, e saindo do seu quarto, pé ante pé, viera até a porta da casa em que ceíára, onde não vira ninguem, e, retrocedendo, enfiou pela escada helicoidal e por ella subira até ao alto, não sem perigo de poder ser apanhado por quem subisse ou descesse. Felíz foi por não ser coihido, e poder ouvir as fallas havidas entre o alfageme e o alfaiate. Certificára-se de que ali se conspirava, embora pouco, bem pouco tivesse podido saber. Havia, comtudo, que levar a D. Leonor Telles o seu agente; a certesa de que a arraya meuda em Evora, mãos dadas com os da nobresa, se preparavam para em breve tomar voz pelo Mestre, a despeito de umas auctoridades castelhanas, que seriam submettidas por força d'armas.

Não diz a memoria que nos guia, se Anequim dormiu bem ou mal, ou se velou até romper a manhã. Naturalmente, a quem, como elle, foi ousado e corajoso na empresa que tomára de es-



culca de conluios politicos com integridade de seu corpo, de crer é que passasse o resto da noite acordado, almejando pelo dia que o levaria caminho de Arraiollos para Santarem.

Era dia, sete da manhã, e já elle pedia a Bertholesa a primeira refeição. Pasmada a sergente de um passageiro tão cedo lhe pedir o almoço, dissera-lhe:

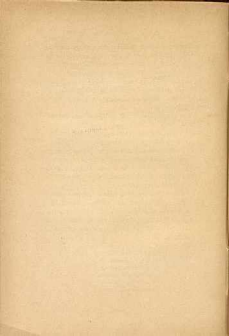
— Almeitiga nom ha, cá dorme ainda o cosinheiro.

— Nom importa, trazei-me pão, e frama, e uma vez de vinho, que esto havereis.

Comeu, bebeu, pagou e saiu apressado na direcção da casa do Oliveira, contando receber ali a resposta á missiva de Leonor Telles, sem que na estalagem fôsse procurado por algum creado do castellão da cidade.

Quando a patriarchal cidade acordava para o trafego diurno, eram oito horas da manhã, saia elle a porta da Lagoa, ouvindo a um rapaz que ia para o campo com uma vara de porcos, esta canção, que se cantava em parodia a uma de Lisboa :

Esta es Evora presada,  
Miralda y deixalda ;  
Se quizeredes carnero,  
Qual dieron al Andero,  
Se quizeredes cabrito,  
Qual dieron al Arzobispo.







## CAPITULO XI

### *As Janeiras*

«Mas aquelles que folgavam  
Nas villas e nas aldeias,  
Quando as festas se ajuntavam,  
Cantigas de mil raleas  
Deste compasso cantavam.»

Gil Vicente — *Autos.*



ASCERA em Evora o dia primeiro de Janeiro de 1384 carregado de nuvens cumulosas e de ventania occidental. Por uma hora da madrugada, começou de se ouvir para a banda dos Fusos e de Cogulos o echoar de descantes, monotonos como toadilhas arabes, que trazidas nas lufadas de oeste chegavam á praça de Geraldo quasi apagadas nas debeis vibrações do

ar ambiente. Era o povo que saía a *cantar as janeiras*: vinham delle essas toadas.

Herança de nossos avoengos, o cantar das janeiras era uma reminiscencia pagã, romano-gentilica, consistente no dar parabens de annos, de boas festas, como hoje dizemos, aos amigos e conhecidos, com presentes e rogativas.

Bairros pobres da cidade, o primeiro, de origem mosarabe, *fusos*, ou *fundidos*, continha naquella epocha uma população de oleiros, como hoje em dia, na vasquejante industria, e de cordoeiros; o segundo dava guarida já então, ás dibras de bohemios, que, desde tempos antiquissimos, habitavam o Alemtejo e a cidade de Evora, e que por tradição ininterrupta, chegou aos nossos, dando-lhes hoje em dia morada nas casinhas humildes, ao rez do chão, de portas ogivaes e telhados achatados, ou no entresolo de algumas, pouquissimas, que os tinham com primeiro andar.

Entre estes dois bairros, a ponente da romana povoação, e quiçá já fora do terreno que lhe teria sido arraial existia o bairro dos Judeus, a *Judearia* da cidade, estranho a taes folguedos.

Curioso reparo vem a pello aqui fazer: No primeiro de Janeiro de 1384 andavam os animos em Evora ebullitivos de revolta, como o leitor anteriormente já observou.

A morte natural do rei, e a violenta do conde



de Ourem decidiram a população eborense a se manifestar ou pelo Mestre de Aviz, ou pela regente do reino, D. Leonor Telles, por Castella ou Portugal, no reconhecimento que a este reino tivesse, quer a filha do morto rei, quer o filho natural do pae d'elle, o sympathico D. João, Mestre de Aviz.

Os mahometanos, que viviam no bairro da *Mouraria*, a aguião da cidade, eram estranhos tambem ao movimento de consciencias e confissão de direitos, por sua procedencia, religião e qualidade de consentidos, a não ser um ou outro, raro ainda, que renegára crenças e patria, para se encorporar na nacionalidade portugueza, e haver os foros de cidadão eborense.

A dois homens que passeiavam na Praça de Geraldo, desde muito tempo, chegaram, foram chegando as vozes distinctas e claramente audiveis dos que vinham da rua do Raymondo :

Buenos annos, buenos annos  
 Bem se querem confessar,  
 Vede donas desta casa  
 Se haveis algo que nos dar.

Cantava uma turbamulta á porta da casa do secretario da Camara, que pegava com as trazeiras dos Estáos, ou paços reaes.

Era elle, ao tempo, o secretario da edilidade *sem pavor*, Vasco Martins Poysado, partidario

de D. Leonor, e por conseguinte, de Castella, e o povo parava-lhe á porta, cantava-lhe as *janeiras*, e impunha-lhe de tal modo o encargo, o dever de ser incommodado, de lhes distribuir alguns pilartes, tornezes ou dinheiros para os deixar ir contentes e contidos nos animos adversos a sua pessoa e a suas crenças, ou ideias politicas, como hoje dizemos.

E assim foi que, 254 annos mais tarde, no primeiro de Janeiro de 1638 as massas populares da cidade andavam desde noite pela cidade a cantar as *janeiras*, e as foram cantar no Pateo de S. Miguel, ao conde de Basto, suspeito de ser castelhano, por haver governado o reino por um dos Filippes.

Grande é o simile, em verdade: então, em 1384 era um povo a não querer rei estrangeiro, mas um principe de regia stirpe portugueza; em 1638 o mesmo povo, essa força poderosa, que faz e desfaz reis, entidade sempre a mesma, apenas differente na materia onomastica de suas moleculas, que mais não queria consentir um rei intruso e contra direito, porém sim eleger por seu imperante a um principe portuguez, embora vindo de bastarda origem, como o fôra o Mestre de Aviz, progenitor do ramo brigantino em Portugal, cujo era representante ao tempo o outavo duque de Bragança.

Feito esse reparo historico, no qual se vê Evo-



ra governada da oligarchia popular em duas epochas tão distanciadas entre si, volvamos, leitores desta chronica, nossas vistas para os dois homens, que vimos, pouco ha, na Praça de Geraldo, passeiando em volta da picota, que lhe ficava a um lado.

Entrementes os da Aldeia dos Fusos continuavam a cantar rogativas á porta da casa do secretario da Camara, desembocavam da rua dos Gaios na direita da Porta Nova, depois Ruança e agora de *João de Deos*, aquelles que vinham do bairro de Cogulos cantando ás portas ou de amigos, ou de ricos, de quem esperavam algum dinheiro para seus bodivos. E reboava pela praça:

Um raminho, dois raminhos,  
Cada qual com sua frol,  
O' senhores desta casa  
Esta vae a vosso prol.

Não eram estes descantes apenas tonilhos ou retornellos saidos de vozes humanas, mas acompanhados de adufes com soalhas, guitarras, castanhetas, rebecas e charamellas mouriscas.

Aquelle cantar á porta do Poysado fôra um proposito, um caso pensado, por ser elle das affeições da rainha viuva, inimiga da patria commum, e por ser o ajuntamento mais um bando politico já do que outra cousa.

Successos importantes haviam agitado Portugal: a morte de D. Fernando, em 22 de Outubro, e a do conde de Ourem, em 6 de Dezembro do anno que findára, tinham explodido em graves tumultos, picado 'num ponto ou 'noutro do paiz.

Duas mulheres, duas heroínas já tinham dado a morte em Estremoz a Nuno Rodrigues de Vasconcellos, irmão do Alcaide, João Mendes de Vasconcellos, e a historia ainda hoje nos aponta para o nome de Mor Lourenço e de Margarida Eanes, essas famosas revolucionarias.

Beja era pelo Mestre em seu latente aspirar, prestes a irromper sanguinario contra o almirante Lançarote Pessanha, e todo o Alemtejo mais ou menos esperava apenas o momento para suas villas e castellos soltarem voz por elle.

Tal estava a capital da provincia: Fernão Gonçalves d'Arca e seus filhos, com outros fidalgos, por banda da nobreza, davam as mãos aos mesteiraes da cidade, que vinham do povo, da terrivel força incoercivel, que faz tremer aos potentados da terra, para se declararem pelo Mestre de Aviz, pouco ha preso no castello da cidade.

Não ignoravam os affeiçãoados de Leonor Telles o estado dos animos em Evora, e para bem o demonstrar haviam procurado o forte castello, onde, com o castellão Fernão Mendes



de Oliveira, se encerraram para o defender, o juiz Martim Affonso de Carvalho; o alcaide pequeno, Gonçalo Lourenço; Vasco Martins Poysado, escrivão da Camara; o medidor Ruy Gonçalves; Martinho Velho: Alvaro Vasques, mercador, e outros mais.

Era, pois, um accinte do povo aquella paragem de noite á porta de Vasco Martins Poysado: com pretexto de lhe cantarem *as janeiras* desfechavam-lhe pungentes satyras promiscuamente com as canções proprias da festa:

Bem Poysado, mal Poysado  
Jaz o escrivão no castello,  
Emsembra co'a Oliveira  
Por se furtar ao cutello;

Este dia de Janeiro  
Tem muy grão merecimento,  
Por ser o dia primeiro  
Em que Deus passou tormento.

Mas d'abite, os bons d'abite  
Presto lá irão por el,  
E por todo que ao grão Mestre  
For theudo de revel.

Como ensaiando sua audacia os do povo, a arraya meuda, iam cantando janeiras politicas, provocadoras, ás portas dos defensores do castello por D. Leonor Telles. Sem a menor contrariedade as turbas foram chegando a Praça de Geraldo, e por ella entrando.

Um dos homens, que vimos á beira da picota, destacou do outro, moveu para o grupo, e defrontando-se com elle, fallou para um corpulento.

— Novas hay Britabarras?

— Uma de requesta.

— Quegenda?

— Ora passaram á Olaria grãos feixes de virotões para o castello.

— Praz-lhes a defensa? Guay por elles, que nom faltam machados para britar portas mem gatas escaceiam!

— Nim braços carque ou panasco.

— Bem rasoas, homem de bom recado; hi-vos indo.

Informado este sugeito de que a unica novidade que lhe dera Britabarras era a de que o castello se apercebia para a defensa, em caso de assalto, municinando-se de virotões, foi para o outro individuo, a quem transmittiu a nova provocadora.

Eram estes homens os dois capitães das vontades populares: Gonçalo Eanes, cabreiro, e Vicente Eanes, alfaiate.

Como nos tumultos da capital, ao soar dos amores de D. Fernando com D. Leonor Telles, o alfaiate Martim Fernandes fôra o adail dos revoltosos, em Evora, morto esse rei, mortalmente ferida a rainha, a regia hetaira, surge dos ignorados, dos incognitos e desconhecidos um



alfaiate a lhe combater a realza ! a gravar seu nome nas laudas enneas da historia de Portugal!

Mal avinda andava Leonor Telles com os mestreaes de seu reino, por consequencia de bem o andar com os nobres, cavalleiros e escudeiros.

Depois de haverem praticado por breve espaço, os dois chefes da vontade popular tomaram ambos a direcção da casa de Fernão Gonçalves d'Arca, que demorava na rua da Mesquita, a que ainda hoje existe sem chrisma, recordação mourisca do bairro onde talvez existira a igreja mozarabe de Evora.

Tem a rua o seu nome pristino, e ainda bem, que 'nesta febre delirante de tirar e de pôr nomes a ruas, esta da Mesquita recorda aos que vivemos o ter sido esta cidade habitada de mouros, e o recordará por largo tempo, se alguma entidade viva, sem serviços á terra, sem merecimentos alguns se não lembrar de fazer embutir seu nome no muro onde se lê ainda o antigo bitafe historico.

Morava Fernão Gonçalves d'Arca 'naquella casa que defronta hoje com o chafariz da Porta de Moura, cuja entrada se ostenta, talvez da primitiva, com uma elegante cupula ameiada, sustentida de columnellos de marmore.

Eram esperados os famosos agitadores populares; porque mal chegaram á porta do pateo

da casa, foi ella aberta por um escudeiro. Os dois entraram.

A' lareira de vasta sala estavam alguns fidalgos assentados em tamboretos de couro com espaldas, apainelladas e cercadas nas orlas de ressaltada pregaria, e passeiavam outros.

Apenas os dois assomaram á porta foi para elles o dono da casa e todos quantos ali eram.

— Ora bem que chegastes, dissera Gonçalves d'Arca, que algo cogitavamos na causa da demora. Caminha bem a estreia?

— De feição vae ella: o povo animado percorre as ruas em magotes e canta as janeiras ás portas dos scismaticos, aquellas janeiras que lhe destes em cantigas de allusão.

— E ninguem os tolhe, aos do povo?

— Isso si! Já nos parece que se encurralaram no castello esses tredores á patria, dissera Vicente Eanes.

— Estonces outras novas nom trazedes?

— Nem uma, a nom ser a de que o castello se apercebe para defensa.

— Como o sabedes?

— Pelo Britabarras, que nós contou serem vistos passar á Olaria grãos feixes de virotões pera o Castello.

— Filhal os deviam, cá menos teriam pera nos arremeçar.

— Esso seria mal feito, com perdão de vossa



mercê, cá nos veriam o jogo ante tempo, respondera o alfaiate revolucionario.

— Si, bem dizedes 'nesse arrazoado.

— Ora o que mister nos é será sabermos o dia do assalto, dissera o cabreiro.

— Dizel-o nom podemos ainda, cá nom chegou de Lisboa Vasco Martim de Mello, que foi ao Mestre por nos dar ajuda.

— Que aguçado venha elle, cá o ferro está em brasa, dissera o alfaiate.

— Amanhã ou depois chegar deve elle por-noite. Entrementes dizede-nos: haveis armas em abastança? perguntára o d'Arca.

— Si, havemos, em avondança, respondera o alfaiate; pero entendo que devemos haver gatas e bastidas, cá o castello forte é.

— Nom carecemos dellas, que melhor plano havemos pera o caso de tenaz resistencia, respondera Gonçalves d'Arca.

— Quejando seja?

— Se os mais fortes nom entrarem nem uma porta, irão buscar as familias dos sitiados, que prenderemos a carretas e ameaçaremos de queimar vivas, se elles se nom renderem.

— Más se resistirem? perguntára o chefe popular? queimadas hão de ser?

— Não, que preciso não será; a todos conheço eu bem.

E assim, assente ficou o ardil, então seguido



em muitos logares, para ser posto em pratica, no caso de inutil resistencia dos poucos defensores do castello.

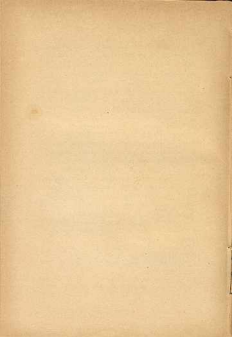
Vasto e forte era este castello: abrangia elle o terreno que hoje é occupado por parte da Bibliotheca publica, collegio dos Loyos, palacio dos Cadavaes e parte dos paços do conde de Basto, construcções que surgiram depois na sequencia dos tempos, logo que destruido foi pelo povo. Permanecem apenas a torre chamada de Sertorio e talvez a das cinco Quinas, que já seria parte da muralha romana, que D. Fernando mandou arrasar, por insinuação barbara de um alguém d'esse tempo, de nome Vasco Rodrigues Façanha, que no appellido tinha a sina de praticar até as de destruidor.

Má sina, realmente, tem tido Evora desde antigos tempos na conservação de seus monumentos. Aquella geração de Façanhas tem vindo até á actualidade acrysolada em modernos cadinhos; qual arrasa o famoso arco romano da praça de Geraldo; qual arranca sem gosto á fonte dessa praça as guardas *sui generis* de caracteristica structura quinhentista, de que só existe uma pintura no tecto de uma sala da casa pia; qual manda converter em degrãos as estatuas jacentes dos primeiros bispos de Evora christã depois da conquista; qual faz da Campa de Garcia de Resende mesa ara para o sa-



crifício de innocentes gallinhas; qual profana precipitado o que restava da *galleria das damas* dos paços de D. Manuel, additando-lhe um andar superior de destoante gosto architectonico; qual manda arrasar até aos fundamentos, durante uma noite, a formosa arca d'agua, *terminus* do Aqueducto de D. João III, objecto de arte lindissimo e digno de conservação; qual incuriosamenne deixa desabar a sala dos actos da Universidade de Evora, e fazer pedaços a custosa galeria de jaspe e de marmore, que tinha em volta, consentindo que durante um inverno um empregado do edificio queimasse á lareira de sua casa os lindos paineis de castanho do tecto dourado; qual corta inconsideradamente aos paços do antigo municipio a varanda historica de João Mendes Cecioso, onde se soltára o primeiro brado de independencia de Castella em 1637; qual dá de beber a cavallos 'num tumulto do seculo XIII; qual... Deploraveis orientações de espiritos, que devo suppor cultivados, e cujos nomes não faço conhecidos, como á posteridade lhe mando as *façanhas*.

Assim, pois, como referido fica superiormente, ficára combinado o modo de assaltar o castello de Evora, em dia que não viria longe.







## CAPITULO XII

### *A morte da Abbadessa*

«Qual será o coração  
tam cru e sem piedade  
que lhe nam cause paixam  
hua tam gram crueldade?»

*Cancioneiro de Resende,*  
p. 221.

**A**QUELLAS Janeiras politicas que o povo de Evora cantára, como o leitor presenciou, outra cousa não foram senão o primeiro ensaio da tempestade popular que se desencadeiaria assoladora por sobre o castello de Evora e seus defensores.

Dez dias haviam transcorrido sobre o primeiro de Janeiro de 1384; era o dia onze. A estala-

gem de João de Biscaya estivera toda a noite aberta aos conspiradores populares e não populares, sem que as auctoridades da rainha podessem obstar á reunião magna, que ali tivera lugar.

Seis horas da manhã seriam, quando um magote de alguns centos de homens do povo, seguindo ao famoso alfaiate, Vicente Eanes, ao cabreiro, Gonçalo Eanes, ao Britabarras, ao Espadarrão e a outros foram saindo della para a praça de Geraldo, armados de virotões e ascuinhas, machados e lanças.

Pela cidade andavam agentes sublevando as turbas.

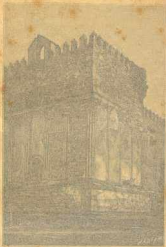
De outros pontos da cidade ali affluíam a araya meuda, os mesteiraes da cidade, os mercadores, açacaes e alguns judeus renegados.

Era de ver aquelle redemoinhar de homens revoltosos, voz em grita pelo Mestre de Aviz, esperando a chegada dos fidalgos com seus homens d'armas, que deveriam ter reunido em casa de Fernão Gonçalves d'Arca.

Por outo horas da manhã entraram na praça os fidalgos armados, com suas gentes, e todos enfiaram pela rua da Cellaria, caminho do castello, unico ponto em que D. Leonor Telles mandava em Evora.

Chegados ao largo dos Açougues pararam, por combinar no modo de assalto e combate ao





TEMPLO ROMANO EM EVDORA — (Síria).

que de João de Boveque estava tudo a espedir, abria-se ali compradaria popular e muito populosa, e um que as especuladoras da rinha podiam chegar a reunir muitas, que ali depois se vendiam.

Seis horas da manhã se levantavam ali gente de alguns centros de homens do povo, e se dirigiam ao famoso sítio de Vicente Faria, ao chamado, Gatocho Faria, ao Britabarras, ao Riquelme e a outros lugares situados della para apanhar as garrafas, e outros de vidro e de barro, machados e lanças.

Pela cidade andavam vários colhecedores de turfas.

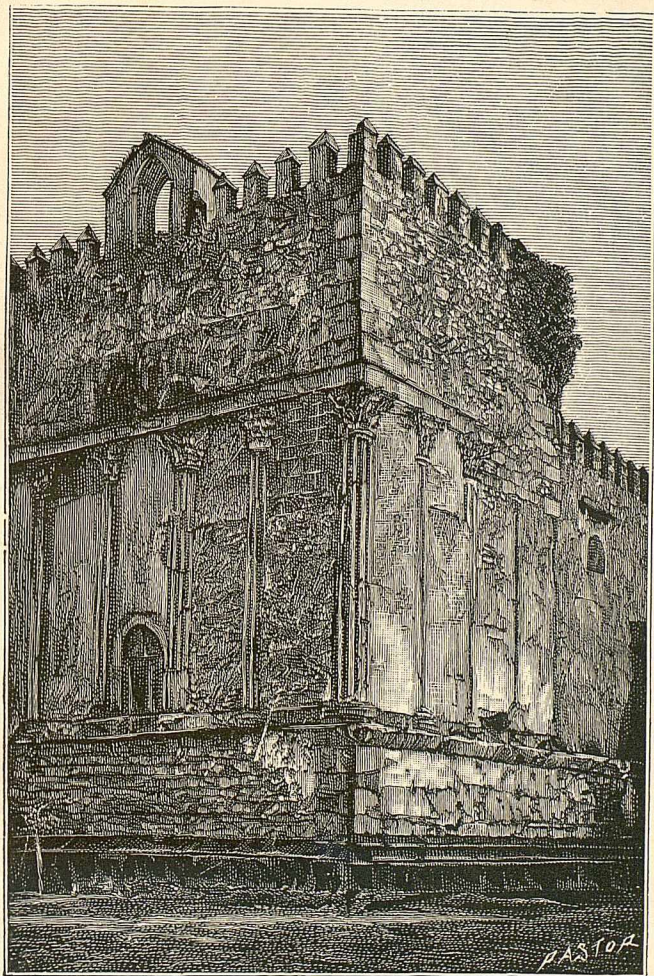
De outros pontos da cidade ali se iam a fazer refugia, os mendicantes da cidade, os mercedários, agachados e alguns judeus renegados.

Fra de' ver se os redemptores de homens vendiam, ou em péta pelo Monte de Ariz, esperando a chegada dos fidalgos com seus cavallos d'ouro, que deviam ter estado em casa de Pedro Gonçalves d'Ariz.

Por uma hora da manhã corriam as péteas do Gatocho ameadas, com seus pastos, e todos se iam pela rua da Calçada, embebo do cavallo, iriam para em que li. Levavam Talles e mandavam com a casa.

Chegavam ao largo das Aqueductes para a por simular os muros de muros e cordão de





TEMPLO ROMANO, EM EVORA — (AÇOUQUES)





forte castello. Assentaram em que dos terraços da sé e dos Açougues fossem virotados os defensores, enquanto as portas fossem accommettidas a machado e a fogo. Combate geral por todos os pontos vulneraveis. Acreditavam elles que o castello se rendesse, ou fôsse entrado sem auxilio de bastidas, ou de outras machinas de guerra.

Immediatamente foi o terraço da sé coberto de besteiros e o pequeno espaço dos Açougues, investindo com as portas os mais denodados, pelo perigo que ali corriam suas vidas. Pedras e alcanzias despedidas do alto os afastaram d'ali, de modo que não conseguiram arrombar uma só das portas.

E o cruzamento dos virotões por cima delles cada vez mais acceso.

Britabarras e outros, desistindo de entrar o castello pelas portas, lançaram mão do meio, ao tempo muito usado, e que já lhes fôra indicado por Gonçalves d'Arca. Capitaneados pelo mavorcio alfaiate, correram ás casas de alguns dos defensores, entraram-nas por violencia e dellas trouxeram as familias dos defensores, mulheres e filhos delles, perante as muralhas do castello.

Já de um ponto e d'outro da cidade ali tinham chegado carretas e materias combustiveis, quando a populaça apparecera com as familias de Alvaro Mendes de Oliveira, de Martim Affonso de



Carvalho e de Vasco Martins Poysado, os mais notaveis na defesa, e aos carros e carretas amarraram as mulheres e filhos delles, amontoando feixes de panasco e de lenhas diversas em volta dos carros. Isto feito, ordenou-se intermitencia geral no combate, e Fernão Gonçalves d'Arca, Diogo Lopes Lobo e João Fernandes, arvorada bandeira branca e destacando das massas assaltantes, caminharam para a principal das portas do castello, onde convidaram a assomar-lhe nas muralhas ou Alvaro Mendes de Oliveira, ou alguem por elle. Appareceu o nosso conhecido Alvaro Vasques, o jogador do curre curre, a quem Fernão Gonçalves d'Arca intimou rendição do castello em nome do Mestre de Aviz, em nome da nação.

Retirára dos adarves o mercador com a intimação ao castellão Oliveira. Continuava a suspensão da investida. Enorme era o tumulto em volta do vasto castello, como da mais angustiosa agonia o viver das mulheres e creanças presas aos carros, ameaçadas de serem ali queimadas vivas.

E sel-o-hiam, sim, que quando as razões se desvairam não ha logar para sentimentos humanitarios, para a menor reflexão bemfazeja, para clemencia. Medonha é a historia do povo revoltado, allucinado em todo o mundo. E' a paixão politica das peiores paixões, das que nivelam o



homem com o irracional. Peior do que a paixão religiosa ou sua congenere, tem sêde de mortes e de sangue para satisfação de seus instinctos, para triumpho de suas ideias. Vel-o-hemos 'nesta historia.

Sós, desamparados da cidade perfeitamente sublevada, os defensores do castello accordaram na rendição com preitesia de sairem da cidade.

Acceite aquella condição, dentro em pouco, pela porta da traição, saiam os defensores do forte castello, a buscar asylo em Moura e Olivença, e este era entrado e destruido pelo povo victorioso, que lhe derrubava ameias, queimava portas, minava muros, prostrava cubellos.

Era um camartellar e alavancar medonhos, que se prolongou pelo dia todo e pelos seguintes, até que o castello ficára em estado de não mais poder resistir, senão refazendo-se de novo.

Era Evora por D. João, Mestre de Aviz: uma das principaes cidades do reino alçara voz por elle. Castella perdia terreno em Portugal.

Ficára sendo o dia 11 de Janeiro de 1384 na historia de Evora um dia glorioso, por significar um brado altissimo de liberdade, um grito de independencia de Castella, uma affirmacão de autonomia, que nos legára um guerreiro esforçado, o filho do conde D. Henrique.

Mal os vencidos saíram da cidade, como dito fica, alguns magotes da arraya meuda, deban-

daram da grande massa e percorreram a cidade cantando as coplas das Janeiras, que se lhe tornaram familiares :

Bem Poysado, mal Poysado  
Jaz o Escrivão no castello,  
Ensembra co'a Oliveira,  
Por se furtar ao cutello ;

Mas d'abite, os bons d'abite,  
Presto lá forom por el,  
E por todo que ao grão Mestre  
Foi theudo de revel.

Decorreram sobre estes acontecimentos outro dias, para Evora de tristissimo recordar hoje.

Infrene, a arraya meuda, logo ao segundo decorrido, e sem que a nobresa da cidade que lhe dera a mão, a podesse já conter, irrompe furiosa contra todos que podessem ter affeições a Leonor Telles, e contra os proprios que os levaram áquelle triumpho ! Plena olygarchia de vasa revolta ! Plenissimo triumpho da democracia de 1384 !

— Já nos leixaram os de algo, dizia a um grupo, na praça, o cabreiro famoso.

— Esso é certo, respondia o Cabeça d'asno.

— O lobo metteu-sena arca, dizia o Britabarras.

— Hi bem ! hi bem ! galhofava a turba com o allusivo dichote do Britabarras.

— D'abite ! fortes d'abite, terminava por fim



o alfaiate da Geraldo sem pavor: verdade é o que dizê: leixarom-nos e quiça já nom sejam da nossa banda. Pois falta nom hemos delles: se som do Mestre, cá nom vão para elle?

Começavam as turbas a suspeitar dos fidalgos da cidade, por se não associarem a seus desmandos criminosos. Máo prenuncio era aquelle...

Fernão Gonçalves d'Arca e os demais fidalgos sem demora souberam d'aquellas explosões, que tinham fumos de erupção de um Mongibello de odios de raça, concentrado de ha muito, que os poderia subverter na lava que vomitasse. Receiaram a explosão, e dentro em pouco saiam da cidade a se encorporar nas fileiras do Mestre de Aviz.

De bom aviso fôra sua resolução, que longe de Evora não veriam praticar actos da maior barbarie, quaes os que se seguiram nos dias subsequentes, e levariam ao Mestre de Aviz a noticia do estado revolto em que lhe ficava a mais importante cidade d'aquem Tejo, a que preciso era accudir com a mão potente do fronteiro d'Entre Tejo e Oudiana, o famoso Nuno Alvares Pereira.

Sem rei nem roque, a arraya meuda da cidade continuou a praticar os maiores excessos, os mais criminosos feitos contra todo o que fosse apodado de Castelhana.

Nem a auctoridade do bispo, D. João, nem a do Deão, Gonçalo Gonçalves, nem a do Chantre, Mem Pires, nem a de pessoa alguma podiam oppor um dique ao rollar d'aquella onda destruidora. Evora estava em perfeita anarchia.

Chegára o dia 20 de Janeiro. D. Joanna Peres Ferreirim, a Abbadessa de S. Bento de Castris e suas monjas já viviam na sua casa, junto ao Muro quebrado, que deve ser hoje a rua da Freiria de Baixo.

Reunida a populaça de manhã na praça, onde se planeava a depredação do dia, ouviu-se uma voz de stentor, a do corpulento Britabarras, gritar :

— Vamos á aleivosa da Abbadessa ?

— Sim, sim ! bradou a turba.

— Seja como dizês, pois nos chamou de bebados, decretava o Vicente Eanes, o *Maneolinho* de Evora, d'aquelles tempos.

E a vaga alterosa rollou para a rua chamada hoje dos Infantes, em demanda do Muro quebrado.

Lá chegára, primeiro que a turba multa, a noticia da investida do povo, e uma creada das monjas saíra precipite de casa a levar a má nova á Abbadessa e donas de S. Bento, que estavam na sé por ouvir missa.

A breve trecho, a estreita rua não podia conter as massas populares, tantas eram ellas ! Sa-



bendo que a Abbadessa era na sé, para ali desandou a multidão raivosa, ululante, vociferadora de improperios.

Acabará a missa e as freiras resavam o *pro tempore belli*: Uma voz acabára de pronunciar: *arcum conteret, et confringet arma*. . . quando a sé foi salteada.

Accommettido o templo por todas suas portas foi entrado sem outra resistencia mais do que a do Deão e do Chantre, que esgotaram quantas razões religiosas e humanitarias tinham para conter aos amotinados. De balde!

Tranzidas de susto, de pavor mortal as monjas escondiam-se por capellas, sacristia, por toda a parte, enquanto D. Joanna Peres procurava o amparo da capella do Santissimo Sacramento, onde se abraçára a um crucifixo.

De balde tudo! D'ali é arrancada com violencia brutal a misera monja, e levada aos empuxões pelo vasto templo a baixo, entre apupos e offensas verbaes. Em meio da nave central sem respeito ao lugar, botou-se a ella o Cabeça de asno e lhe arrancou as toucas da cabeça. . .

Começava a morte moral da infeliz. . .

Ao chegar á porta principal, ia já morta a desventurada Abbadessa; porque o diabolico alfaiate com uma tesoura lhe cortára o habito pela cintura! . . .

Horror! Nefandissimo acto só de humanas feras praticado!...

E 'neste vergonhoso estado a turba a ia levando aos encontrões pela rua da Cellaria a baixo, direcção da praça.

Quadro unico na historia da cidade de Evora fôra aquelle! Fechavam-se as janellas e portas, por ninguem presenciar tão infame espectaculo, corria um terror panico por toda a população. Só a arraya meuda tripudeava em volta de um cadaver galvanizado, que tal era Joanna Peres Ferreirim, a parenta de D. Leonor Telles...

Chegaram á prisão do Aljube das bravas, á esquina da rua hoje de Diogo Cão com a semi morta Abbadessa. As janellas do andar superior regorgitavam de cabeças de mulheres presas, indignadas do que presenciavam. Ali a quizeram logo matar a golpes de cutello.

— Morra a má mulher aleivosa! bradou da turba um do povo.

— Antes morra o valdo que isso diz, gritou uma das mulheres presas.

— Si, si, antes o rabás, que isso alvitra, disse outra.

— Morram ensembra essas hervoeiras, essas comborças, bradou um da turba.

— O' filho de gança! bradára outra.

— O que tu precisas é bloida em bocca, rainha da alcoceifa! respondia um do povo.



— Fóra o alcayote !

— Fóra o vassalo d'alfinago mais o seu máo ladrado !

Assim tirotearam improperios as mulheres presas e os do povo, ao passar pelo aljube o cortejo diabolico.

Andados mais alguns passos, parou aquella orgia sanguisedenta junto a um poço, que ali tinha a rua, do qual se abastecia grande parte da cidade.

D. Joanna Peres já se não podia ter de pé...

— Ao poço ! ao poço a scismatica ! bradou o Espadarrão.

— Nom, nom que empesta as aguas ! redarguiu outro.

E foi seguindo a bacchanal medonha, a villanagem triumphante. Entraram na praça.

Este ponto principal da cidade parecia ermo de habitantes: nem alma viva pelas janellas, nem porta aberta, nem gelosia bipatente: um cemiterio parecia.

E. na verdade, um cemiterio ia ser aquella praça. Ao meio della chegára a turbamulta; pararam todos.

'Nisto, avançára para a Abbadessa um audaz e descarregára-lhe um golpe de cutello na cabeça. Instantanea caiu a desditosa, como instantanea lhe fugiu a vida...

Aqui foi de ver a trapala enorme por se che-

garem todos ao cadaver para 'nelle crávarem seus bulhões e misericordias, a algazara estrondosa d'alegria d'aquelles demonios por molharem no sangue da misera as mãos criminosas.

Cobriram aquelle corpo de golpes, deixaram ali um cadaver retalhado, massa informe da que fôra uma mulher...

Satisfeitos os instinctos da arraya meuda de Evora, ouviu-se troar a voz do alfaiate famoso.

— Escuitem ! escuitem, que vae rasoar Vicenteanes, troou mais forte a voz do Britabarras.

E logo, serenando o ruido, ouviu-se dizer ao alfaiate:

— Abite, aqui os de abite,  
Avonda de maltratar,  
Cá já nom vive a aleivosa  
Nem ha hi u mais pear,  
Vãona ao Recio leixar.

— Bem é, berrára um popular.

— Ao almocovar ! ao almocovar ! bradára outro.

E o populacho, satisfeitos odios, debandou pouco a pouco, ficando na praça aquelle cadaver inseulto da infeliz Abbadessa de S. Bento, Joanna Peres Ferreirim.

Dizem as chronicas antigas que seus assassinos foram comer. Era justo: invertida a natural ordem da comida, depois de beberem sangue hu-



mano, foram completar a refeição do dia...

A' bocca da noite povoou-se de novo a praça d'aquelles desalmados, e, atado um baraço aos pés da que tivera tão lamentavel fim, a arrastaram pela rua chamada depois do Paço, para o Curral das vaccas, no Rocio da cidade.

Tal foi o fim da mulher descaroavel, que trucidára o coração de Vasco Martim de Mello para ser uma leviana dona dos paços de D. Fernando, uma sua amante de momento na inconstancia dos amores do rei.

E não haveria ali um castigo do ceu 'naquella morte?

Respondam os que creem em Deos.

---

Por meia noite desse tristemente lembrado dia tocava a campá da portaria do convento de S. Francisco por modo desusado. Abriu-se logo a porta e por ella entrou um homem novo.

—Fallar quero ao Guardião desta casa, dissera o recémchegado.

—Quem direi que sejaes, senhor, que a tal hora repouse quiçá.

—Dizede que sou Vasco Martim de Mello, o moço.

Fechada a porta, desandou o porteiro com o aviso e Vasco esperou.

Estranhára Mello a promptidão com que se

abrir a portaria. E' que os frades velavam ainda, e ordem havia sido dada para que o porteiro se não deitasse sem aviso superior, e não abrisse a porta do convento se percebesse que os de *abite* ali viriam.

Se admirára a promptidão com que a portaria fôra aberta não menos o surprehendeu a chegada do Guardião, frei Raymondo, varão d'annos, que, instantes depois da saída do porteiro, assomára no angulo da claustro, mostrando assim, que mal ouvira em sua cella o tocar da campã conventual saíra della por inquirir da causa. Velava, pois, também o Guardião. Porquê, a tal hora da noite?

— Vós! Em Evora vos não julgava eu, senhor Mello, dissera frei Raymondo. Tão revolta anda a cidade que...

— Assi é, reverendo preste, pero de minha estada se nom sabe.

— E não saberá, cá o não diremos nem eu nem frade desta casa. Dizede ora o porque da vossa vinda.

— Pedir-vos venho eu a esmola da religião para um cadaver mal sepulto...

— Quiçá olhareis a desgraçada Abbadessa de S. Bento?

— Por Santa Maria que si!

— Caso estranho! para cumprirmos tal dever despertos somos, os moradores d'esta casa.



—Bento seja Deos! que morta não é a caridade!

—Não o pode ser 'nesta casa; mas dize-me, Vasco de Mello, assocegada é a cidade? As turbas repousam?

—Rugem para as bandas da alcoceifa.

—Longe é d'aqui, e quiçá dentro em pouco descancem de seus damnados feitos. Pero dize-me, dos vossos era a malaventurada?

—Sel-o devia todavia, se... e callára se. Frei Raymondo, reparando no silencio do moço, e experiente das cousas do mundo não fez mais perguntas, e, convidando Vasco de Mello a segui-lo, foram claustra adiante, dobraram sobre a direita para nova ala, e desta para outra, onde estava a casa do capitulo da ordem franciscana, cuja porta abrira o Guardião. Entraram. Uma tocha illuminava a casa com luz apoucada. No centro vira Vasco de Mello oito tocheiros em volta de singela tarima, e a um lado, pousado no chão, um ataude de madeira, simples tambem, e ao outro, junto da parede, uma cova aberta de fresco.

—Vedes, mancebo? Aqui jazerá a desditosa em nossa companhia.

Vasco Martim de Mello não respondeu palavra: cruzou os braços, pendeu-lhe a cabeça sobre o peito e permaneceu triste e silencioso.

Não interrompeu frei Raymondo aquelle ex-

tasi que lhe parecera doloroso, e foi rezar ante o altar por alma da mallograda Joanna Peres, que dentro em pouco ali viria repousar *in eternum*.

Prolongou-se bastante aquelle silencio dos dois homens, até que foi interrompido por um frade que, assomando á porta, e vendo ao Guardião a rezar lhe disse della: — Uma hora marca a clepsydra de vossa paternidade.

Ergueu-se frei Raymondo, e Vasco de Mello despertou d'aquelle estado de torpor do espirito.

— De sair precisamos, senhor Mello. Uma hora é da madrugada, e, a Deos graças! que asada passa a noite a nosso intento.

Desencadeiára-se uma tempestade de ventania e chuvas, que para o caridoso fim dos franciscanos vinha de molde. Deviam repousar já as turbas revoltosas pelo adiantado de uma noite de Janeiro; mas dado que não, aquelle estado da atmosphaera vinha pôr ponto aos crimes do dia e noite da desenfreada populaça de Evora.

Sairam d'ali os dois homens, tendo retirado o frade, mal dera seu aviso.

Já na claustra e na ala da portaria, Vasco de Mello parou, e para o Guardião disse:

— Se eu podesse acompanhar-vos em vossa obra de misericordia, quanto vol-o gratiria!...

— Mancebo, vós não sabeis o que são actos desta guisa: furtae-vos a presençal-os; que mui



outros são elles desses que haveis presenceado nos combates. Quatro homens e não mais entendendo eu devem ir ao Rocio, mui afforrados: após, aqui, toda a communitade será comigo no acto postumeiro de humanidade á infeliz. Se o queredes ver permanecei; pero melhor entendo eu que venhades ámanhã orar por ella.

— Amanhã longe serei eu e para sempre: ficarei, e um serviço mais me faredes, quiçá o derradeiro.

— Fallae ora, Vasco de Mello.

— Mandae-me um sergente vosso a casa levar recado pera o meu escudeiro cellar sem trigança o meu cavallo melhor, e vir pousar com elle hi fora, á portaria.

— Que queredes fazer? o sair de vosso cavallo e escudeiro a tal hora quiçá vos denunciem na cidade... olhae que a populaça vos nom quer bem..

— Nom hajades receio, cá a tal hora nom ha que temer.

Conformou-se frei Raymondo com a vontade de Vasco, e 'naquelle sentido expediu um homem. Seguidamente, mandou chamar quatro leigos para o fim de antemão escolhidos, que prestes vieram, e, sem perguntarem o para que chamados, dobraram para a casa do capitulo.

Frei Raymondo tomou Vasco por um braço e com elle se internou no convento.



Mal elles se afastaram, saiam os leigos da casa do capitulo com o ataude, que ali vimos, e caminharam silenciosos para a portaria, onde o porteiro já os esperava com um lampeão acceso, para um delles levar.

Se bem que a claustro em cada angulo tinha uma lampada accesa, aquelle passar dos leigos, com o esquife a través dos arcos ogivais e columnas pareadas, alguma cousa havia de fantastico e temeroso.

Aberta a porta, sairam os leigos em silencio: chovia e a noite era escurissima.

Instantes depois tangia a campa, como se fôra para matinas, e os frades descendo pelas escadas de suas cellas iam entrado uns após outros para a egreja

Meia hora seria passada depois dos leigos sairem, vinha da egreja a comunidade toda, com tochas accesas na mão.

Se o espectaculo da passagem do ataude por aquellas alas da claustro mal alumeada tinha cores phantasticas, não menos as tinha agora plenamente illuminada.

Dir-se-hia que cada frade cabisbaixo era um phantasma erguido da cova mortuaria, que se preparava para dansa macabra, essa famosa allegoria d'aquelles tempos á egualdade de todos na morte. Faltava ella, a implacavel ceifeira, rasoura descaroavel de grandes e de pequenos



na medida da cova, para vibrar as primeiras arcadas no esqueletico instrumento.

Silenciosa e triste a familia franciscana, aguardava a chegada do cadaver da morta Abbadesa, ainda na vespera regente de S. Bento de Castris, para lhe dar sepultura sagrada, muito a occultas, em seu convento.

Pouco esperaram os frades, que o porteiro velava para abrir a porta aos leigos sem elles tocarem a sineta, e mal sentiu passos e conheceu de quem eram a patenteou aberta para a entrada do cadaver desfeito, horas antes, pela horda canibalesca do povo eborense de 1384.

E a communidade, mal entrára o esquite, começou de cantar :

— *Subvenite Sancti Dei, occurite Angeli Domini, susipientes animam ejus...*

E assim responsando, foram os leigos passando com a morta por entre as alas de frades.

Entrou o ataude na casa do capitulo, por entre a communidade franciscana de tochas accesas, e foi collocado na tarima, que já vimos.

— *Suscipe Domine animam ancillae tuae quam de ergastulo hujus saeculi vocare dignatus es...* rezava um dos frades.

Continou o officio, até que depois de se cantar o responso :

*Libera-me, Domine, de viis inferni...* e o celebrante entoar o *Requiem aeternam dona ei Do-*

*mine*, foi o esquife lançado na cova aberta, que já vimos, por dois creados do convento.

E ali ficou em descanso eterno Joanna Peres Ferreirim, a desventurada sonhadora de grandes, a desditosa Abbadesa de S. Bento de Castris.

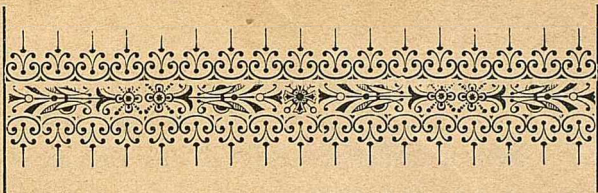
E do Guardião do convento, e de Vasco Martim de Mello, que não assistiram ao acto, que feito foi delles?

Um reteve a outro em sua cella adredemente, ouvindo-o como de confissão, até que, terminado o enterro, ambos desceram, quando a comunidade começava de sair da casa do capitulo.

Minutos depois, Vasco Martim de Mello, montado 'num cavallo possante, saía de Evora pela porta de Alconchel a toda a brida, na direcção da capital, onde o esperava o pae e o Mestre d'Aviz, Governador e Defensor do reino, e pres-tes a ser rei de Portugal.







## CAPITULO XIII

### *Gil Fernandes*

«Folgo porem de inculcar  
aos tempos as virtudes dos be-  
nemeritos.»

D. F. Manoel de Mello. *Vi-  
sita das Fontes.*

**C**OMO vimos no anterior capitulo, o reino es-  
tava ainda fraccionado no principio de  
1384 nas vontades dos castellães e fidal-  
gos, e ainda na de algum povo.

E' que a rainha attrahira a si com dadivas a  
muitos, de todas as camadas sociaes.

O alto clero não era todo pelo partido do  
Mestre; o monastico imitava-o: havia a natural

indecisão, por se não saber quem seria o vencedor, e por se temer d'elle, se fôsse o rei de Castella. Não faltariam crueldades nas vinganças, como já o sabia o reino.

No seu fôro íntimo cada portuguez era um portuguez; mas as promessas faziam vacillar a muitos, o receio de vingança a outros.

Havia dedicações heroicas ao Defensor, é certo, como não menos o é virem ellas de pequena parte da nobresa militante, e do povo na maior.

D'aqui veio a D. João I a necessidade de crear mais numeroso partido de nobres, com doações que começou de lhes fazer, já de bens da corôa, já dos tomados para ella aos traidores á patria. Necessidade foi que mais tarde se reconheceu ter sido um erro, que a *lei mental* attenuou, não admittindo na successão dos bens da coroa senão os primogenitos e os legitimos, com exclusão das femeas, lei que assim se chamára por pouco mais além ir da *mente* de D. João I, que não teve força para a publicar. Foi o filho, D. Duarte, quem a promulgou em 8 d'Abril de 1434, augmentando com seus effeitos os rendimentos do Estado, depauperados durante o reinado do pae.

Certo foi que o partido de D. Beatriz perdera terreno cada dia: os feitos de Nuno Alvares Pereira, especialmente, e os do Mestre levavam o



entusiasmo a cada extremidade de Portugal, abalavam aos indifferentes, decidiam aos perplexos, chamavam ás armas em defesa da patria a muitos.

A tomada do castello de Evora fôra importantissima: porque esta cidade se converteu logo no centro das operações do Fronteiro afamado.

E não eram só os feitos assombrosos de Nunalvares que sublevavam animos em prol da patria: donde menos se esperava surgia um heroe.

Em Elvas, por exemplo, já desde o reinado anterior, avultava nas proesas militares, no valor pessoal, no sangue frio e firmeza de animo um homem novo, da creação de D. Nuno, filho de Fernão Gil e neto do Prior de Santa Maria d'aquella villa, de nome Gil Fernandes. Governador d'Elvas pelo Mestre de Aviz, Gil Fernandes resalta na historia do tempo um segundo Condestavel na coragem e na actividade. Como elle, voava de um ponto a outro, não temia castelhanos, vencia-os nos recontros. Fugiam delle os contrarios, que uns a outros diziam e aconselhavam o não encontrassem, que certo seria o serem desfeitos.

Desde 1368 voava seu nome nas vozes da fama, depois que com seu tio, Martim Annes, fizera uma entrada ardilosa e temeraria por terras de Hespanha.

Accordára em que seu tio se intitulasse o príncipe D. João, para que os castelhanos mais respeitassem a hoste, e voltára a Elvas com grande presa de gados, bestas, e de prisioneiros, sem que fossem incommodados dos inimigos.

Começára a vida do heroe.

Muitas proesas delle andam por livros e nas vozes da tradição. Tres annos antes do que se vae historiando, em 1381, fôra pôr cerco á villa d'Elvas o nosso funebremente lembrado D. João, filho de Ignez de Castro e de Pedro I, sem que lograsse mais do que admiral a airosa na coroa do monte, como joia preciosa engastada em pedestal de bronze.

No mesmo anno, espumando odios e sanhas, nascidos do despeito de que seus cabos de guerra não podessem entrar esta praça, cercára a villa o rei de Castella, com forças numerosas, crendo a entraria triumphante.

Mais de vinte dias volvidos em tentativas inuteis, D. João I, desanimado e rancoroso, levantára o cerco, praticando crueldades inauditas. Fôra uma dellas o enviar, por despedida, a Gil Fernandes um prisioneiro portuguez decepado, com rotulo ao poscoço: *anda a decir a Gil Fernandes que lo mismo mandaré hacer á cuantos hijos de Elvas dén em mis manos.*

Não era Gil Fernandes homem para não



acceitar reptos fossem de quem fossem, e em qualquer campo proposto. Em seu peito heroico haviam logar todos os sentimentos que tanto podem levantar o homem ás mores alturas, como arrastal-o ao lodo das mais rasteiras: acceitou o repto do real castelhano.

Muitos prisioneiros de porte tinha Gil Fernandes em Elvas: mandou buscar delles dois fidalgos, e ordenou lhes decepacem as mãos, para de tal modo, livres, os remetter a seu monarcha.

— Pero fidalgos somos, e justo nom é que por um peão ignorado paguem dois homens de prol, exclamára, afflicto, o castelhano Pedro Fernandes Biscainho.

— Si, si, verdade dirês; mas, nom tenho ora tempo de dar tal por tal, nem de pesar dividos e sangue de fidalguia.

E lá foram os decepados com recado semelhante ao do rei castelhano: *Dizede lá a vosso rei que se mais crueldades praticar lhe mandarei por esta guisa a outenta castelhanos, que ainda cá tenho de conserva.*

E el-rei de Castella evitou a garra do leão, que de tal modo rasgava, e não praticou ali mais crueldades.

Tinha a praça de Campo Maior por Castella Paio Rodrigues Marinho, que a defendia mui bem.

Escrevera um dia o Defensor do reino ao va

lente Elvense para que entrasse em capitulações com elle. Mandou para logo Gil Fernandes convidar ao Marinho para entrevista amigavel ou em Elvas ou em Campo Maior. Opinou Paio Rodrigues que fosse á porta da praça de Campo Maior, indo cada qual acompanhado de dez homens. Fôra-se um para outro, e, desleal o Marinho, em vez de conferenciar com Gil Fernandes, lhe pousou um braço no hombro e com o outro lhe tomou a espada e o prendeu traiçoeiramente, como a alguns dos dez que comsigo levava. Resgatado por outros prisioneiros, que Gil Fernandes fizera em Arronches, voltou a Elvas, promettendo tomar desforço da traição, quando conviesse e occasião se offerecesse. Pouco depois apparecia ella; Gil Fernandes, que o colhera fora da praça em sortida hostil, deu 'nelle com tal valor que o aprisionou; e, não lhe dando a morte, não poudo obstar a que lha dessem os seus homens de armas.

Capital e juroz ficaram bem pagos.

E bem avisado fôra Paio Rodrigues dos seus para que evitasse um recontro com Gil Fernandes, homem que só por traição poderia ser vencido.

Era a carreira militar d'este filho de Elvas uma epopeia contínua de victorias.

Corria o começado anno de 1384. Alvaro Pereira, o Alcaide de Elvas por D. Leonor Tel-



les, deliberou-se um dia a tomar o pendão de Castella por sua filha, D. Beatriz, rainha d'aquella nação, e com elle saiu da velha cerca exclamando: *Real, real por D. Beatriz de Portugal!*

Saira ao campo Gil Fernandes, que ao entrar na villa e ao tomar conhecimento do facto, para logo empunhou o estandarte das quinas e com elle percorreu a povoação bradando, com centenas d'homens: *Real, real pelo Mestre de Aviz, Defensor de Portugal!*

Sentira o alcaide o effeito d'aquelle acto, que lhe annullára o delle, e tenção formou de castigar ao audaz.

Preciso era a Alvaro Pereira o dissimular prudente; dissimulou, não viu o caso: preciso lhe era o armar-lhe um laço; armou-lh'o.

Dias depois d'aquelle em que Gil Fernandes erguera o brado pelo Mestre de Aviz, era elle convidado para jantar com o Alcaide.

Quando o convite chegou a Gil Fernandes estava elle em sua casa, no adro da Alcaçova, com seu tio, Martim Annes, Gil Lourenço e Gil Eannes, seus primos, Gonçalo Casco e com outros partidarios do Mestre, em conversação politica sobre os acontecimentos de Elvas, e sobre os do paiz.

— O receio que ora tenho, dizia Martim Annes, é o de que Alvaro Pereira entregue o cas-

tello aos scismaticos ante que lh'o filhemos, cá despois mais aguas teremos em o cobrar quando abastecido.

— Nom receeis, tio amigo, que quando esso queira fazer nós lhe vedaremos a entrada.

— Pero um perigo haveremos no tolhimento, cá poderemos ser e seremos entre inimigos polas espaldas e pola frente.

— E nós e os nossos, que som mais, lhes daremos dois rostos. Elvas nom pode ser de castelhanos enquanto eu vida haja, dissera Gil Fernandes, continuando energico. Vós sabedes como Evora já é pelo Mestre e como os castellos e villas do reino vão tomando voz por elle. O meu voto é que enxotemos do castello o Pereira ante que lhe cheguem reforços. Filhemos o castello e demos sem trigança toda a villa ao Mestre.

Chegára 'neste momento o convite para Gil Fernandes ir jantar com Alvaro Pereira.

— Nom vades, exclamou seu primo, Martim Vasques.

— Porquê ? perguntára Fernandes.

— Porque temo de sancadilha do Pereira, a quem vosso feito tolheu a fim que tinha.

— Bem me parece que nom vades, apoiou d'ali Gonçalo Casco, que quiçá prender-vos queira.

— Irei, exclamou resolutivo o esforçado Gil Fernandes; quiçá seja esso que temeis por bem da nossa causa.



Ainda o tentaram dissuadir de não acceitar o convite, ponderando que Alvaro Pereira se não limitaria a prendel-o, mas o mandaria matar. Inabalavel, propheticamente risonho, Gil Fernandes mandou dizer ao Alcaide que acceitava, e iria jantar com elle.

A conversação sobre o caso continuou, pactuando-se que o castello seria rondado de quantos ali se achavam, e que, se passadas tres horas, tempo sufficiente para voltar, não fôsse voltado, o considerariam preso de Alvaro Pereira.

Chegára a hora: eram duas da tarde, e Gil Fernandes, armado só de espada, como de costume, fóra de empresas militares, descia a escada para sair. Ainda elle não chegára á rua, ouvira o tropear de um cavallo 'nella, vindo da banda de S. Domingos. Quem será? se perguntou Gil Fernandes.

Deu-lhe logo a resposta a paragem á sua porta de um cavalleiro, exactamente no instante em que punha o pé na soleira da porta. Era Vasco Martim de Mello, o moço, o nosso heroe de desventurados amores, que de Lisboa lhe trazia mensagem do Mestre de Aviz.

Apeado, entregue o cavallo a um pagem de Gil Fernandes, os dois subiram a escada do heroico Governador.

Resumia-se a missão de Vasco Martim de

Mello em fazer saber a Gil Fernandes como o Mestre folgára muito com o seu proceder, contraminando os designios de Alvaro Pereira, e como lhe pedia se esforçasse por tomar o castello da cerca velha, antes que chegassem reforços de Hespanha, que viessem embaraçar o bom exito da empresa começada.

— Diz-me uma voz interna, Vasco Martim de Mello, que nom está para delongas o dia em que filharemos a Alcaçova e seu tredo alcaide: vou agora jantar com elle, e quiçá do jantar nos venha o ensejo...

— Como virá? perguntára Mello.

— Sendo eu preso de Alvaro Pereira.

— Pero a vossa prisom tanto vale como depar-se a cabeça á villa.

— Ora vos enganaes, vol-o digo eu, que mal eu seja preso vereis como a villa me livra da prisom e tomará o castello.

— Mas se vos mandar matar por traição?

— Precavido vou, e vós sabeis como eu darei a vida por alto preço de sangue.

— Nom vades, vos rogo todavia, pedira Vasco Martim de Mello.

— Irei, que faltaria á minha palavra se nom fôsse e fraco sería e cobarde. Voltae vós ao Senhor Infante e lhe dae a nova de que presto Elvas será por elle, como lhe rogo mande ao Condestavel acercar-se, cá poderá ser preciso.



— D. Nuno deve ora ser em Evora.

— Pois hide por essa cidade e lhe dizei que se aparelhe para cobrar Elvas para o Mestre.

— Nom hirei ante que sejaes tornado, cá me parece e muito me arreceo do jantar vir em mal...

— Como quizerdes, terminou o valente caudilho popular; e, despedindo-se de Mello, desceu a escada e partiu.

Correu logo voz na villa de que Gil Fernandes fôra jantar com Alvaro Pereira. Uma inquietação presentimentosa se apoderou de todos os animos, lembrando o caso da aclamação do Mestre em opposição á sua delle, a de D. Beatriz.

Por quatro horas da tarde já passeiavam, armados, em volta do Castello seu tio e primos e Vasco Martim de Mello, com outros, aguardando a saída de Gil Fernandes.

Entretanto terminava lá dentro o jantar, jantar de poucos, perfeitamente de familia.

Acabado elle, Alvaro Pereira, antes que Gil Fernandes houvesse tempo de se despedir, secamente lhe disse:

— Sois ora preso, Gil Fernandes, por tredor á senhora D. Beatriz, e quebrantador dos trau-tos havidos em seu matrimonio.

— Refece proceder é o vosso, alcaide de Elvas! Nom vos respondo com a lingua desta es-

pada, como posso, cá certo eu sou que perdeis a partida, e por mim vos responderá melhor e mui prestes a população da villa.

— Decepada a cabeça, nada fará o tronco, disse Pereira.

— Grão poder tem a cauda d'esse tronco que julgaes decepado: vereis como vos azorragará.

— Mas eu posso mandar-vos matar...

— Matando-vos, e aos vossos: experimentae, e vereis como na ponta desta espada voz fugirá a vida a vós, e nas dos meus homens de armas as de vossa familia.

Emquanto notára em Pereira alguma hesitação, retrocedeu alguns passos sereno e tranquillo, como pondo-se em guarda de Alvaro Pereira, ou dos seus. A noite vinha perto: tocava o tempo a combinada hora para voltar aos que os esperavam.

— Inuteis são vossas fallas, sois meu, lhe dissera, sorrindo sarcastico, o alcaide.

— Mandae abrir as portas do castello, para eu sair por onde vim, vol-o digo.

— Não saireis, respondera Alvaro Pereira. E assim fallando, dava o primeiro passo para lhe volver costas, e quiçá chamar homens que o levassem preso.

'Nisto, sem dar segundo passo, estacára o alcaide, porque na visinha egreja de Santa Maria da Alcaçova começára o sino de tocar a rebate.



— Que vos dizia eu? Alvaro Pereira? Ah! tendes o começo de uma cousa a que nenhum de nós conhece o fim. Deixae-me sair em quanto é tempo, vol-o digo outra vez.

— Nom saireis! respondera o alcaide, partindo d'ali apressado.

E logo os sinos dos Templarios, e logo os das egrejas da villa, como respondendo ao de Santa Maria, começaram de tocar a rebate, chamando ao povo. Ao longe ouvia-se um ruido grande, e cada vez maior.

Para onde saíra o alcaide e com que fim? Não o sabia Gil Fernandes. Destemido, que não era elle homem para o não ser ante o perigo, corre sobre a porta por onde desaparecera Alvaro Pereira e sae por ella.

Na rua, onde já eram as esculcas que vimos, principiaram a affluir grupos de homens armados, e de mulheres, voz em grita, a perguntarem o porquê do rebate.

Já o sabiam alguns, depois que se espalhára a nova de ter ido jantar ao castello o corajoso defensor d'Elvas, e outros o souberam logo. Em menos de uma hora havia em volta do castello velho mais de duas mil pessoas vociferando contra o alcaide.

— Ao castello! soltemos Gil Fernandes! bradára um.

— Morte ao traidor! dizia outro.

— Cerque-se todo lo castello, nom fuja el, exclamava um terceiro.

— Fogo ás portas !

E o recinto em volta do castello já mal comportava as turbas revoltadas, que os trabalhadores dos campos e hortas da villa vinham chegando armados de machados, e de quantas armas primeiro haviam.

Cerrava-se a noite: era preciso operar com dia.

Vasco Martim de Mello, Gil Eannes, Gonçalo Casco e outros, capitaneando as massas, dispersaram em volta do castello, accometteram suas portas a machado e a fogo.

— Gil Fernandes ! Gil Fernandes ! bradavam as turbas.

— Mataram-no, cá nos nom ouve !

— Ainda vivo ! meus amigos, gritára, 'neste instante sobre um adarve da porta principal, o heroico filho de Elvas.

A porta ardia já, era prestes a ser entrada.

Alvaro Pereira não contava com tão subita investida, não se prevenira contra tal ataque do povo: estava perdido elle, e o castello tomado.

— Alto ! alto, amigos ! Viva o Mestre de Aviz ! Real ! real por D. João de Portugal ! bradára lá do alto o denodado elvense, desaparecendo do adarve a que assomára.

Minutos depois, no momento em que a porta



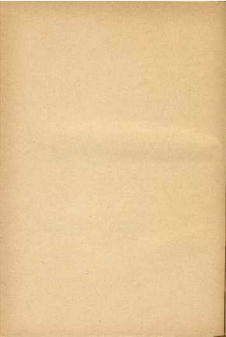
já dava entrada aos revoltosos, apparecia 'nella Gil Fernandes, de espada desembainhada, sublimemente heroica!

— Avonda de investida! Alvaro Pereira entrega-nos o castello com pretesia de sua vida e da de sua familia.

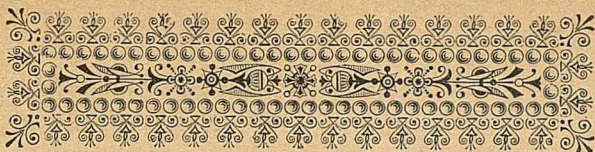
Correu logo esta voz em torno do castello cercado do povo; a investida afroxou, suspendeu-se, e, pouco depois, o alcaide de Elvas com sua mulher e filhos saíam do castello, escudados da força moral do destemido caudilho, que os foi pôr a salvo, fóra da Porta de Sant'Iago.

Fechára-se a noite daquelle dia, para nascer mais um de gloria para Gil Fernandes, o famosissimo elvense, segundo Nuno Alvares Pereira no valor, na actividade, no amor da patria e na liberdade portugueza!









## CAPITULO XIV

### *A batalha de Aljubarrota*

«E foram logo hy mortos  
huña gram cama de castellãos,  
& assy bastos como som os  
freyxes no restollo do bõo tri-  
go, & bem bastos.»

*Chronica do Condestavel*



ANDADO tinha mais de meio o anno do Se-  
nhor de 1385.

Era já rei de Portugal o Mestre de Aviz,  
saído das côrtes de Coimbra D. João I, quando  
outro D. João I de Castella, por haver casado  
com D. Beatriz, filha de D. Fernando, lhe vinha  
por, segunda vez, disputar a corôa, com mão  
armada de uns trinta mil homens.

Poder grande era aquelle, na verdade, para um paiz pequeno, como Portugal, de mais a mais retalhado nas vontades da nobreza, que se passára a Castella em consideravel numero.

Com D. João I de Castella vinha a flor dos cavalleiros de Hespanha nos grãos Mestres de diversas Ordens de Cavallaria, e nos esforçados portuguezes, que haviam renegado a patria de Affonso I.

Como se fôra para um simples passeio, e facil entrada, e conquista de Portugal, pois que direitos lhes negavam um punhado de homens, vinham elles luzidamente trajados, abundantemente armados e abastecidos de tudo quanto mister, sobre consigo trazerem haveres de consideração, em dinheiro e joias de grande valor.

Feita sua entrada 'neste reino pela Provincia da Beira, vieram vindo tranquillamente por Coimbra sobre Lisboa, colhendo adhesões de alguns castellos e praças fortes, e a repulsa e a expectativa de outras.

Vadeado o Mondego, caminharam sobre Leiria.

Emquanto aquella onda de homens armados, de cavallo e de trons vinha rolando por terras portuguezas em perfeita assolação, chamára D. João I ás armas a quantos podera ajuntar nas villas, que por elle tinham voz, e nos inglezes que lhe vieram dar auxilio.



Alguns fidalgos eram com elle á frente de seus homens de armas, em numero de aproximados nove a dez mil combatentes, nove ou dez mil defensores da patria de seus maiores, cada um dos quaes em si consubstanciava o valor de dois ou tres homens, representando D. Nuno Alvares Pereira, só por si, o esforço de muitos, o do indigete.

E resolveram estes poucos sair ao encontro daquelles muitos castelhanos! Sublime arrojo, espartano feito era já semelhante deliberação!

Em campos da villa d'Aljubarrota, andada Leiria e por andar Alcobaça, assentaram seus arraiaes os nossos poucos.

Disputam-se vantagens de terreno escolhido por Nunalvares os escriptores castelhanos, os chronistas do feito assombroso, que alli tivera logar. Levemente accidentado é, em verdade, o terreno, hoje como então. Vantagens não havia nem para uns nem para outros, a não ser para os Castelhanos, que sobre serem triplicemente mais numerosos, traziam trons mortíferos, ou, quando menos, aterradores, e muita cavallaria, que aos nossos faltava.

Tenho para mim que uma conscienciosa inspecção ao local para logo resolve duvidas, tanto mais que a hoste portugueza resolvera ferir a batalha *pé terra*, como então se dizia, sendo-lhe conveniente para isso a campina rasa, ou leve-

mente ondeada de altos e baixos. Nota-se que o esforçado Nuno Alvares Pereira, nos combates anteriormente havidos, usava combater a pé, com vantagem quasi sempre, e não é crível que, tendo os seus homens d'armas adestrados e robustecidos 'naquelle modo de combater, procurasse em Aljubarrota, ou eminencias ou logares defensaveis por natureza para 'nelles inutilisar a coragem, o valor, a robustez dos seus. Não é e não foi.

O ter o terreno por banda um ribeiro ou rio, como aventam alguns, até dos nossos, é de todo o ponto de admiravel simplicidade, como se em 14 de Agosto esses ribeiros ou rios, que não existem, podessem conter agua capaz de difficultar a passagem a um exercito d'aquelles ! Uma facil subida na estrada de Leiria para Aljubarrota, isso sim, havia o terreno, como se observa actualmente do sitio do mosteiro da Batalha até á ermida de S. Jorge, local do mais acceso da pugna homérica, e nada mais.

Não foi a vantagem do solo que decidiu da victoria para Portugal, foi a ordem e a coragem de um lado contra a desordem e fraqueza do outro, não fraqueza numerica, não fraqueza d'animos; porém fraqueza do poder da convicção do numero, que descurára a investida e a considerára um simples avançar, uma continuação de marcha tranquillã.



Não foi Portugal que venceu a Castella, foi esta que se submetteu vencida a Portugal.

De cá havia um plano bem pensado de defenza e de ataque, e duas cabeças gerando ordens que se cumpriam, a do rei e a de Nuno Alvares: de lá, nō exercito invasor, um rei pusillanime e doente, e a falta de um cabo de guerra que valesse o conde Nunalvares.

Cada az castelhana combatera ali a seu talante, sem subordinação a um plano unico de batalha, que o fraco rei não concebeu nem outrem por elle; 'nisto, 'naquella desordem, 'naquelle *quod volumus facile credimus* é que se deve encontrar a derrota do exercito de Castella, a perda da batalha de Aljubarrota, e nunca em desvantagens de terreno. Leiam-se com attenção as chronicas do feito, medite-se bem essa leitura e o que fica exposto se concluirá infallivelmente. Assim penso.

Isto dito, e por que o entrecho simples desta novella, desta chronica se encaminha para o fim natural, o da morte de um de seus heroes, veremos como se ferira a batalha, que nos deu a Portugal uma grande dynastia e a Castella uma pagina de lucto pesado, que só mais tarde poud'alliviar, de modo menos perfeito, no combate de Toro, em Março de 1476.

Antes de 14 d'Agosto de 1385 já no local se viam bastantes tendas do exercito portuguez,

que todos os dias engrossava com chegadas de reforços.

Campo quasi todo raso, coberto de urzes, não tinha o cultivo de hoje; passava por ali a velha estrada, que por Alcobaça seguia para Lisboa.

Ordenára Nuno Alvares a batalha do modo seguinte: Duas alas pequenas, por não haver gente para que fossem grandes, occupavam a vanguarda, onde se via o Condestavel com sua celebre bandeira tendida, cercado de dobrados escudeiros por sua guarda e della. De seiscentas lanças seria a ala esquerda, da qual nascia a direita, em que estava Mem Rodrigues de Vasconcellos com a *Ala dos Namorados*, forte de duzentas lanças.

Ordenada á vontade de todos, sua grande bandeira tremulava ao vento da manhã.

'Naquella ala esquerda estava o esforçado Antão Vasques, com Micer João de Monferrat e outros inglezes frecheiros, em numero de duzentos, faltando egual numero para que completas fossem essas alas.

Na frente dellas, solta ao vento levantino, se via a bandeira de S. Jorge, com outros pendões, signas e balsões, ordenados á vontade de todos. Trombetas 'num ponto ou 'noutro, onde convinha.

Após estas alas de lanças da vanguarda, se-



guiam se os homens d'armas, postados de maneira a poderem ajudal as.

Nem o Condestavel nem os fidalgos traziam cotas d'armas, por onde podessem ser conhecidos.

Nunalvares apenas vestia uma jaqueta de lã verde bordada de roseiras, cota, peito, braçaes e armas de pernas, guantes como de cote costumava, espada cinta, e adaga.

Rasoavel espaço havia desta az á da retaguarda para que esta de prompto soccorresse á primeira, quando preciso. Nesta az, cujas pontas cerravam com a vanguarda e era forrada de homens de pé e de besteiros, havia D. João I setecentas lanças, com sua bandeira sustida de Lopo Vasques da Cunha, alem da valentissima guarda de sua pessoa e da bandeira real.

Bem defendido de armas, cobertas de um loudel recamado de rodas concentricas, e de ramos promiscuos com escudos de S. Jorge, era ali o rei de Portugal.

De bacinetes de camal, sem caras e com ellas, solhas, loudeis, cotas, fraldões e panceiras, e de armas de ferir, lanças, fachas de ferro e de chumbo, e de machados todos elles eram armados.

Por detrás da retaguarda jazia a carriagem: pagens, cavallo, azemolas, mantimentos, gentes de servir e o mais que preciso era a uma



bem ordenada hoste, dentro de um espaçoso curral, defendido de homens de pé e de besteiros, de geito a lhe guardarem as faces de algum insulto inimigo.

Meio dia era quando assim postados os de Portugal, que tinham os rostos a Leiria, notaram que os de Castella moveram sobre a esquerda, para a banda de Aljubarrota. De prompto volveram para ali os rostos as nossas alas, passando a vanguarda pela retaguarda, e correndo aos postos anteriormente indicados D. João I, D. Nuno Alvares Pereira e os demais capitães.

Sem que se possa determinar a intenção dos castelhanos 'naquella manobra, se fôra feita só por não investirem a facil subida para S. Jorge, ou se para que o sol ardentissimo e a poeira nos fustigassem de frente, com vantagem para elles que o ficavam tendo pelas costas, ou ainda se para mais asinha tomarem o caminho d'Alco-baça e Lisboa, desfeito, aniquilado aquelle punhado de valentes loucos, que lhe impediam a estrada, é certo que não deixára de ser favoravel aos portuguezes, por assim poderem antepor ao primeiro choque dos invasores a vanguarda, mais condensada na estreitesa do terreno d'aquella banda.

De facto, o sol declinava para occaso, batendo de chapa nos rostos dos nossos, e o vento de



oeste, a brisa do mar da Nazareth arremeçavalhes nuvens de poeira, erguidas do solo pela sua muita cavallaria delles, e por suas numerosas e fortissimas azes.

Assim postada a batalha, aguardavam os nossos, a pé firme, ledos e contentes aos castelhanos, não embargante o não haverem comido nem bebido muitos delles.

De maravilhar era o espectaculo imponente de perto de quarenta mil homens armados, de uma e outra banda! e maiormente quando os menos numerosos se ostentavam tamanha alegria! Eram elles *como o lume de uma pobre estrella ante a claridade da lua em seus perfeitos dias*, no singelo dizer do velho chronista Fernão Lopes.

Emquanto os de Castella não avançavam para o choque tremendo, era de pasmar a ledisse dos nossos!

Qual fazia voto denodado de ser o primeiro a ferir de lança; qual o de ir fazer uma visita á Abbadessa de Rio Tinto, se escapasse são e salvo da batalha; qual o de pôr mão no rei de Castella, quando o não prendesse!

Quem fizera tal voto arriscado já o leitor o deve suppor. Fôra o desgraçado Vasco Martim de Mello, a quem a vida pesava em demasia, depois que lhe morrera o coração amantissimo, depois de arrastar uma existencia trabalhosa,

sem que a morte, a suprema ventura, que almejava, lhe quizesse a vida nos combates em que tantas vezes lh'a offerecera destemido nas hostes de Nuno Alvares. Pobre moço ! Soaria, finalmente, a tua ultima hora ?

Meia tarde era volvida e os castelhanos indecisos. Que temiam ? que receiavam ? A resistencia de tão poucos fortes certa a teriam elles; mas a victoria, impossivel !

Dois heroes percorriam as nossas alas insuflando ardor em quem já o tinha. Emquanto o Condestavel por um lado, embraçado um escudo, por aparar 'nelle os virotões que começavam de sibilar e de salpicar nos nossos, a todos dizia que não temessem a multidão, que bem se via, por seus apupos e alaridos, que tudo aquillo era um pouco de vento que em breve espaço cessaria, e que ao mover dos castelhanos estivessem quedos, bem firmes os pés, lanças direitas e apertadas debaixo do braço, o mais prolongadas que podessem, em guisa que, quando os contrarios chegassem, 'nelles as botassem quanto podessem ; por outro lado o esforçado Arcebispo de Braga, D. Lourenço, bem armado, de cruz de prata em punho confessava, absolvía, promettia a bemaventurança aos que succumbissem ás mãos dos scismaticos, e recommendava a todos que quando comesçassem de ferir repetissem as palavras *et verbum caro fa-*



*ctum est*, que os rudes soldados trocavam em *muito caro feito é este!*

Tamanha folgança em tanto perigo arrancára a João de Monferrat palavras de muita esperança ao rei, e mais do que esperança, de vencimento de batalha.

— Essa fusa tenho em Deus e na Virgem Maria, que assi será como dizeis, e boa alviçara havereis de tão boa prophesia, lhe respondera D. João I.

Pobre inglez animoso! Quem te diria a ti que poucas mais palavras havias de soltar?...

Passára a hora de vespera e derribado era o dia. Começaram os castelhanos a nos varejar com uma az de tiros, que só para nos espantar e fazer fugir seriam, e logo, posto fogo nos dezeses trons desconhecidos, vomitaram elles algumas pedras, que pouco mal nos fizeram, sem embargo que, por ser cousa nova, a muitos espantaram, soltando após espantosa grita de apupos, e bradando: *a ellos! a ellos!*

«Deu signal a trombeta castelhana  
Horrendo, fero, ingente e temeroso...

Avançou a vanguarda inimiga, tão vasta que podera abraçar a batalha dos portuguezes, se não fôra o começar a ser dizimada dos ficadi-

ços, que por toda ella se retardavam, dando assim causa a que a nossa ficasse logo mais ancha e grossa em espessura de homens.

Um tiro de pedra havia já, apenas, de distancia da nossa vanguarda á castelhana quando começaram a dar as trombetas portuguezas. e ôs nossos a avançar com passo firme, em boa ordenança, mandados do valentissimo Condestavel, o terror de Castella, que bradára: *Portugal! S. Jorge!*

Achegaram-se, era prestes o choque medonho, o embate espantoso d'aquellas vagas de homens inimigos.

N'isto, o heroico Gonçalo Annes de Castello de Vide, cujo denodamento fôra o de ser o primeiro a ferir de lança, avantajou-se aos nossos e feriu, feriu para ser tão prompto derribado como promptamente erguido e amparado.

Travára-se o prelio ingente.

A uns e outros ferem lanças na vanguarda; crusam-se virotões e pedras, ao tempo em que a retaguarda é salteada na carriagem, que os repelle fortissima.

E a ala de D. João I firme.

Não esperavam os castelhanos que os nossos combatessem a pé em toda a batalha: apeiaram-se, e começaram de quebrar contos de lanças por mais curtas as tornarem e mais uteis lhes serem. Um erro sobre muitos; porque emquanto as



quebravam e com seus troços cobriam o solo, terreno ganhavam os portuguezes com perda para os castelhanos, embaraçados 'nelles.

Ai ! mas a multidão era enorme ! e se bem que o vallo de lanças partidas a uns e outros embaraçava o avançar firmemente, começaram de pelejar e de ferir de fachas, espadas d'armas, e de estoques.

Rija, tremenda, espantosa foi a lucta 'neste momento, em volta da bandeira do Condestavel, aquella bandeira sagrada, terror da Hespanha, que almejavam abater uma vez !

Emquanto o redemoinhar de combatentes ali era formidavelmente medonho, perto, muito perto investe nova onda inimiga a nossa az da vanguarda e 'nella faz um rombo, abre um boqueirão enorme por onde se precipitam milhares de combatentes com a bandeira de Castella.

Chegára o momento critico, aquelle que decidiria do destino de uns e de outros : já estavam em frente da retaguarda portugueza, já se defrontavam com D. João I !

'Neste momento, as alas de Mem Rodrigues de Vasconcellos e de Antão Vasques, por instinctivo impulso strategico, dobram sobre o boqueirão e fecham-no ! Dentro, entre a vanguarda e a retaguarda um ruido assombroso de golpes, um revolutear indiscriptivel, um inferno !

Em manifesto perigo estava D. Nunalvares,

sem que bastassem os verdadeiros prodígios de valor da *Ala dos Namorados* e de todos.

Um brado sae 'neste instante, formidavel, animador, dos labios de D. João I: *Avante! S. Jorge! S. Jorge Portugal! que eu sou el Rey!*

Abala rijamente com a retaguarda aquelle valentissimo guerreiro, sobre o ponto onde mais accessa era a peleja. Nem elle nem os seus podem ferir de lança, tal era a multidão! e ferem de fachas.

A um Alvaro Gonçalves de Sandoval, ardido cavalleiro, que podera defrontar-se com o rei de Portugal, joga este um golpe de facha bem empuxado: *recebe-o* o castelhano, e tomando com violencia a facha por ella puxou, tão fortemente, que prostrou de joelhos a D. João I!

Supremo instante de agonia para Portugal fôra aquelle!...

Ergue-se o rei precipite, no momento em que Sandoval lhe manda um golpe tremendo da mesma facha, apara-o solerte D. João I, torna-lhe a tomar a facha, devolve-lhe com ella nova pancada, e vê a seus pés um cadaver feito pelo braço robusto de Martim Gonçalves de Macedo e de outros, que accudiram ao rei com a rapidez do raio fulminador!

'Neste momento, o mais importante do combate, accende-se a pugna pavorosa de golpes e de mortes, a bandeira de Castella é derribada e



com ella o pendão da divisa, os de Castella retrocedem, os nossos bésteiros bradam: *Já fogem! Já fogem!* e aquelles, confirmando a verdade, desandam em perfeita e completa debandada!

Tão grande batalha em meia hora via o mundo por primeira vez!

Ganha-se podia dizer a batalha de Aljubarrota, se bem que nas espaldas ainda se combatia esforçadamente.

Com grande poder, accomettera o Mestre de Alcantara a retaguarda: era preciso abatel-o, destruir-lhe as forças. Lá voou o lusitano Marte com os seus combatentes, e Nun'alvares vence ainda aquelles inimigos.

Agora sim! fogem todos então!

Quadro assombroso foi aquelle! Uns tomam os primeiros cavallos, que encontram; outros despem armaduras que traziam por melhor fugir a pé; taes voltam os jaquetes do avesso, sem lembrarem, os miseros, que pela falla eram conhecidos e mortos; uns deixando as estradas na fuga se mettião pelos mattos, não conhecendo veredas e atalhos para morrerem ás mãos dos camponezes das visinhanças, que ali acorreram em massa!

Um horror! uma hecatombe medonha!

E de D. João I de Castella? que feito é d'elle?

Fugira mal vira derribado o seu pendão! Ga-

lopava com um troço de cavalleiros em demanda de Santarem, deixava mortos e prisioneiros a flor de Castella e muitos portuguezes illustres que com elle vinham, e um despojo valiosissimo no campo, em que os de Portugal cantavam os epinicios da victoria, e com elle se locupletava a soldadesca vencedora.

E de Vasco Martim de Mello, o moço, tão nosso conhecido, que feito é delle tambem? Morreria na lide titanica sem cumprir o seu voto denodado? Acceitar lhe-hia a morte alfim a triste vida, que vivia? Ainda não!

Andado já largo trato da estrada de Santarem aquelle grupo de cavalleiros que guardava ao rei de Castella, sem que Vasco o soubesse, correu este á tenda de D. Nuno Alvares Pereira, ao sabel-o, e um cavallo lhe pediu.

— Um cavallo, agora! exclamára o Condestavel admirado. Quiçá queiraes levar a nova a Lisboa?

— Esso é, respondera Mello, contente de tal lembrança do Condestavel, que o poupava a mentir, mentindo!

Pouco depois, á brida larga seguia o louco a pista ao rei de Castella.

Alcançára-o ao cabo de algumas horas; e, temerario, sem accordó nenhum, sem a menor reflexão, absorvido no seu denodamento sagrado, deu de esporas ao animal, entrou pelo grupo

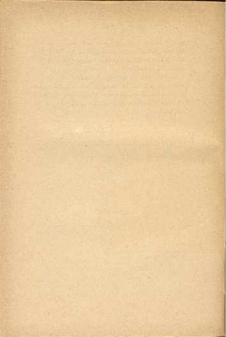


que ladeava ao rei de Castella e caiu varado de muitos golpes, sem conseguir o cumprimento do voto, mas unicamente a morte, que voluntariamente buscára.

E D. João I, de Castella, continuára, victorioso de um só homem, a sua marcha sobre Santarem, deixando em Aljubarrota a outro D. João I, de Portugal, victorioso de uma grande nação !

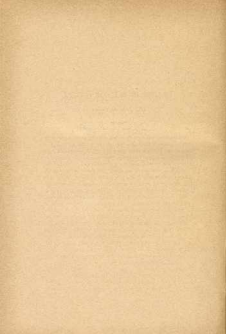
*Laus Deo et Sancto Blasio, optimo vicino meo.*







# NOTAS





## Um pergaminho de S. Bento de Castris

(Origem do livro)

Pag. 11

Gonçalo Gonçalvis dayã da egreja d'Euora vigayro geeral do hõrrado padre Senhor don Johane per mercee de Deos e da santa egreja de Roma bispo dessa meesma Aquantos esta carta virem faço saber que pareceo perante my em juizo dona Johana perez Ferreyrin Abadessa e o conrueto do mosteyro de san beento de Castres que he ácerca da dita cidade per Autoridade de Rodrigo Anes escolar seu procurador da huma parte e Enes afonso molher de lourenço steues do samouco morador na dita cidade represente por vicente domingues escolar seu procurador da outra dizendo o dito procurador das ditas autores e per ellas e en seu nome contra a dita rree que no anno da Era de mill e quatrocentos dezessete annos no mez de Outubro seendo paz antre o Reyno de portugal e de castella e estando e morãdo a dita Abadessa e conuento no dito moesteyro que he fora da cerca da dita cidade que ellas emprazaram aa dita Enes Afonso humas casas com seu quintal que a dita Abadessa e conuento ãm na dita cidade no Muro quebrado que foram de Sancha esteues que foi freyra do dito moesteyro E que a dita Abadessa e donas moraron no dito Moesteyro Ata agora emquanto paz durou E que agora per morte de nosso Senhor el Rey don fernando a quem Deos perdoy Auera necessidade de guerra e arrogia antre este Reyno de portugal e o Reyno de castella E que a dita Abadessa e donas do dito moesteyro por a dita necessidade e por nom rreceberem algũ caiom estando



assi fora da vila se veeron pera esta cidade pera as casas de  
 Robberto anes Coonigo E que o dito Robberto anes lhe mada-  
 ra ia dizer per uezes que se saysem dellas E por que ellas  
 nom tynham casas na dita cidade a que se acollessem se nom  
 as ditas casas que assi emprazaram e ao tẽpo do dito empra-  
 zamento a dita necessidade nom era como agora parecia e era  
 Pediam que per sentença julgasse que a dita Enes Afonso lhe  
 leixasse e desembargasse as ditas casas pera se acolherem a  
 ellas pois que en tal necessidade estauam e outras nom tynham  
 a que se acollessem E eu fiz pergunta ao dito vicente domin-  
 gues procurador da dita Ree que era o que dizia ao que contra  
 a dita Enes Afonso era dito e pedido E o dito vicente do-  
 mingues disse que nom auya por que lhe leixar as ditas casas  
 porque a dita Abadessa Juntamẽte cõ a dita Sancha esteues e  
 donas do dito moesteyro en Cabido per cãpa tanguda lhe em-  
 prazaron as ditas casas en dias de sua vida E que pois lhe assi  
 emprazadas foron segudo mais compridamente era conteudo  
 no contrauto do dito emprazamento que nom era theuda de  
 lhas leixar nẽ deseparar E eu veẽdo o que da huma e da ou-  
 tra parte foi dito fiz trager perante my o estromento do dito  
 emprazamento para se veer per elle se era direyto de leixar  
 as ditas casas a dita Enes Afonso O qual estromento per my  
 visto e a auçon posta per a dita Abadessa e couẽto contra a di-  
 ta Enes Afonso e a necessidade grãde que ha entre os Reynos  
 de Castella e de Portugal E como a dita Abadessa e donas cõ  
 gran rreceo que ouueron e an de rreceberem grandes vergon-  
 ças e deshonnras e dapnos per que nõ tẽe casas na dita cidade  
 en que se acolhã e por seerem deffesas querian as ditas casas  
 pera se acolherem en ellas per sentença en estes escriptos jul-  
 go e mado que a dita Enes Afonso leixe e desembargue as di-  
 tas casas aa dita Abadessa e couẽto pera se en ellas acolhe-  
 ren en quanto esta necessidade durar E en caso que a dita  
 Enes Afonso nõ queira estar no dito emprazamento Mando que  
 a dita Abadessa e couẽto lhe paguẽ a benfiteitoria se a fez nas  
 ditas casas Amoestando a dita Enes Afonso que leixe e desem-  
 bargue as ditas casas como dito he a primeira uez e a ssegũ-  
 da e a terceira dando-lhe per cada huma amoestaçon dous dias  
 E passado o dito termho das amoestações eu ponho aa dita  
 Enes Afonso se o contrayro fizer sentença descomunhon en es-



tas escriptas da qual minha sentença e mādado a dita Enes Afonso pello seu procurador Apelou pera a egreja de Santiago de cōpostela E eu lhe nom rrecebi a dita Apelaçõ por a dita necessidade que auia nos ditos Reynos e dey-lhe por Apostolicas refutações a Auta e processo deste feito com as ditas minhas sentenças E o dito vicente domingues em nome da dita Enes Afonso opoz per agrauo e pedio estromento Dâte en Euorra oyto dias de Janeiro Rodrigo anes calça a fez Era de mill e quatrocentos e veynte e dous annos.

*Decanus.*

## Torre de Geraldo

Pag. 80

Existiu até ao anno de 1796 em que, por muito arruinada, a proston a invernã d'aquelle anno, em 12 de Janeiro. Em parte do muro da cerca das freiras de S. Bento, talvez rebocado ao tempo, se conserva esta memoria aberta na cal :

1796  
Aos 12  
de Janeiro  
cahio a tore  
deste  
convento

## Porta do Templo na cerca velha

Pag. 131

Antes de dizer desta Porta alguma cousa ao leitor menos lido e sabedor da historia de Elvas, tenho que não lhe saberá mal a leitura de breve nota sobre suas antiguidades, conforme aos elementos que me fornece um notabilissimo filho de Elvas.

Por sua posição defensavel por natureza, e por seus uberri-mos campos, não desprovidos de aguas, de crer é que os povoadores aborigenes da Lusitania, antes de serem ou celtas ou carthaginezes ou romanos, houvessem aproveitado tão fertilissimo torrão, a curta distancia banhado do Caia e do Ana, ou Guadiana.

Dos celtas abundam nas visinhanças os monumentos que mais ou menos cobrem o paiz, as *antlas*, a serem obras destes habitadores os conhecidos monumentos megaliticos, e não dos carthaginezes, que se lhes seguiram, e cuja historia mal se conhece.

Dos romanos, desse povo mais alumeado da luz da historia, deverá ser o que resta em Elvas da velha cerca, se não é arabe.

Os celtas ou os romanos dariam a Elvas o nome que tem hoje, com simples modificações phoneticas.

Na lingua celtica duas palavras ha, que lhe podem ser origem: *Ely*, *el* (azeite) e *Ba* ou *va* (bom), segundo nos ensina Bullet nas *Mémoires sur la langue celtique*.

De *Turres Albae*, com naturaes quedas de letras e mudanças em outras, quer fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos* achar a etymologia de Elvas, opinião seguida de alguns homens, não embargando o parecer de outros que melhor veem em Castello Branco a representante da *Turres Albae*. Os arabes lhe chamaram *Eils*, como diz o Nubiense.

Dando de mão a outras opiniões, por não comportal-as uma simples nota, continuarei o meu trabalho.

Tenho como razoavel que os romanos fortificassem Elvas com robustos muros, como o fizeram a Evora e Beja e a outras



terras, como creio que essa onda de homens fortes saídos dos bosques da Gothia, e que supplantaram os romanos depois de 409 de Christo, e com o nome de godos dominaram a Península por trezentos annos bem contados até á invasão dos arabes em 711, conservassem essas fortificações por utilidade propria, e mais as robustecessem com obras de reforço no mesmo estylo e gosto romano, pois que, saídos dos bosques, os seus conhecimentos architectonicos não passariam muito além da construcção da choupana, mais ou menos solida, e da tenda improvisada.

Que estes povos despedaçassem idolos gentilicos não repugna o crel-o, como repugna o fizessem ás fortalezas que a elles proprios eram precisas, para nellas se defender.

Da dominação romana em Elvas, além dos muros, muitas inscripções conhecidas veem no livro de Hübner: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, recolhidas de André de Resende, Levi Maria Jordão, e de outras fontes, as quaes aqui se não reproduzem por não avolumar a nota.

Dos godos, seus successores no dominio, aqui ponho, por menos conhecidas, tres inscripções mortuarias, já godo-christãs, que foram recolhidas pelo antiquario Ayres de Varella:

.....insignem parvo  
mans. carmine amor  
req. in pace d. xiiij. kal.  
marl. era. d. l. xxxii.



florent.  
ivs. famvlvs  
dei. vixit. annos. sep.  
tuazinta. et. cin.  
✠ qv. requiebit. in pac. ✠  
e era seiscens.  
quartus.



florentia fa  
mvl. dei. vixit. a  
✠ nos xxxi requiebit ✠  
in pace era ss  
lscens quartus





Pensam alguns, como o Arcebispo de Tarragona e Manoel Severim de Faria, nas *Noticias de Portugal*, que os godos bateram moeda em Elvas, e citam a de Recaredo: *Recaredus rex : Elvoia justus* e querem ler Elvas 'naquella *Elvoia*.

Não é assim: Elvoia deve ler-se Elvora: porque communmente apparece o nome d'esta ultima cidade escripto dos dois modos graphicos: Evora, e Elvora, e porque nem o sabio Florez, nem depois d'elle Heiss na *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*, nem outras collecções que tem tido e tem Portugal fazem menção de moeda alguma cunhada em Elvas.

Uma só moeda vem em Heiss, a de *Dipo*, que a colloca a 6 kilometros a oeste de Elvas: cabeça de Augusto? no anverso, e no reverso DIPO, embarcação. Esta dipo deve ser a *Dipone* de Antonino Pio, no Itinerario, a que faz succeder *Evandria*, que bem poderá ser Elvas, pois se lhe segue *Merida*.

A situação de Dipo, seja ella qual for, exclue Elvas, propriamente dita.

Com a dominação arabe o contrario succedera do que com a dos godos.

Traziam estes povos conhecimentos perfeitos de architectura oriental fantasiosa, rendilhada, elegante, mas robusta, com que ergueram a mesquita de Cordova e as encantadoras habitações de Granada. Deviam, pois, por utilidade tambem, não só conservar o que não fosse preciso destruir, mas fortificar mais as cidades e villas importantes da Peninsula, que senho-rearam. Em reforço d'este pensar acodem as provas historicas.

A mais antiga cerca dos muros de Elvas deve ser romana com modificações e reforços arabes. A porta do *Miradeiro*, existente até haverá doze annos, e a do *Templo* são mais do que prova, são uma demonstração do raciocinado.

Neste livro fica para passar á posteridade a do *Templo*, copia do original desconhecido á maior parte da população d'Elvas actual.

Foi o sr. Doutor Francisco de Paula Santa Clara, quem a descobriu em sua habitação historica, uma das mais bem situadas da cidade, em volvidos tempos solar dos Mesquitas, cujas armas de familia lhe encimam o portão de entrada, e corte por



alguns mezes de Filippe II de Hespanha, em 1580, antes de ir para as cortes de Thomar.

Lá está ella, a preciosa joia, encravada no seu predio, vedada ás vistas publicas, não se sabe desde quando, por uma parede externa para a rua publica, junto ao arco que por então se praticaria na muralha romano-arabe, que se vê na gravura respectiva ao predio do sr. Santa Clara, para substituir aquella que lá ficava dentro esquecida, inutil, ignorada.

Como se vê da gravura, dupla ou quadrupla era esta porta nos dois arcos arabes de cada uma das grossas paredes que tinha o quadrilatero, vasio de cobertura, d'aquella especie de claustra estrategica, onde o inimigo assaltante seria esmagado do alto dos adarves com as armas do tempo, e com pedras e fogos das alcanzias de naphta.

Existe, pois, ainda em Elvas a porta do Templo, ou Trempe, corrupção popular da primeira palavra, por onde D. Fernando e sua côrte entraram na cidade. Veneranda reliquia é esta dignissima de ser conservada como um precioso monumento nacional, maiormente sendo certo que, não sei porque phenomeno sociologico, nada ou quasi nada existe em Portugal dos arabes, existindo tantos restos de monumentos romanos por todo o paiz, e em Evora o precioso monumento chamado de *Diana*, cuja gravura fica a pag. 195.

Do Templo era chamada esta porta, e dos Santos o foi tambem. Aqui fique o porquê dos nomes.

Não ha duvida historica de que foi D. Sancho II quem, depois de porfiada lucta e cerco de alguns annos, tomou Elvas aos mouros, ou arabes, em 1226, ajudado dos Templarios, a quem o monarcha deu bens consideraveis em recompensa de serviços. Fundaram elles no Rocio da villa um templo, fronteiro á porta arabe que, pelo facto, se chamava no seculo xiv do Templo.

Parece que esta porta se chamou depois dos *Santos*, talvez por que os christãos lhe fariam alguma capella em cima, além de quatro ediculos que existem dentro da primeira e da segunda porta arabes, manifestamente abertos nas antigas paredes para collocação de imagens de Santos, como era costume, e ainda hoje existe uma sobre a porta de Aviz em Evora, aberta no muro fernandino.



Olhava a poente a porta arabe, para a casa dos Templarios, sobre cujas ruínas se edificou mais tarde, em 1528, um mosteiro de dominicas, ha pouco começado a demolir pela Camara municipal.

Devia, pois, esta porta ser a principal da cidadella, e por ella foi que entrou na velha Elvas D. Fernando e D. Leonor Telles, como se deprehende das palavras de Fernão Lopes : «e indo mais adiante (o rei de Castella) foi receber a Rainha Dona Leonor sa sogra, aa porta da cerca velha, que esta acerca do mosteiro...»

«Quatro cintos de muralhas conhece a historia á cidade de Elvas : 1.º o que hoje se designa com o nome de Alcaçova, evidentemente romano-arabe; 2.º o que tinha a cidade no anno de 1226, arabe tambem, filho da necessidade de expansão dos habitantes, que já não caberiam dentro da Alcaçova; 3.º o mandado construir por D. Fernando, que já cingiu a população que hoje existe, aproximadamente, e no qual parece se contavam 22 torres; 4.º o cinto Joanino, mandado erguer em tempo de D. João IV, o qual absorveu o fernandino de modo que pouco existe a lembral-o.

Os paços reaes que tinha Elvas, talvez depois da conquista, a que alludi no texto, foram dados por D. João I ao seu Guardamôr, Martim Afonso de Mello, em 1399, por carta regia de 27 de outubro, em que se lê: «... *paços que havemos na nossa villa de Elvas, a fundo da porta de Santiago; que parlem com casas de Alvaro Coilado, e com outras casas de Fernão Vasques, carpinteiro, de uma parte, e da outra com rua, onde mora Ruy Fernandes, padre de Berberia...*»

São as armas d'Elvas as reaes, representando a D. Sancho II a cavallo e armado, na fórma em que ganhou a cidade.

Até ao anno de 1638 teve Elvas assento em côrtes no segundo banco; 'neste anno, porém, D. Filippe III de Portugal lhe concedeu a honra de ter assento no primeiro banco, a par de Lisboa, Coimbra e Evora. D. João IV lhe confirmou depois esta honra.

Das antigas côrtes celebradas em Elvas as mais notaveis são as que reuniu D. Pedro I em 23 de Maio da era de 1399 (1361) nas quaes a cleresia propoz 33 artigos, chamados *concordia* por Gabriel Pereira de Castro, na *Monomachia*.



Tem Elvas como Evora, um aqueducto, começado a construir pelo mesmo imperante, D. João III, e terminado reinando D. Filippe II de Portugal: mede mais de sete kilometros.

Como praça militar sempre Elvas teve a primasia entre as do reino. Jamais foi entrada de sitiante, como o provam o cêrco que lhe poz Affonso XI de Castella com grande exercito, com o qual retirou ao reconhecer a difficuldade de expugnall-a; o cêrco que lhe poz em 13 de Julho de 1381 o Infante D. João, filho de Pedro I e de D. Ignez de Castro, que ao cabo de cinco dias desistiu do empenho e levantou o arraial; o que lhe poz o proprio rei de Castella, D. João I, sendo governada por Gil Fernandes: o que lhe poz no 1.º de Dezembro de 1644 o Marquez de Torreclusa, que retirou no dia 8 de madrugada, memoravel por que em egual dia e mez do anno de 1226 o guerreiro Bispo d'Evora, D. Sueiro, lhe tinha conquistado um bairro, facto porque proclamou sua Padroeira a Virgem Nossa Senhora da Conceição, muito antes que D. João IV a proclamasse de todo o reino; o que lhe veio pôr em Outubro de 1658 D. Luiz de Haro, Marquez del Carpio, Conde Duque de Olivares, que terminou pela famosissima victoria das armas portuguezas em 14 de Janeiro de 1659; o que por duas vezes lhe tentou pôr o Marquez de Bai em 14 d'Abril de 1706 e em 20 de Setembro de 1712, tendo de desistir do intento e, finalmente, a retirada do Principe da Paz em 1801, sendo Elvas defendida do Tenente General D. Francisco Xavier de Noronha, e a resistencia em 1811 ás armas francezas! as que não poderam entral-a, como entraram as outras de Portugal!

Fallando ainda da casa do sr. Santa Clara, deve ficar aqui a inscripção latina por elle composta e mandada gravar em mormore sobre o arco aberto na muralha da cerca velha, antes de se descobrir a porta do Templo:

*Hæc traditur templi fuisse porta, turrim prospectans e regione stantem, templumque. Illi succede, hospes, ne vana vil fides; et vetustum contemplator opus, quasi absconditum post pulchram vestalium ædem. Templarii equiles, regis Lusitani arma sequuti, expugnata Maurorum arce, pietatis ergo tale posuerunt monumentum, hodie ruina collapsum, ut cernis, desertumque; cras æquandum solo in viarum strata, theatrique fundamenta futuri. Anno 1888.*



Tal a inscripção, escripta antes da descoberta da legitima porta do Templo.

A sua traducção diz: *«Conserva a tradição, que fôra aqui a porta do Templo olhando á torre, que se levanta defronte, e ao templo. Hospede, que desejás convencer-te, entra no edificio, e contempla a velusta fabrica, que parece esconder-se detraz da formosa capella das freiras. Os Templarios, que militaram sob a bandeira do rei de Portugal, depois que a alcaçova foi tomada aos mouros, em testemunho de piedade fundaram esse monumento, que no presente vês caído em ruínas e abandonado, e amanhã arrasado para alargamento das ruas, e para os alicerces do theatro futuro.»*

Como fica dito, nesta casa, actual propriedade e habitação do sr. Dr. Santa Clara, permaneceu Filipe I de Portugal por mais de tres mezes.

Assentára a Camara Municipal de então com João de Herrera, que ali pousasse o rei, não só por ser o solar de antigos fidalgos, como por ser muito saudavel e de largos horisontes por Hespanha dentro.

Eis a carta regia de aviso do rei castelhano á camara, escripta em portuguez por lisongearia, e assignada por um Nuno Alvares Pereira, antithetico do nosso Condestavel famoso :

«Juiz, Vereadores e Procurador da Cidade delvas. Éu Elrey vos envio muito saudar. Éu mando Johan de Herera, aposentador mor de minha casa a essa cidade para dar ordem ao meu aposento e casa Real, faço volo a saber para que lhe assistais e o ajudeis de modo que se faça com brevidade e comodidade que se requere, e da maneira que vos elle dirá. Receberey em serviço faserdelo assi, e conforme aa confiança que tenho de vós. Escripta em Badajoz a X de Julho de MDLXXX.º E'u Nunalz p.ª a fiz escrever. Rey.»

Nesta vasta casa, de que apenas se vê na estampa a face de poente e um tanto a de sul, alem das torres arabes, onde a porta do Templo, e a entrada actual na velha cidade, aberta na muralha, sobre a qual a inscripção transcripta, visitou ao rei de Castella e Portugal a celebre Publica Hortencia de Castro, que perante elle sustentou na cidade conclusões theologicas, em applauso do que lhe mandou dar uma tença de vinte mil reis.



Muito se podera escrever sobre Elvas nesta nota, muito de interessante e pouco sabido, se ella não fôra já extensa, mas, digna de leitura curiosa e ensinadora.

Termine com uma noticia, que dá toda a firmesa ao referido, de que na casa do sr. Dr. Santa Clara esteve o rei de Castella, antes de ir para Thomar. Diz uma testemunha presencial: «*To do o tempo que Magestade d'ElRey D. Philippe primeiro esteve nesta cidade, que foi mais de tres mezes, lhe serviu esta Sé de Capella Real, nella ouvia sempre missa e os mais officios divinos, porque entre ella e o Paço não havia mais que atravessar uma rua.*» (1)

Esta casa, que serviu de paço real, não pode ser outra.

---

## Picota

Pag. 186

Até ao anno de 1857, aproximadamente, existiu o Pelourinho de Evora no ponto da praça de Geraldo, onde actualmente a camara mandou erguer um urinol de ferro fundido. Uns negociantes da praça, menos apreciadores destas peças archeologicas do que das de bom ouro de D. João V, uma noite lhe lançaram cordas á columna de tres troços, e a prostraram para sempre. O Municipio completou-lhes a obra destruidora mandando remover d'ali aquella inutil velharia, que nem para o que teria servido sabiam elles, uns e outros, desaparecendo aquelle symbolo da auctoridade judicial, e sua propria. Como a descreve um homem d'annos, era simples, de marmore, tendo o troço superior torcido em espiraes.

---

(1) Novaes: *Relação do Bispado d'Elvas*, 1655, pag. 6 v.

## Fernão Gonçalves d'Arca

Pag. 187

Foi um dos caudilhos da revolução em Evora pelo Mestre de Aviz. Fiel sempre a D. João I, acompanhou-o na jornada de Ceuta, e veio, depois da vida, repousar na morte, no convento de S. Domingos, hoje demolido. Ainda se conserva no museu da Bibliotheca de Evora a inscripção que 'nelle havia uma capella, que instituiria, que diz assim, ao lado do brasão dos Arcas :

esta: capela: mandou: fazer:  
 fernam: gonçaluis: darca:  
 scudeiro: e: começou: he:  
 acabou: francisco: dõiz:  
 meestre: dobras: de: pedr  
 aria: he: foi: acabada: era  
 de: mil: he: cccc: e: XVI: anos: (1378)

## Batalha de Aljubarrota

Pag. 229

Depois de ter escripto o capitulo *Batalha de Aljubarrota*, re-li a monographia de C. Xímenes de Sandoval, impressa em Madrid em 1872, que já lera, quando publicada.

Foi este livro escripto para attenuar algum tanto o desairoso da desfeita de Aljubarrota, como o prova a insistencia minuciosa de querer aqíar no local do combate uma eminencia sobre escarpas alcantiladas de difficil accesso, e dois rios ou ribeiros por banda, que se não podiam vadear no accommetter.

Isso, a que insiste em chamar ribeiros, não são mais do que leitos de pobres veias de agua no inverno, como o são todos os pontos baixos, e, em 14 de Agosto, apenas uns algares insignificantes. Pouco valor militar deverá ter quem os não passe,



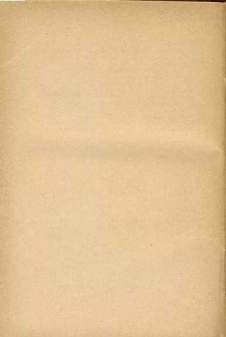
como quem não suba a leve collina para o sitio de S. Jorge. Os Francezes no Bussaco, cansados de combates e de marchas treparam impavidos a serra altissima e abrupta.

Não tinha Sandoval necessidade de tanto procurar difficuldades de terreno, para desculpar a derrota, quando confessa o que eu digo no texto. «...la debilidad de carater del Monarcha y la imperita arrogancia de algunos de sus caballeros, la comprometieron torpemente. Otras deplorables causas orgánicas, tácticas y disciplinarias, pero sobre todo la ausencia de valor moral, de claro discernimiento en mando del ejercito, precipitaron el resultado, que se ha visto.»

Falla na *menor experiencia militar que tenían los portugueses*. Como não sou militar não posso aquilatar bem aquellas palavras; mas posso notar como venceram em Trancoso, Valverde, Atoleiros e Aljubarrota.

Nestas pugnas, temos então de convir em que sempre *faltára o valor moral* aos Castelhanos, e sempre nos portuguezes havia mais *experiencia militar* do que lhes concede.







## GLOSSARIO

Abite	Por avite, avia-te, apressa-te, de pressa ?
Açacal	Aguadeiro
Acaecer	Acontecer
Accurrer	Acudir, soccorrer
Açotea	Eirado, terraço
Acromaniaco	Doente incuravel
Adorado	Com dores, doente
Adorentado	Doente com dores
Aguçado	Apressado
Aguião	Norte
Albarrada	Vaso para beber
Alcoceifa	Bairro de meretrizes
Alfinago	Nome injurioso
Algára	Expedição militar
Algo	Alguma cousa
Almadraque	Coxim, colchão
Almeitiga	Almoço
Almenaras	Fogos para signaes
Almocovar	Cemiterio de judeus
Almuinha	Horta murada
Amorete	Certo panno
Argam	Especie d'alforge
Argempel	Liga talvez de estanho, como ouropel o é de cobre e calamina
Arrogia	Acto de possuir pela cousa a possuir. Do Lat. <i>mina</i> ; arrojo, atrevimento, pilhagem
Asinha	Depressa
Avem	Succede
Avonda	Basta
Badulaque	Ensopado
Bafordar	Jogar a baforda, lança

Balugas	Borzeguins
Bancal	Toalha de mesa
Bastiões	Lavores
Bastida	Machina de guerra para assalto
Beguino	Beato, hypocrita
Bitafe	Letreiro, rotulo
Bodivo	Bodo
Bloida	Excremento
Bombachas	Calções largos e compridos
Bomóloco	Chocarreiro, truão
Bulhão	Punhal
Butir	Jogo prohibido
Cá	Porque
Cajom	Injuria, desgraça
Carque	Carqueja
Castellão	Castelhano
Chefre	Chefe
Chichelos	Chinelos
Cocleada, cochleada	De caracol em espiral
Conca	Tigela
Conhecença	Conhecimento
Conoçuda	Conhecida
Cota	Corpete de dama
Curre-curre	Jogo prohibido
Dinheiros molhados	Trigo e outros generos
Dinheiros seccos	Moeda
Dioso	Edoso, velho
Dobra	Dinheiro de D. Fernando
Doção	Canada
Ensembra	Juntamente
Enxaraval	Véo de cabeça
Esculca	Atalaia, sentinela
Esso	Isso
Esto	Isto
Estonces	Então
Exemplar	Mostrar com ostentação
Faiam	Alguidar, almofa, escudela
Favoritas	Canudos de cabelo
Physico	Medico



Filhar	Tomar
Fiusa	Confiança
Fraldilha	Especie de saia
Frama	Presunto
Gança	Meretriz
Gargantão	Comilão
Garito	Casa de jogo
Gata	Machina de guerra para assalto
Gentil	Moeda de D. Fernando
Gnomon	Relógio de sol
Gratir	Agradecer
Grevas	Polainas de ferro
Gruim	Porco
Guai !	Ai !
Gualteira	Carapuça
Guisa	Maneira
Helicoidal	De caracol, em espiral
Hervoeira	Meretriz
Ieramá	Em má hora
Jaldeta	Jogo prohibido
Jogatar	Zombar
•Leixar	Deixar
Luscar	Jogar
Machatim	Farçante
Malada	Creada de servir
Malga	Tigela
Mancebo	Peanha e haste de madeira com orificios
Marrano	Judeu
Meni	Panno de pouco valor
Misericordia	Punhal, d'onde vem golpe de—
Monachino	Sacristão
Nonno	Padre, religioso
Olivas	Azeitonas
Panasço	Hervas seccas, feno
Passamente	Em voz baixa, em segredo
Pelegrino	Peregrino
Pero	Mas
Plegaria	Supplica
Plumboso	Com chumbo

Poer	Pôr
Postumeira	Derradeira
Preitesia	Ajuste feito
Preste	Padre
Provinco	Linhagem, geração
Quejenda	Qual
Rabás	Ladrão
Rascar	Gritar, chamar
Rasoar	Pensar, raciocinar
Refece	Baixo, vil
Referta	Contenda, disputa
Relho	Fecho de cinto
Requeifa	Bolo de farinha
Requesta	Desafio
Revindo	Meia volta, berço
Rogir	Murmurar em segredo
Rolete	Enrollado
Sabuda	Sabida
Salvas	Juramentos, juizo de Deus
Sambarcos	Sapatos
Sartal	Cordão
Scismatico	Castelhano
Sederento	Sequioso
Semel	Descendencia
Sergente	Creada, de servir
Soccornar	Debruçar sobre os braços
Solia	Certo panno caro
Tabardo	Capote de capuz e mangas
Torgimão	Farçante, alcoviteiro
Tornez	Moeda de D. Fernando
Torrelhas	Jogo prohibido
Trapala	Barulho, estrondo
Tredo	Desleal, traidor
Tregeitador	Especie de bobo
Trigoso	Apressado
Trincheiras	Queixos
Tripartita	Dividida em tres
Valdo	Vadio
Valencina	Certo panno



# INDICE

---

Cap.		Pag.
	Anteloquio.....	6
I	In principio.....	15
II	Quem reina ?.....	31
III	A côrte de D. Fernando.....	55
IV	D. Fernando sabedor.....	69
V	Uma profissão em S. Bento.....	85
VI	A prisão do Mestre de Aviz.....	99
VII	Segredos palacianos.....	115
VIII	Duas mortes.....	135
IX	Politica monastica.....	153
X	Na estalagem de João de Biscaya.....	165
XI	As Janeiras.....	179
XII	A morte da Abbadessa.....	193
XIII	Gil Fernandes.....	213
XIV	A batalha de Aljubarrota.....	229
	Notas.....	247
	Glossario.....	263

## COLLOCAÇÃO DAS GRAYURAS

---

Palacio do Alcaide, etc.....	128
Porta do Templo, etc.....	131
Templo romano (aougues).....	195
Casa do Dr. F. P. Santa Clara.....	256





## ERROS E EMENDAS

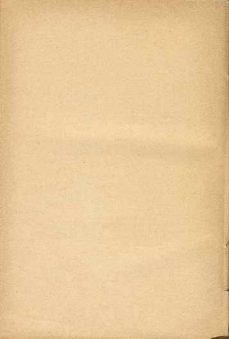
Página	16	'desse	d'esse
α	36	dicidido	decidido
»	37	servidoura	servidora
α	162	hi-de	hide
α	191	incuriosamenne	incuriosamente

---

## PARA OS MAIS:

Se acaso algum erro achares  
Facil ha de ser a emenda,  
Pois nem o maior cuidado  
Os pode evitar na imprensa.

J. C. DA COSTA: *Musa pueril*





*Começou a composição e impressão d'este livro  
em Lisboa, na officina typographica dos honra-  
dos parceiros Barata & Sanches, em Novembro  
de mil oitocentos noventa e cinco e acabou em  
Março de mil oitocentos noventa e seis annos.*

